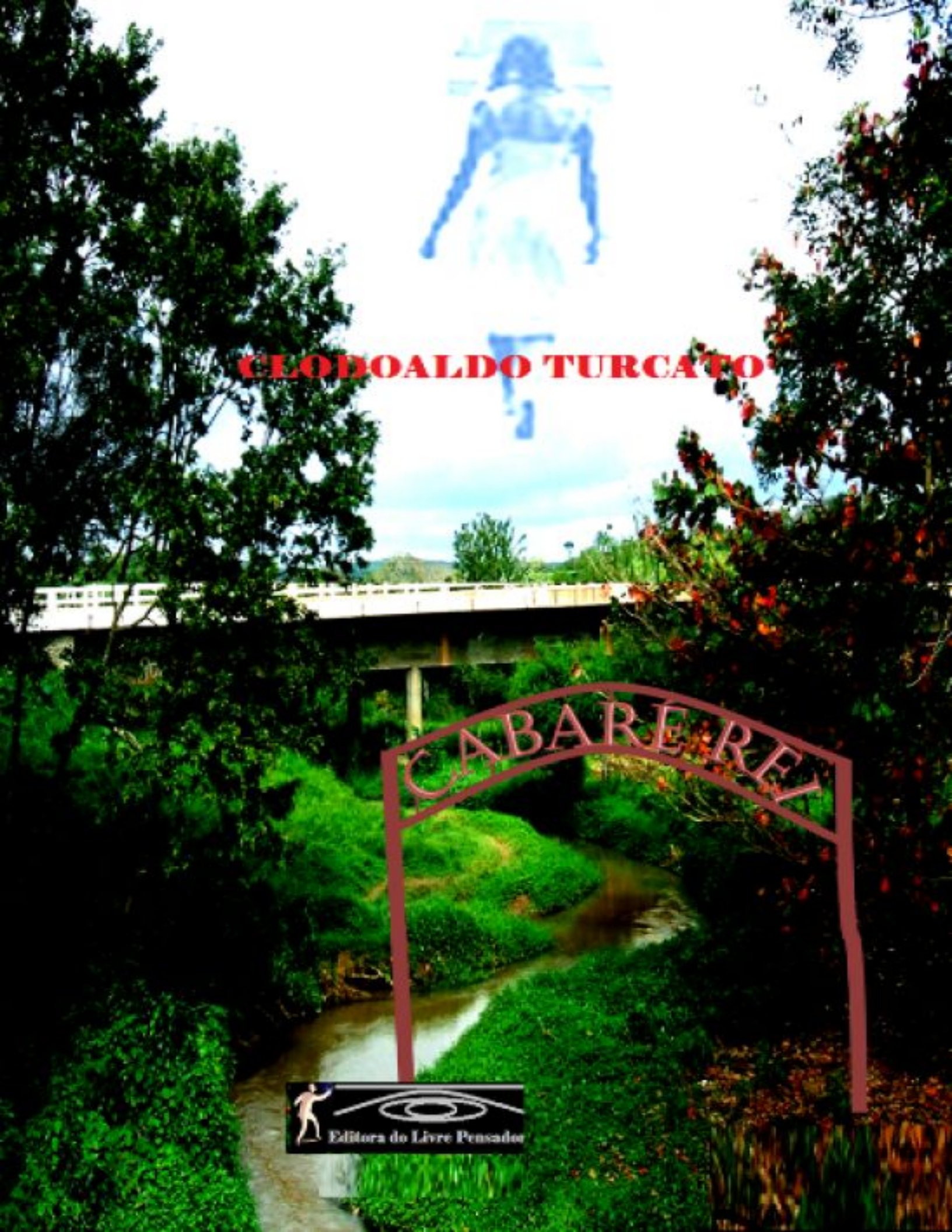

CLODOALDO TURCATO
CABARÉ REY
Editora do Livre Pensador

CABARÉ REI

CLODOALDO TURCATO

CABARÉ REI

Primeira Edição

EDITORA DO LIVRE PENSADOR

Recife, Pernambuco

Titulo Original

Cabaré Rei

Primeira Edição

Copyright @ 2012 by Clodoaldo Turcato

Copyright da edição @ 2012

Editora do Livre Pensador

Avenida Presidente Kennedy, 4834

Candeias

54430-030 – Jaboatão dos Guararapes – PE

Telefone (081) 3425.4516/ (081) 8162.4184

e-mail: clodoaldoturcato@hotmail.com

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais. (Lei 9.610/98).

Capa: Instituto do Livre Pensador

Ilustração de capa: Clodoaldo Turcato

Índice

Dedicatória 08

Prefácio por mim mesmo 09

Brevidades sobre Maninha 14

O fato de eu ser seminarista chefe e outras verdades 22

As verdades do seminário 30

De como me tornei superior ao Padre no Seminário 36

De como assumi minha metade má e confessei meus pecados ao Padre 43

De como surgiu a ideia de mentir sobre a irmã Fidelma 78

De como tentei encurralar a irmã Fidelma 70

De como ajustamos nossas vidas 87

Das certezas da Irmã Henriqueta 89

De como soube notícias do Cabaré Rei 98

Minhas duas faces 105

De como fui designado para investigar o Cabaré Rei 108

Das preocupações do Padre Leonardo quanto ao êxito de minha missão 110

De como Irmã Fidelma me convenceu a aceitar minha missão no Cabaré Rei 115

De como aceitei a missão de ir ao Cabaré Rei 120

De como Nelson despediu-se de mim 124

De como Mamãe e Papai não entenderam nada 126

De como me apresentei ao Cabaré Rei 131

De tudo no meu primeiro diálogo com Maninha 138

De como reencontrei uma velha paixão 147

De como foi o noutro dia - a cobrança 153

De como foi meu segundo dia de trabalho 157

O primeiro relatório 171

Dos meus temores em retomar minha tarefa 177

De como fiz amor com Marlene 181

De como me decepcionei com Marlene 187

De como briguei com Mamãe 191

De como tentei mudar-me para o Cabaré Rei 195

De como Jaime, o churrasqueiro, falou demais 200

De como narrei ao Padre minha descoberta 206

De como encontrei Marlene na cidade 216

De como eu e Irmã Fidelma fomos ao Cabaré Rei 225

De como nos confrontamos com Mamãe e soube do passado dela 239

De como a policia entrou no caso 247

De como fui avisar Marlene noutro dia 255
De como o Padre nos censurou 261
De como a polícia encontrou a ossada de Marciano 264
Do sermão do Padre na Linha Rosário 273
De como colocaram fogo no Cabaré Rei 281
Do que restou do Cabaré Rei 288
De como foi a vida depois 291
De como encontrei Jaime o churrasqueiro 299
Final: tudo tem um fim um dia, até a ilusão 301

Dedico este trabalho a Marlene Pholman, meu primeiro amor não correspondido, a minha ex-esposa Maristela, as Irmãs Fidelma e Henriqueta, minhas professoras do ensino fundamental, ao Padre Leonardo que celebrou minha primeira comunhão, aos amigos Afrânio Pignat, Moaçir Naibo e Mauro Bernardes. Lembranças saudosas de todos os moradores da comunidade de Linha Rosário que integram este trabalho.

Prefácio por mim mesmo

Escrever Cabaré Rei foi um retorno a minha adolescência: tempo das paixões desmedidas. Escrever assim é recordar e registrar os pequenos passos que damos no dia-a-dia. E a cada frase nossos amigos ocultos nos surgem proporcionando inspirações (ou invasões mentais) participando ativamente, sugerindo e alterando o rumo inicial do projeto.

Iniciei este livro ainda fora da prisão e conclui dentro dela. Não tinha grandes esperanças em sua conclusão. Porém o livro foi mais aguerrido que o escritor, tomou forma e ganhou corpo, chegando ao seu final, como vemos. É um livro com vida própria.

Linha Rosário esta localizada no interior de Caibi, Estado de Santa Catarina, onde nasci. É povoada por descendentes de italianos vindos do Rio Grande do Sul por volta de 1965. Os colonos são basicamente católicos conservadores. Nutrem costumes fundamentados pelo catecismo e vivem nesta ótica. No entanto nem todas as ovelhas mantem-se no rebanho, algumas se desgarram. Destas que o livro trata.

Sim, todos os personagens são reais. Maninha foi minha vizinha; Marlene meu amor; Padre Leonardo um homem admirável; Irmã Fidelma um luxo e Irmã Henriqueta uma Santa. Existiram Odila e Alair, duas das Senhoras moralistas de bandeira em punho, batendo contra os costumes do Seminário e as mulheres do Cabaré. O cabaré também existiu, uma afronta àquelas tradições seculares, guardadas pelas boas famílias, mesmo que num circulo hipócrita e baixo. Se por um lado o cabaré afrontava, por outro despertava o desejo masculino, tanto que não caiu, mesmo diante de inúmeras tentativas de retirá-lo. Enquanto os santos queriam seu fim, os homens de carne, osso e falhas, queriam-no em pé. Aquele canto, beira de rio, era o ponto de fuga daquelas almas cansadas de poucas diversões. Gente que nunca saiu do minúsculo pedaço de terra e serras, sem qualquer carinho, um afeto que seja, criadas para serem duros. No cabaré podiam ser apenas crianças.

De tudo, nunca fui um frequentador de cabarés, talvez por ter sido promíscuo em outros cantos. Vi o cabaré, personagem deste livro, duas ou três vezes. Sempre carregado dos medos de Igreja me furtei a conhecer um pouco mais da vida, seguindo uma cartilha dada e remetida para que aceitasse por que era bom, sem mais. Mesmo assim acompanhei a revolução que o cabaré causou na região. Diariamente se discutia alguma coisa a respeito, talvez por falta de assunto ou por tão poucos escândalos no lugar. Os detalhes do prostibulo permaneceram por anos a fio, comentado com esbornia pelos homens e com ódio pelas mulheres. E os homens tem essa particularidade que algumas mulheres não têm: sabem da necessidade de voar. Não se pode manter um pássaro na gaiola, embora alguns aceitem por covardia.

E o que incomodava não eram as putas, afinal elas mantinham-se sempre em seu canto, mas sim a diferença desproporcional entre algumas esposas consumidas pela vida de trabalho e as lindas mulheres que trabalhavam no cabaré. Nunca questionavam, estas matronas, se seus maridos ou namorados eram felizes. Não contava felicidade naquela vida, vivia-se sem perguntar. E os homens tinham momentos de felicidade apenas no cabaré. O temor daquelas coitadas era perder o pouco que tinham, algum respeito conquistado a cheiro ruim e bosta de vaca – tão pouco. E de tudo, todas as andanças que o destino deu, o cabaré permaneceu, intacto, Rei.

De qualquer maneira a vida é misteriosa e clara: não se pode ter tudo, nem amor, mas muito desprezo. Suportar o desprezo consiste em sabedoria. Não apegar-se é outro atributo que precisamos dominar. O que nos desespera é que precisamos nos manter vivos ante tantos baques, tomando fôlego e consciência de que o destino é indomável, soberano, alheio as nossas vontades. E se o destino é Deus, então precisamos respeitá-lo, nunca enfrenta-lo. E olhando para o alto, onde apenas nosso pensamento alcança, percebemos o quanto somos pequenos e distantes da perfeição – somos as cobaias de Deus, apenas isso.

Enfrentei algumas revelações, aquilo que vivenciei e as agruras de duas paixões impossíveis: primeiro por uma Deusa, proibido, e depois por uma Diaba, igual impossibilidade. Quando se ama não se reflete nesta distancia entre querer e poder. Apenas se quer, até que Ele, o Destino, mostra suas garras.

Talvez seja pretensão, mas este é um livro com vários destinos. Cada qual com seus momentos intensos de paixão: um ponto em comum. De tudo, o que sobra são recordações, feridas latentes que ao menor toque tornam a machucar. E o grande problema é que não há o que fazer senão vivermos até o fim.

Brevidades sobre Maninha

Maninha era a filha do meio de um agricultor chamado Armelindo Slaviero, residente em Linha Rosário, Munícipio de Caibi, Estado de Santa Catarina. Cresceu como todas as meninas da época, fazendo suas estripulias, pulando cerca, jogando peteca, comendo banana, brincando de boneca. Quando alcançou onze pra doze anos mudou e passou a ter gosto típico, incomum de vigiar os meninos que se masturbavam na beira da sanga sapo, vibrando quando alcançavam orgasmos, numa espécie de competição, da qual era organizadora. Isso tudo ouvi de meus primos, assíduos frequentadores daqueles bacanais juvenis, que nem se dava pelo nome, apenas brincavam de quem chegava antes, ou quem acertava mais longe - por vezes a medida era a boca de Maninha, que sem receios fazia o papel de copo. Logo que me contaram como era o negócio senti nojo: como poderia uma menina botar aquele negócio nojento na boca?

Quando os seios cresceram vieram os calores do corpo, que a levaram para a safadeza juntos de seus irmãos e vizinhos. Não entendia bem o porquê seus pais batiam tanto nela, além de a chamarem por aqueles nomes feios, só por que brincava daquelas coisas gostosas. “Essa menina tem fogo no rabo!” Todas as tarde escutava a correria de Armelindo atrás da filha com uma vara de vime arrancada de uma plantação que mantinha nos fundos do chiqueiro de porcos. Em minha casa Mamãe mantinha sua plantação, como todos os vizinhos tinha o seu estoque de baquetas,

utilizadas até quebrarem. Uma varra servia pra bater em três crianças, esta era a medida. Quando quebrasse toda, o castigo se encerrava. Mas pra Maninha a dose era única, sem divisão. As marcas ficavam à mostra de quem apanhasse de vime. Por três dias os vergões mantinha-se acusando de que a criança tinha aprontado alguma arte. E sempre tinha um tio idiota pra tirar onda, encher o saco com sermões e concordar com o pai ou a mãe. E lá vinha a história toda, justificada, por que todos eram grandes e sabiam de tudo na vida. Então aquele “conhecer” lhes dava o pleno direito de espancarem à vontade. Depois de cansarem de bater, os pais desistiram de endireitar a filha, já famosa pelas camas quentes que mantinha. E o Diabo da menina ficava cada dia mais bonita, desejada e disputada. Ofertas de toda ordem não faltavam para algumas horas de amor, que atendia prontamente, aumentando sua paga com a experiência adquirida. Parava muito pouco em casa. Vivia pelas garupas de moto ou no carona do poucos carros que apareciam por aquelas bandas, indo e vindo, numa afronta a todos os conceitos moralistas que permeavam aquela comunidade. Aos Domingos, quando retornávamos do futebol, encontrávamos sempre um carro parado próximo a cada do Armelindo Slaviero, era Maninha com um de seus namorados.

Partilhei dos conceitos de Mamãe que a chamava de sem vergonha, puta, china, dentro outros adjetivos funestos. Formei uma imagem a pior possível dela e, como a maioria, me afastava ao vê-la aproximar-se de nossa roda de amigos. No culto ela ficava sozinha no banco do meio. Mesmo os que lhe eram íntimos, nessa hora a desprezavam; ninguém queria aparecer ao lado de uma puta diante de Nossa Senhora do Rosário. E se comentava à larga o penteado, a roupa curta, o perfumado mal cheiroso: tudo em Maninha era feio.

Sua forma de amor livre causou revolução naquele lugar acostumado a coisas sacras. Era de todos e nenhum. Ao menor sinal de discórdia deixava os briguentos. Enquanto perseguida pelos homens, era nome fácil nas bocas das mulheres, tementes aos incursos de seus maridos ou namorados. Não havia amizade para a moça em toda a região; religião nenhuma a aceitava; famílias direitas proibiam que se falasse com ela; autoridades constituídas,

pelo menos às claras, a expurgavam. Se para tantos fosse o fim, mantinha-se alheia ao seu redor, recebendo a todos com alma limpa das perdidas: “ Não me quer hoje, cururu?” O jeitinho com que empregava as palavras e a forma como abria o mini blusa, derrubava a resistência de qualquer Cristão. Quando ela sentava-se no colo, o homem direito pensava consigo que aquilo nem devia ser pecado. Ela era metida. Fazia questão de aparecer em todo canto, sempre ousada. As senhoras e Senhoritas odiavam. E pra piorar pagava a própria cerveja, não pedia nada pra ninguém. Quando em bailes era sensação. Cercada por machos de todos os lugares, sem nunca fazer de graça. Gritava que sua buceta tinha preço, quem quisesse que pagasse, “se danem pra lá pobres, sou uma negociante”.

Nos dias dos sangues ela sumia, pois sentia nojo; tinha as suas reservas. Mesmo sendo uma moça de vida fácil, como diziam na época, guardava um período para si, num retiro protestado e necessário. Mas até nisso a natureza era generosa. Com regras de apenas três dias, voltava com mais fúria ainda, obrigando seus amantes postarem-se numa disputada fila de espera. Não teve jeito, saiu de casa, para alívio de todos. Se bem que o dinheiro que deixava pra família permitia que às vezes se excedesse. E não é que fez falta, tanto que, em surdina, a mãe mandava a mais nova, direitinha, pedir pra irmã algum trocado para os dias de festa. E o Armelindo, que foi bêbado sempre, motivo de tantas noites de corre-corre da família, não perguntava de onde vinha o dinheiro e, quanto mais recursos, menos se falava naquilo.

Com aquela volúpia toda, a distinta arranjou admiradoras que secretamente a visitavam, abrindo seus desejos e recebendo os ensinamentos galgados a duras penas. Estes encontros são perigosos, afinal de contas o coração, esta terra sem dono, pode falsear e aprender o amor. E estas estudantes se empenharam de tal maneira que se formou um ponto de encontro, onde noite e dia se pregava o amor livre. Tais festas eram tão carregadas de erotismo, que se por ventura algum vivente dela participasse, carregaria a lembrança pelo resto de seus dias. E nisso não havia regras, tudo se podia, varando-se madrugadas em oferta a Baco. E

se todos podiam chegar, sempre haveria os que por si tentavam a exclusividade, comum ao coração egoísta dos homens. Tais Senhores compravam seus espaços para serem únicos, nem que por pouco tempo. Tamanho empenho abria exceções, transformando aqueles serrões num próspero negócio. Naquela modesta casa a beira do Rio Iracema, Maninha vislumbrou o único futuro possível para uma mulher de sua fama: então fundou o Cabaré Rei.

E a notícia de que na Rosário tinha uma zona foi recebida com zelo pelos seus moradores. Aquilo taxava a comunidade de forma negativa. No entanto ninguém mexeu muito, afinal de contas que ficassem no canto delas, sem aquelas demonstrações públicas que estava constrangendo a turma nos finais de semana. Aquelas perdidas podiam farar discretamente, que cada uma cuidasse de seus namorados e maridos. Enfim, putaria existia desde que se criou o mundo e ninguém conseguia com a força do sexo. Então era até bom que ficassem retiradas, sem mexer com ninguém - filosofia puritana que em breve cairia por terra.

Ouvi tudo pela boca de Mamãe, num dos finais de semana que fui visita-los – naquele tempo passava a semana no Seminário indo pra casa aos sábados. Dei as costas praquilo. O falatório era coisa de gente da roça, colonada que não tinha outra função senão olhar a vida dos outros. E numa cidade onde um espiro é conhecido por toda a gente quando mal se dá, em pouco tempo sabia-se os frequentadores assíduos, os medianos e os que iam de vez em quando. Segundo a boca suja dos faladores, pelo menos uma vez todos os homens de Caibi passaram pelo Cabaré Rei e foram agraciados pelos encantos de Maninha. Em minha mente via a Roseli da roça, com cabelos mal cuidados, usando luvas pra colher feijão, o que Papai considerava frescuras, já que mãos calejadas e unhas sujas eram sinais de gente direita, pessoas consideradas. A vida precisava ser dura, não tinha espaço pras facilidades da cidade. Colona era pra ser feia, isso sim.

Maninha aprendeu cedo aquele destino e correu dele, deu na cara, afrontou a todos. Mesmo não sendo uma mulher com beleza, tinha a

cara e a coragem, e disto se armou pra tornar-se a cafetina mais famosa que conheci nos tempos áureos de minha infância.

O fato de eu ser seminarista chefe e outras verdades

Naquele tempo - isso se vai vinte e cinco anos - me dividia entre a casa de Papai e a cidade. Finais de semana vivia a felicidade que a infância na roça proporciona e noutros dias morei no Seminário São Domingos estudando Teologia e cursando o Primeiro Grau no Colégio Dom Pedro II, que ficava em frente, bastando cruzar a rua. A bem da verdade, e hoje posso confessar, nunca gostei muito do interior de Caibi, pois representava todo atraso que odiei nas pessoas. Talvez por desconhecerem outro mundo, os colonos se protegiam na ignorância. Achavam que qualquer um que não falasse aquele português horrível com eres a mais, ou esses a menos, eles no lugar errado, um cara duvidoso. Eram chegados a miséria sem facilidades. O negócio era cabo da enxada, foice, mão cheias de calo, roupas de ano e meio, fedor de merda de porco, cabelos cortados em casa e lavados com sabão caseiro feito de restos de porco. Na cidade tinha os livros, onde eu me enterrava diariamente, invadindo outros países com Marco Polo, Julio Verne e Machado de Assis. Me masturbei muito imaginando Justine de Sade

– como seria aquilo? Na roça não ousava nem mencionar tais vontades. Imediatamente seria taxado por louco varrido. Tentei, também de meu jeito, enfrentar meu destino. “Tu fica quieto no teu canto, Codo!”, berrou meu pai, na única discussão que tivemos. Aquilo bastou para compreender que meu mundo não estava ali. Como interno bastava cruzar a rua para a escola e vice-versa. Esta proximidade proporcionou-me situações memoráveis dos subterrâneos que envolviam as duas instituições.

O Colégio Dom Pedro II era uma instituição estadual com Primeiro e Segundo Graus. Ocupava uma área de dois mil metros quadrados, com um prédio de dois andares, aulas em três turnos, sendo o dia destinado pra quem morava na cidade sem emprego e a noite para agricultores e trabalhadores. Todos se conheciam, sabiam onde moravam, os pormenores do cotidiano; coisas de uma cidade com seis mil habitantes apenas, onde cada vida era dividida e comentada por todos. O ponto de encontro era o recreio, geralmente numa das duas quadras em cimento, onde meninos jogavam futebol, enquanto as moças brincavam de roda ou sassaricavam. Neste tempo não era comum os namoricos como agora. Claro que fazíamos das nossas, nada as claras e longe das vistas dos professores, tão afeiçoados a darem corretivos. De vez em quando perambulava algum comentário de um beijo atrás do banheiro ou no depósito de materiais. Se chegasse a direção virava escândalo, causando reuniões entre as famílias, participantes e testemunhas. Na volta da escola, as meninas iam apartadas, seguidas pelos pretendentes que simulavam jeitos para se falarem ou algo mais. Tudo no maior segredo, desses que não escapam dos olhos famintos por uma boa fofoca. E no recreio o correio funcionava com detalhes geralmente distorcidos. Eu via tudo com olhos superiores. Imaginava onde aquelas meninas depositavam suas energias e o quanto tinham que suportar o peso da natureza pedindo por toques e beijos. Porém precisavam manter seus calores dentro de calças jeans Ustop, ou saias com uns calções por baixo pra não mostrarem a calcinha. Tantos hormônios a disposição, que minha total falta de coragem inibia sequer de chegar perto. E algumas até usavam calções pequenos, apertados, principalmente nas aulas de

educação física, que me levava aos comentários mais audaciosos. E sempre tinha aquele safado que prometia contar pra Diretora o que falávamos – o maior veado do mundo –, então restringíamos nossos dizeres a quem fosse de confiança. E sempre tinha uma melhor que a outra; aquela aluna que enchia a quadra nas aulas de educação física. Uma delas chamava-se Flávia Balestreri, minha prima em segundo grau e um dos rabos mais quentes que conheci. Morei na casa dela uns seis meses, sempre ao lado de seus shorts curtíssimos. Ela até que deu mole, mas o medo de tia Honesta - sim este era o nome dela - me impediu de dar minha primeira com ela. E qual, logo que percebeu o toupeira que eu era começou a sair com uns caras de Palmitos, que tinham coragem pra encarrar. E eu, coitado, só imaginando, durantes os banhos, como teria sido.

O Seminário São Domingos era um casario de dois andares salpicado e pintado com uma tinta vagabunda cor verde musgo horrível. Destoava tanto das outras construções que se algum desconhecido o procurava era orientado a procurar o único daquela cor na cidade. Os menos religiosos diriam “o prédio mais feio do mundo”. A parte de baixo era destinado às salas de aula, cozinha, banheiros, salas, lavabo, garagem e uma área de jardins. Na parte de cima ficavam os quartos: cinco de solteiros e dois para casais. Todos os anos chegavam seminaristas da região, grande parte filhos de agricultores sedentos por sair da vida dura das colônias e morar na cidade. Até hoje tem sido assim. Poucos seminaristas optaram pela clausura católica por fé, mas sim para saírem de suas misérias individuais, qualquer que seja. Fugir do destino, como eu e Maninha, tinha várias formas, a mais rápida era o Seminário. Qualquer coisa menos aquela chatice de acordar cedo, ir pro cabo de enxada até cair o sol e no final de cada ano ficar ainda mais burros e pobres. Deus era o caminho. Então se despejavam dezenas de jovens no Seminário todos os anos.

De todos eu era o mais velho e uma de minhas obrigações era coordenar o grupo. Incumbia arcar com as medidas disciplinares, se necessário, e muitas vezes sugerir ao Padre expulsões dos menos zelosos. Com tais incumbências angariei respeito e ódio, cabendo-me a alcunha de papa-hóstias, puxa-sacos, cabrão... e tantas outros

adjetivos que enlameariam este pobre texto. O sujeito esperto buscava na entrada minha amizade. Qualquer propina tornava sua vida mais fácil, fechava meus olhos para algumas faltas, ocasionando a maneira para que nada passasse do ambiente interno. E se a falta aumentasse o preço subia. Então minha condescendência ia até o regalo acabar. Quando não havia mais recursos estes podiam ser substituídos. Assim conheci corpo púberes de irmãs, tias, primas e até mães, dispostas a pagarem pela permanência do parente. Nos finais de semana o Vigário e as Irmãs partiam em visitas pelo interior, deixando tudo sob minha responsabilidade e tal situação me proporcionava novos impostos, pagos com amigas do Colégio Dom Pedro II.

Como Seminarista Chefe, título que estipulei a revelia, mantinha meus seguidores fiéis, tementes a mim e ao retorno para a vida dura da roça, com seus invernos abaixo de zero e doze horas trabalhadas. A família queria muito livrar-se do fardo da criação, pois a miséria era preeminente naqueles tempos em algumas regiões donde vinham àquelas pobres almas para serem por mim exploradas. A qualquer rebeldia cobrava obediência e falsos testemunhos ao meu favor. Portanto de nada adiantava bater de frente comigo.

Se os mais espertos se aproximavam, os menos logo nos deixavam, cheios de ódios e ameaças que nunca se cumpriam. De tudo, a rotatividade era pouca, por duro que fosse meu mandato, pior era o retorno vexatório. Tantas coisas a serem explicadas, minúcias de homens que saíram para servir a Deus e não tiveram paciência, nem mesmo perseverança, ante pequenas provas. Sim, pois cuidávamos para tornar a culpa do desregrado bem maior do que fora, nada que deixasse qualquer dúvida de onde estaria a razão. E no final sempre sobrava um consenso geral de que com Ele não se brinca, logo não seriam críveis de suas verdades.

Para um colono aquela percepção era extraordinária. O que me deu tal conhecimento fora a leitura de dois livros: O Príncipe, de Maquiavel e A Arte da Guerra, de Liu Tze Tu. Neles delineei minhas estratégias, que nunca seriam superadas. Nestes dois clássicos

baseei minha conduta em dois princípios: Sempre parecer o melhor amigo de qualquer um, e encontrar nele as fraquezas; não importam os meios, mas o fim. Pra quem nunca passou da revista Placar e de pensar em feijão e milho, aqueles ensinamentos me deram grande vantagem. Somente depois de ler clandestinamente Sade e Freud, entendi as mulheres e a volubilidade que são para enfrenta-las e dominá-las. Leituras tardias, mas nunca tão propícias.

As verdades do seminário

O Padre que comandava o seminário chamava-se Leonardo. Tinha quarenta anos, dado a vinho e danças. Não tinha menor vocação para o prelado. Era o espelho dos jovens que via todos os dias nas salas do Seminário. Saiu da roça para a vida religiosa, sem nunca ter abandonado os costumes mundanos para trás. Mantinha seus hábitos prosaicos, dentre os quais, participar ativamente de todos os festejos nas comunidades, onde refastelava-se em noitadas com seus paroquianos. Todos estes gestos eram toleráveis, não afligia a

boa fé daquele povo humilde. Porém na humildade existe a malícia, pequenas maldades incrustradas nas almas mais dóceis. E assim se faziam muitas perguntas, dentre as quais se aquele comportamento, que por lá dizem somente jeito de ser, era adequado para um Padre. Outro problema do Padre era suas saídas constantes da paróquia para destino ignorado. Justificava-se pela mãe, muito doente, normalmente pra morrer, que lhe exigia presença semanal. E nestas ausências necessitava de alguém para substituí-lo naquelas tarefas que o sacro direito religioso não impedisse a qualquer mero mortal. Dentre os seminaristas eu era o único capaz para cobrir aquele pequeno pecado semanal. E um sujeito viciado precisa de cobertura, inda mais quando tal vício fere a fé que professa. A natureza pede por determinadas atitudes, alguns suportam sem reclamar o tal fardo divino, outros enganam, perdem-se e precisam ser acobertados.

_ Preciso me ausentar todas as semanas, por causa das doenças de Mamãe. Estas minhas ausências não devem constar no relatório mensal que envio ao Bispo. Compreende?

_ Poderia ser mais claro? Insinuei ignorância do assunto, já antevendo sua necessidade por mim.

_ Meu filho, a Igreja é uma organização que mantem-se pela rigidez de suas regras, que ás vezes nos leva a pequenos pecados...

_ Pequenos pecados, Padre? Insinuei uma ignorância muito vista em outros Seminaristas não dados a raciocinar além do trivial.

_ Sim, meu filho, pequeninos.

_ E visitar sua mãe doente seria um pecado? E como não ir por sua linha de raciocínio, se aquilo me daria grandes vantagens. Afinal, o mundo estava errado, nunca nós, dos pecadinhos.

_ Deixar minha Igreja toda semana, é pessoal, e pecado. Ainda mais agora que o farei duas vezes por semana.

Falou em tom pesaroso, olhando diretamente para mim. Não tinha medo de reprimendas do Bispo, já que estar em Caibi era o máximo

de regressão espiritual que um religioso alcançaria. Fico pensando o que Padre Leonardo ouviria nas confissões das distintas Senhoras de Linha Rosário. O único pecado possível era o da cama, outros não. Ser sovina, ambicioso, maldizente, pequeno, fofoqueiro, etc, não entrava no rol dos pecados. Pecava-se sempre pelo desejo. Uma senhora com seus cinquenta e tantos, que nunca tivera outra coisa a não ser um marido fedendo a espiga de milho, merda de porco, baba de vaca, teria pecados? O céu não estaria aberto, já que entregara seu corpo jovem e quente para ser apagado pela água da hipocrisia, que nunca ia além daquele desempenho desconhecido de cama. E se por sorte esta pensasse em outra coisa que não fosse os segredos da cama fria, dos toques brutos que nunca desejavam nada além que a própria satisfação, precisava confessá-los, penitenciar-se e calar: quem deu a má sorte de serem mulheres? Estar numa confissão com aquelas mulheres era a situação mais bizarra que um homem, com tantos desejos, pudesse suportar. Velhas corocas que se torturavam por terem pensando em tal coisa, tocado determinado lugar, pensado mal de alguém que virara cinzas a duzentos anos! Ou então ouvir de uma mocinha que tinha tocado a língua do namorado, pegado no pênis, sentido vontade de transar ou que tenha feito... Depois de todas aquelas asneiras, segurar o riso e dar o castigo, pedir que não pecassem mais e que não aparecesse com aquelas besteiras.

Dali apenas para a excomunhão, e disso não temia, afinal quem poderia querer aquele local como Caibi para ser Pároco? Uma cidade carregada de gente pequena e imodesta? Não, a Diocese certamente era maior que aqueles desvios de conduta.

_ Duas? Perguntei feliz. Tanto melhor, seriam mais dias como rei do pedaço, pensei.

_ É, meu filho. E nesse contexto preciso de seu empenho e discrição. Fez pausa e sentou-se na cadeira a minha frente. É claro que além das graças do Senhor, serias o encarregado em minha ausência. Ofereceu-me o cargo, comprou minha fidelidade, dando aquilo que eu mais queria: liberdade em agir, dar minhas festas e ter a minha satisfação pessoal. Bastava meu aceite.

_ Padre! Baixei a cabeça e beijei sua mão, emocionado. É claro que pode contar comigo, sou um servidor do Senhor. Nada mais falso e conveniente, ante um sorriso pleno de gratidão.

Naquela tarde fechamos nosso pacto e consegui autoridade similar ao Pároco, livre para articular e me perpetuar no cargo.

Então, caríssimos, vejam o quanto o Seminário serviu-nos, a mim e ao Padre. Isso nunca me constrangeu muito menos a Ele. Algumas vezes Deus se utiliza de gente porca para seus fins, coisas que se compreende somente no futuro. Mas como entender ao Todo Poderoso e suas brincadeiras se somos pequenos pecadores que nem para pecados grandes temos coragem? Deus deve rir de tudo e incluir em uma lista dos tontos espertinhos, que fazem o seu trabalho de formas inadequadas, a principio, mas que dão ao seu final a mensagem belíssima planejada no início dessa festa que é a vida. Vejo isso agora, velho e saudoso, por que meus olhos eram do poder, que inibiu as melhores coisas que a juventude me deu e atirei pela janela.

De como me tornei superior ao Padre no Seminário

As irmãs Carmelitas tinham sua sede na cidade de Palmitos, distante trinta e oito quilômetros de Caibi. Embora fosse perto, às vezes se tornava inconveniente o transporte. Para minimizar as despesas decidiu-se arranjar um cômodo para duas Freiras, filhas de moradores da cidade, quem estavam em outras paróquias. Foram escolhidas a pedido pessoal do Padre, “sendo da terra teriam maior facilidade de se integrar”. Além do mais, a cada ano as

Freiras pediam mudança para locais mais atraentes - serem fieis a Cristo naquele fim do mundo eram dois suplícios, então que o sofrer fosse em uma boa querência. A decisão de por duas mulheres no seminário causou alvoroço em todos os Seminaristas, exceto em mim, afinal de contas teria mais duas pessoas totalmente limpas, sem qualquer influencia que poderiam estragar meu poderio. Falei com Padre Leonardo que me tranquilizou: nada mudaria, tudo seria igual. Elas não ocupariam nenhum espaço nosso. E o Padre estava feliz, não compreendi naquele momento o porquê. Fiquei temeroso por alguns dias.

Então, numa manhã de quinta-feira, recebi as Irmãs. Henriqueta, cinquenta anos, traços alemães, cabelos lisos, rosto firme, olhar severo, enfiada num hábito sem censura; e irmã Fidelma, vinte e quatro anos, cabelos soltos, morena folgada, dentes à mostra, ancas soltas num vestido comportado, com seios saltando, loucos por algum toque. Ambas se apresentaram e pediram pelo Padre. Disse-lhes que estava na Igreja. Dirigiram-se para o local reservado e solicitaram água quente.

Naquele dia vi duas coisas distintas em minha frente. A imagem da santidade e do pecado. Henriqueta era o tipo de mulher que lavamos a boca antes de falar, limpamos a mão antes de estender e falamos com olhos baixos, e mesmo assim nos apequenamos, desejamos sair imediatamente do meio, para não sujar lhes as vestes. Fidelma encantava pelo sorriso e lábios grandes, doidos para serem beijados. Era um misto de pecado e pudor, dentro do hábito apertado, simulado de frescor, que parecia querem abrir-se ante a presença masculina. Devorava com seu olhar desnudando-nos. Malícia intrínseca em sua voz melosa; beijo quente, que acordava os mais escondidos instintos masculinos. Era o tipo de pequena que o sujeito quer estar sempre ao lado, babando.

Havia diferenças entre as duas. Uma servia a Cristo de corpo e alma, a outra somente de alma, pois o corpo carecia do mundano. Ao olhar para Henriqueta almejava-se tê-la por mãe, irmã, avó e nossa Senhora. Com Fidelma desejava-se a namorada, a rapariga, a puta, a Medusa. Os seminaristas se encantaram com ambas, cada

qual cumprindo sua função do perdão e do pecado. E como precisávamos disso.

Irmã Henriqueta não era dada a agitação. Saía apenas paras as aulas de matemática no Colégio Dom Pedro II e as missas. Dedicava-se o restante do tempo para leituras, orações e o crochê, única vaidade que se dispunha. Já Irmã Fidelma detestava a rotina. Escalava-se para o trabalho externo, levada por suas pernas ligeiras para todos os cantos e pecados da cidade. Então Padre Leonardo escalou Henriqueta para os serviços internos, que incluíam a catequização dos estudantes, seleção das moças pretendentes ao cargo de noviças, a burocracia nas comunidades e controle do cemitério. Irmã Fidelma viajava para as missas no interior, eventos em que a Paróquia se fazia representar, como bailes e festas, onde desfilava com sua alegria, suavidade e beleza pura pelos passos de dança, sempre em companhia do Padre Leonardo.

Aqui detemo-nos. A alegria é óleo para os dias difíceis, principalmente na juventude, onde sobram forças, não se remoem asneiras, nem se preveem temores do mais tarde. Tudo é o agora, e nisso permite-se erros que custam caro no futuro. Se duas almas dedicadas ao Santificado se encontram tão perto dessa alegria inocente, os outros prazeres parecem adequados. O amor, este vilão sorrateiro, apresenta-se e as carnes enfraquecem, correm do divino e nascem os romances escusos, tão belos e despreparados. Os corpos se pedem e à noite passos leves vencem a distância do homem e da divindade. O pecado só presta se obscuro, e existe por causa da camuflagem: a noite compromete-se com os enamorados, dando-lhes a lua que tudo esconde, e no meio deste cenário alcoviteiro acontece. Empesando com todos os cuidados, pois não pode ser revelado, porem vai se afrouxando os cuidados, como a linhada que cede, passa com a isca diante dos olhos até que fisga fundo nas entranhas, e ao ver-se preso, de pouco adianta debater-se, melhor curar as feridas e juntar os cacos. Num romance sagrado, sim afinal estávamos com dois representantes do Divino, os pormenores precisam ser maiores, sem facilitar a um desavisado que não compreenderia o que a natureza nos força e atira tudo no

ventilador, espalhando as penas da maldade pelos quatro cantos, dificultando a remissão. E assim fizeram os dois, até que...

Numa dessas manhãs surpreendi o casal; depois de várias noites de boa guarda, quando os cuidados foram desleixados, como em todos os grandes amores proibidos, extremos no começo para entregar-se no fim, logo que se se imaginam seguros. E nisso vem o velho dizer da roça “ onde tem fumaça tem fogo”. Olhares, sorrisos, gestos percebidos e sequentes não enganam. Mesmo os leigos de grandes amores desconfiam, comentam, sussurram: aí tem coisa! Lá estava o pecadinho do Padre, os motivos para suas saídas semanais, o segredo que agora eu sabia. Eu, inconveniente e necessário.

O Padre apressou-se em cobrir o corpo da amada. Não fez nenhum gesto desesperado ante minha passividade na entrada da porta. Nem precisei desculpar-me ou inventar qualquer desculpa esfarrapada. Ambos sabíamos o que eu estava fazendo. Não fui cruel, nem ao menos sorri. Não imagino qual foi minha cara naquele momento. Acredito que não consegui esconder minha satisfação, talvez uma postura de conquistador, máscula do tipo “ eu sabia!”. Era minha vingança pelo Padre ter escondido que a ideia de trazer as Freiras, principalmente Fidelma, para Caibi fora dele, para ficar mais perto de sua amante de tantos anos. Fidelma olhou apavorada para seu parceiro; não tinha ainda a noção de minha astúcia. Encolheu-se e procurou um canto onde pudesse esconder-se, sumir do mundo. Leonardo, íntimo agora, sentou-se na cama, colocou seus óculos e ordenou, aparentando controle da situação:

_ Apareça amanhã, oito horas em minha sala. E você Fidelma, vá para seu quarto. Amanhã tudo estará como sempre esteve. Não é? Dirigindo-se mim.

Apenas sorri. Não, não estaria do mesmo jeito. Tudo dependeria do que me fosse útil o silêncio que o ato em si exigia. Se me trouxesse benefícios ainda maiores, me calaria, ocultaria o crime; porém nada seria como antes. O Padre blefava. Precisava mostrar-se forte ante o desmoronamento de seu castelo dos sonhos.

Cada qual retornou para seus lugares, com seus pensamentos diante de tantas emoções. Não dormi, ante tantas possibilidades; creio que o Padre e Irmã Fidelma contabilizavam suas perdas. O que me perturbou por horas até o dia clarear, foram as costas morenas de Irmã Fidelma. E num exercício delicioso percorri por sob a coberta por todos os cantos e desejei tê-la pra mim, talvez numa divisão conveniente para abafar o escândalo que formigava em minhas mãos. Eu a desejei intensamente.

De como assumi minha metade má e confessei meus pecados ao Padre

Oito horas da manhã entrei na biblioteca, o Padre me aguardava. Pediu que me sentasse, mas me mantive em pé. Ele não insistiu, então pedi para confessar-me. Não tinha planejado aquilo, mas na hora pedi, sem mais nem menos. O Padre estranhou! Não foi daquela maneira que tinha projetado aquela conversa. Mirou-me de cima abaixo devagar a perguntar-se o que eu estaria querendo com aquilo. Me conhecia o suficiente para saber que eu estava lá pra negociarmos outros parâmetros para minha estada no Seminário. Eu tinha ganhado terreno, poderes com meus novos saberes. Desconfiado foi ao confessionário e vestiu-se adequadamente, tornou a sala e pediu que eu começasse.

_ Padre, me perdoe por que pequei, iniciei cabisbaixo, em tom solene, fazendo o sinal da cruz em seguida.

_ Conte seus pecados, meu filho, ou os meus, teria pensando ele.

_ Padre, tenho feito umas coisas que me envergonham. Mantive minha cabeça baixa, mais para conter o riso ante sua cara assustada do que por vergonha ou coisa que o valia. No começo foi difícil conter a gargalhada.

_ Ruins em palavras ou pensamentos? Inquiriu o Padre, quase que automaticamente, do mesmo modo que fazia a quinze anos, duas vezes por semana, para uma fila de centenas de pecadores.

_ E atos...conclui o inesperado, o que tornou o rosto do pároco ainda mais tenso.

_ Como? Atos? Atos era mais pecado que pensamentos e palavras, embora os atos sejam apenas a concretização do que idealizamos secretamente.

_ Principalmente em pensamentos e atos, expliquei-me... estou envergonhado. Agora consegui erguer os olhos e encarrei o Padre. Tentei intensificar a gravidade com um entonação profana, suja, seca. E surtiu efeito na expressão de meu confessor que arregalou os olhos e disse:

_ Fale, meu filho. Deus quer te ouvir. Talvez Deus, não ele. Percebi sacrifício na sua posição. Continha-se, não sabia onde aquilo iria acabar, andava bambo, sem rumo, e sem jeito de sair fora. Jogava então para Deus, quiçá este, que sabe os nossos pensamentos mais profundos, antecipasse minha pretensão.

_ Bem, tenho ocultado as saídas indevidas de meu Padre, que tem saído duas vezes por semana, deixando a Casa Paroquial...Joguei sujo. Confessei o pecado ao pecador, um embaralhado que o enquadrava. Fechou seu rosto, como se implorasse que eu acabasse logo com aquilo, desnecessário.

_ Isso já não acontece a duas semanas, interrompeu com raiva. E o pecador justificava-se. Duas semanas que não acontecia, e o pior estava por vir. Se não cometia o pecadinho, este foi substituído por outro pecado, o que normalmente ocorre ao viciado. Ao cair altera e segue seu ritmo, sem qualquer peso na consciência. Ajeitou-se na cadeira, que queimava em sua bunda, quase o alçando para fora da sala.

_ É Padre, um pecadinho, não é? Sem tanta importância. E nem precisou concluir “quanto ao que vi pela manhã”, mas detive a frase a tempo de embaraça-lo ainda mais. Baixei os olhos, apertei as

mãos, transparecendo algum nervosismo, o que não passou de cena para desarma-lo. Aquilo o estava matando.

_ Sim, mas e quanto aos outros pecados... Disse de supetão, sugerindo um desvio de rumos ou encerrar por ali aquele teatro. Viria um pedido, uma imposição, algo do tipo, talvez uma troca de poderes, justo, afinal o caso era grave.

_ Sim Padre, e tem mais. Voltei a minha humildade inicial, resoluto ao meu falso arrependimento, gozando da condição de meu Padre, que mais parecia diante de um sinédrio de acusadores apontando seus desvios.

_ Iguais a este? Perguntou quase sem voz, temeroso de minha resposta. O que viria a seguir seria dele, não meus. Alguém lhe dizendo tudo o que fazia na calada da noite, nos escondidos das camas e curvas de estradas, nas voltas pra casa, onde sempre se detinha para satisfazer seus desejos, certo do perdão daquele que criou o desejo. Bem se fora criado por Deus, então por que razão contê-lo, guarda-lo por uma convenção que representava e não suportava ouvir as suas próprias palavras pregadas.

_ Não, Padre, piores. Disse afinando a voz, quase ininteligível, miudinho para que ele atiçasse o ouvido, se bem que ele estava no automático, seguindo a risca as normativas da confissão, e os ouvidos de Deus não precisavam de gritos, feriam-se com sussurros.

_ Prossiga, meu filho, ordenou-me, seguido de um gesto de descaso com a mão direita. Estava a meio caminho do precipício, que fosse rápido, que chegasse sua pena e aliviasse o peso daquela cruz.

_ Bem, desde a duas semanas, quando chegou a Irmã Fidelma, tenho tido pensamentos pecaminosos. Encolhi-me ainda mais. Senti os olhos dele me fuzilando, devorado pelo ciúme. Não eram pensamentos de um idiota qualquer; estaria contido naquilo uma condição? Permitiria os tais pensamentos? O que um adolescente maquinava em sua puberdade, disso ele o sabia. Estava sugerindo minha pretensão, o que o levou ao desespero.

_ Com ela? Perguntou sem querer ouvir resposta. Se arranjou sobre a mola, que agora apertava ainda mais, de forma a arremessa-lo distante, num canto onde pudesse suportar-se, imune aos meus tentáculos que ele próprio criara.

_ É, Padre. E voltei meus olhos impiedosos, com desdém a responder “com quem mais, com sua Fidelma, que quero pra mim”.

_ E que tipos de pensamentos, filho? Não seriam puros. Disso ele sabia antes de perguntar, mas perguntou, talvez com uma vaga esperança de que aquilo seria apenas uma confissão.

_ Bem, Padre..., titubeei e segui. Sonho com ela na cama me abraçando, me agarrando. Bom... e indo aos finalmente, sabe... Depois pensando isso faço coisas. De tudo que aprendi era ser falso. Atiçar o inimigo ao erro, para abrir sua guarda e invadir, dar o golpe fatal. E a fraqueza do Padre estava escancarada: o ciúme.

_ Coisas? As mesmas coisas que fazia todos os dias. Seria primário pensar assim? Um jovem pensa sem ordenar direito, não da mesma maneira que um adulto, com mais volúpia, gana, sem a ternura que alguém tarimbado faria. Mas quem dava a um chantagista o direito de pensar coisas com aquela que amava? Ora, que detestável figura era eu.

_ Sim. Sentei-me, sem tirar os olhos dele. Me masturbo, concluí. E que sacana. Masturbasse pensando nela, em algum canto de banheiro indigno... Sim, outros o fariam, naquele mesmo espaço, várias vezes. Seria Irmã Fidelma inspiração para as demoras no banho, idas seguidas no meio da tarde para necessidades que não ocorria antes. Quantas vezes ocorriam por dia? Muitas, por certo. Jamais aquilo passara por sua cabeça: tantos cães dispostos a saborear um naco. Estava diante de um leão, voraz, querendo pelo menos metade, sem regulagens.

_ Filho, isso são coisas normais para a sua idade. Precisa controlar seus impulsos. Pense em Nossa Senhora e não na Irmã, aconselhou-me com serenidade, me distraindo um pouco. Aquele autocontrole seria o contra ataque dele? Remoía seu sentimento, sugerindo pouca importância em minha chantagem; um casinho de

nada, uma negociação em padrões menores que não levariam Fidelma onde eu queria. Não podia afrouxar a corda: tratei de atacar.

_ Mas Padre, a imagem dela não sai de minha cabeça! O corpo dela nua no banheiro... Arregalou os olhos. No banheiro! Então estaríamos agora partindo para os atos? Esta novidade o desconcertou. Se não houvesse a gravidade seria arremessado para o destino final, um cume onde afundaria suas entranhas, não escutando o eco do mundo a gritar-lhe “tem o pior, os atos”.

_ Banheiro! Como assim? O que seria aquilo. Uma espiadela, talvez, dessas que fazem os garotos naquele tempo em que não se sabe a malícia que exista nas portas mal fechadas, nas brechas deixadas para serem espiadas, descuidos necessários que sugerem o convite para invasão, senão por inteiro com os olhos brilhantes.

_ Ah, Padre, foi noutro dia o Senhor dormia e os alunos do seminário estavam com Irmã Henriqueta. Irmã Fidelma pediu para usar meu banheiro que o chuveiro de seu quarto tinha queimado. Bom, ela deixou a porta entreaberta e eu vi. Disse rapidamente. Uma mentira assimilada imediatamente, em uma mente que cavalgava a frente dos fatos, criando seus cenários, não levando em conta que nenhum chuveiro fora trocado e que mesmo que queimasse teriam outros tantos a serem usados. Mas a mente turva do enciumado o levaram para o banheiro pequeno do quarto dos rapazes.

_ Viu o quê? O tom estava comprometedor. Não havia doçura, passava-se de confessor a amante que cobrava pelo desrespeito de um jovem: um homem exigindo reparos, mesmo que não houvesse naquilo menor provimento. Como um Padre poderia sentir-se ofendido por uma espiadela? Não, aquele sentimento era indigno, mal colocado e pueril demais para a situação que eu criei. A desvantagem do Padre era enorme: eu jovem, idade em que meus hormônios permitiam toda sorte de ingerências, afinal desculpasse um menino, principalmente cativo, que tem tanto energia sexual pra gastar; ele um representante de Deus, que não se permite esta audácia de enciumar-se, pois além de pecado, o ciúme é conferido

aos que dele podem participar, até incluso nas relações amorosas com um dispositivo de segurança, onde se diz não haver amor sem ciúmes, pois se quer bem a quem se deseja piamente, e aos que não se ama não se tem nada, nenhuma dor por dividir. Ao Padre doía demais imaginar meus olhos sobre o corpo molhado de Fidelma.

_ Ela tomando banho, respondi depressa olhando diretamente em seus olhos. Não poupei. Então a anatomia humana desapareceu. Foram quatros olhos que se enfrentaram por alguns minutos, numa disputa similar as disputas que as crianças fazem: quem piscar perder. Nenhum dos dois queria piscar. Eu pra não entregar minha mentira, ele pra não dar-se por vencido. E assim ficamos a mirar-nos como feras em duelo. E o mundo todo silenciou, num período em que não precisei quantos segundos gastamos na contenda, até que ele se entregou: piscou - minha mentira virou verdade absoluta.

_ Filho, mas foi uma olhada inocente, né? Olhei pra ele, agora penalizado, um farrapo a minha frente. Suas palavras eram de criança chorona, implorando que Mamãe não o amasse menos que o outro; que o doce era dele; que não teria que dividir seus brinquedos; um homem derrubado diante de uma notícia ruim antes de escutá-la. Não diga verdade, não, diga-me devagar, com jeito pra não machucar. Será que preciso ouvir? Já não sei o suficiente?

_ Padre, pior que não foi. Pum! Um sem numero de impressões passou pela face do Padre. Afundou-se na cadeira, o seu único refúgio, já que as molas não funcionariam naquele momento. Não queria desprender-se mais. Talvez ouvir seria o único caminho, nem mais. E o ciúme aguçava sua curiosidade e a ponte tornava-se mórbida. Estava a ponto de beber a cicuta da traição e não queria outra sorte.

_ E ela percebeu? Falou com tantas falhas que quase não escutei. Por pura piedade não pedi que repetisse e qualquer fosse a questão não alteraria minha resposta: a punhalada final estava pronta, as defesas abertas. Bastava somente dar o golpe, no momento em que eu quisesse fazê-lo - fim.

_ Sim, ela percebeu. Respondi de pronto. Seco e sem o remorso inicial, já que não cabiam mais falsidades naquele jogo. As cartas estavam abertas e a vantagem sugeria minha vitória. Agora eu mantinha o jogo para ganhar mais, faturar com o pouco de dignidade que lhe restava. Mas ao contrario do que deveria ela sorriu e virou-se sinuosamente, completei, como uma cartada que tinha detido na manga para este momento.

_ Sinuosamente como? Ei, não reagiu? Por que reagiria? Bem, sinuosamente é extenso, grande gama de possibilidades, que nem mesmo o mais otário dos homens interpretaria de outra maneira senão o convite. Uma dona em um banheiro que estando à vista de um homem, em vez de bater a porta e ralhar com ele, como faria qualquer que preservasse os bons costumes, portadora da promessa de servir ao Cristo marido eterno, a bilhões de quilômetros, intocável e sem qualquer compromisso com os desejos contidos de uma filha, voltasse lentamente, sinuosamente! O que pensar senão que tudo fora arquitetado para ser daquela maneira? Os personagens em um cenário improvisado com final conhecido por todos.

_ Devagar, mostrando suas ancas... Não escolhi outra palavra. Ancas me pareceram perfeito. Chulo sim, mas deu a noção exata da maneira como estávamos íntimos. E anca se fala para putas, mulheres menores, nunca para uma mulher a que amamos. Então Fidelma era como uma vaca, que se diz de boas ancas. Fildema não era a Dulcinéia minha, apenas uma a mais para ser desfrutada dentre tantas no rebanho. E o impacto foi imediato. O Padre empurrou a cadeira pra traz, segurando-se por um triz de dar o espetáculo todo.

_ Meu Deus! E tal momento lhe fugiu o pedido de clemência ao Todo Poderoso. Não havia momento mais vão para se pecar contra o segundo mandamento. Saiu à toa, por que Deus seria seu ultimo refúgio daquela tragédia. E se Deus agia, talvez fosse por mim, seu espelho, onde perguntaria se existia um homem mais falido que ele e da moldura a voz gritaria “tu, Padre, es a falência das falências, o feio!” Pra que correr para Deus se agia em oferta ao Demônio? Que

procurasse os seus e se virasse com este. Ora, clamar por Deus ante ao fracasso era cômico. Segui devagar.

_ Sim Padre, e tem mais... O sabor daqueles momentos era inigualável e quis estender, degustar em mastigadas calculadas, cortar, picar e só engolir quando estivesse em fiapos.

_ Mais! Que mais? O que mais poderia ser: dois corpos sedentos num quarto sem ninguém, cada qual impelido pelas condições da solidão. Onde poderia isso acabar senão no coito? Pra que a pergunta se poderia saltar para a resposta? Humilhar-se mais, ir ao detalhe, que nada de mais faz senão abrir ainda mais a ferida, já em chagas.

_ É. Devo continuar? Dei a ele a oportunidade de parar. Uma trégua ao já combalido homem. Estava acima, com a espada pronta, apontada para seu coração, mas tive dó e ofertei minha mão, para que saísse apenas ferido e não morto. Não quis. Mantive-o respirando, com algum tiquinho de esperanças de que no último instante um de nós recuasse.

_ Pela Virgem! Prossiga. Postou-se furioso num último movimento a dizer-me: termine o serviço, acabe logo com tudo, seja rápido, não tem volta. Enfie esta espada em meu peito, a dor será menor. Não me torture mais! Porém diga tudo...Chega! Clemencia!

_ Bom, depois se abaixou pra pegar o sabonete. Neste momento pensei que ele fosse me atacar. Prossegui, fingindo naturalidade. Mostrou aquela bunda empinada, faceira, sem pudor. Quanta promiscuidade. Que palavras pequenas ante tanta beleza. Por que diminuir ao pretendido faz parte de qualquer negociação. Eu queria muito, mas barganhava, fazia-me de desinteressado, para ganhar em baixo preço logo à frente. De pouco que fiz mais o irritou. Murmurou algo segurando seu coração que estava prestes a despencar do peito.

_ Ah! Creio que não me ouvia. Sua postura de olhos altos o alçou para uma dimensão superior que não alcancei naquele instante. Respirou fundo, parecia muito mal e tornou para o quarto também em espirito.

_ Depois me chamou pra perto dela e pediu pra que eu lavasse suas costas... Os detalhes, estes cruéis concludentes, pontos que cercam e dão forma a qualquer caricatura, por mais grotesca que seja – detalhes. Se bem que lavar as costas não concluíam tudo, apenas sugeriam o principio aquilo que por menor tornar-se maior. Agiganta-se num monstro tremendo, caindo a besta aos pés desalmados de quem perdeu o controle da preciosidade amada.

_ E tu foi? Depois de tudo ele tinha esperanças de um recuo meu. Algo de bom que pudesse surgir de minha alma e desse pela minha consciência. Talvez ele tenha simplesmente levantado e corrido para outro local, deixando-a, a desavergonhada, sozinha, o que os populares dizem “chupando o dedo”.

_ Fui... Acabou! Fim de fantasia; o feito aconteceu; a esperança sumiu. Agora um homem traído e seu algoz, no meio, como uma bomba a estourar, seguros pelas convenções humanas: frágeis, laços finos, a romper-se ante tantas revelações.

_ Foi? Perguntou com rapidez e já aguardando minha resposta pequena, surda, que o enganasse um pouco mais. Confessei, sem meias palavras.

_ Fui, Padre.

_ Mas que filho da pu... Surgia o homem afinal, sem os segredos que a batina esconde. Se bem que Padre Leonardo não era adepto da vestimenta, relegando para as cerimônias. Era um homem do povo que se visto, sem conhecê-lo, passaria por um negociante qualquer. Não tinha o ar puro dos Santos, nem a maldade dos demônios : um homem comum. Agora demonstrava os sentimentos nossos, imperfeitos, de olhos vermelhos, punhos cerrados e querendo expressar a frase mais ofensiva que um homem de vergonha na cara só fala quando quer acabar definitivamente qualquer vinculo, afundar a amizade, cortar a raízes de qualquer envolvimento. Não a completou em palavras, mas em pensamentos sim. “Filho da puta!” Sim, isso era o que representava para o Pároco, uma peste a ser exterminada, a raposa no galinheiro pronta para acabar com sua melhor cria. Como agir de mãos amarradas?

Expressava-se assim, pela metade. Até nisso sua condição impedia. Era homem ao meio, já que de bom grado me daria alguns muros. No entanto só podia xingar-me pela metade, e nesta meia expressão estava o seu máximo.

_ Padre, estou me confessando. É um momento sagrado. O Senhor não pode perder o controle. Que má sorte. O algoz, a raposa, o amante o colocava no lugar. Lembrava-o do pecador, de onde estava e como deveria agir: feito um Padre.

Recompôs-se imediatamente e ordenou que eu prosseguisse.

_ Bem, ela me pediu que eu ficasse nu, pra não molhar a roupa, sabe. Não tive medo, menos ainda, esculachei-o. Falei devagar para que ele empurrasse cada palavra goela abaixo, rompendo seus ouvidos como uma faca afiada, doendo o máximo. Eu era o homem, ele o corno e nisso estávamos.

_ E você naturalmente tirou. Agora ironizava sua própria sorte. O seu mundo estava escancarado, não passava de um homem do mundo, com ciúme e amarrado. Talvez risse de si. Mas que nada, para se rir precisa-se ter disposição, um mínimo de humor que transfore a tragédia em festa, o que não me interessava. Precisava irritá-lo.

_ Claro que obedeci, afinal a Irmã é uma filha de Jesus. Que descaramento. Pretendia eu atribuir toda a culpa na religiosa. E diga-se que seria justo, afinal de contas quem estava no erro? Eu ou ela? Ambos! No entanto muito mais ela, que tinha se preparado para combater tais desejos mundanos, permitidos a mim, execrados a ela. E num momento de perfeita ordenação, onde eu pecador me sujeitava às taras da mulher santa, num claro gesto de obediência – dever de noviço, nada além poderia dizers-se de mim.

_ Esposa, corrigiu-me. Ela é esposa de Jesus e filha de Deus, apontou para o alto. Esposa! Então teria a hierarquia salvo o Padre da cólera? Esposa que tanto cobiçávamos. A encrenca era maior. Mexer com a amante de um homem era natural, até aceitável, mas com a esposa de Jesus era bulir com o Divino. Tínhamos contas pra acertar com Ele, além do Pai, que por certo não estaria agradando-

se de nossos pecadinhos. Talvez eu estivesse brincando demais com coisas desconhecidas, esses mistérios que somente aos deuses são permitidos toques.

_Perdão, então ela é sabedora das coisas? Olhei funesto. Antes que respirasse prossegui. E a água estava quentinha, ela me tocando, me lavando todo... O Padre mantinha seu olhar aterrador em mim. Seus mais íntimos desejos de ódio pairavam em seu rosto. Sem qualquer sentimento de pena segui. O Diabo entrou em meu corpo, Padre e fiz o pecado. Fiz, não cometi. Não se comete inocente, mas se faz induzido. E meu indutor foi o Diabo, este perene ser que recebe todas as culpas do mundo.

O Padre sacudiu negativamente a cabeça decepcionado. Recostou-se em sua cadeira sem olhar pra mim. Diante do silêncio absoluto que nos dividia, perguntei:

_ Qual será minha penitência, Padre?

Olhou para mim espantado. Talvez quisesse saber qual a dele, afinal o pecador estava vestindo a batina. O castigo já recebera e viria mais, afinal Ele não esquecia. Pôs a mão no queixo. Pensaria em qual seria o mais adequado, em que situação ele estava; um meio homem diante da ironia estampada, seu companheiro de tantas, personagem cruel que lhe tirava duas coisas fundamentais a qualquer ser humano: o amor e a paz.

_ Penitência? E qual o meu castigo, teria me perguntado. Penitência era a sua de ouvir tudo como homem santo em corpo de pecador. Que autoridade teria para cumprir o trabalho que fazia à ordem de Deus, sem mal consegui conter-se? Ergueu a sobrancelha e disse “mais essa agora”.

_ É Padre... Sim, eu queria ser penitenciado. Estava em pecado, em principio tudo não passou de uma desforra, porém o fato de estar desejando as coisas de Jesus, uma mulher que representava a castidade em terra, pecadora, do qual não cabia julgar ou agravar o que grave estava, me incomodava. E se Ele se voltasse pra mim? Bem, não titubei. Fiz as duas coisas: a desforra e o pedido. Isso ficaria entre mim e o Divino.

_ Hum, estou... Que papel ridículo. Fingidos os dois, um ao arrepender-se, outro ao penitenciar. Donde que nada poderia dar certo. Mas o teatro da vida é dessa maneira, por tantas vezes somos levados a interpretar para que os ajustes se façam.

_ Olha, e tem mais coisas, prossegui ante sua indecisão. Agora eu confessaria outras estripulias, danações que nem de longe deveriam irritá-lo tanto quanto ao sabido.

_ Com a Irmã? Seria mais? Faz-se uma vez, outras o seguem. A novidade demora pra cansar: a brincadeira tem fogo pra muito, então haveria outras tantas noites, tardes, pelos cantos, curvas, terraços... onde os amantes se põe a cumprir seus mandatos.

_ Não... Agora todo seu rosto alterou. Um grande ponto de interrogação desenhou-se. Alívio, afinal o pecado não envolvia seu amor, por certo.

_ Não? Soltou-se, relaxou, mexeu as mãos, livrando-se do peso de tanto tempo tenso. O que foi então?

_ Bem, algumas coisas que andam acontecendo nas suas faltas. Não concluía, por pura intenção, já que a espera o matava, ansiedade o enervava e eu estava ali para testá-lo, mostrar quem mandava, dar as cartas e empurra-lo para seu lugar – o pecado era dele.

_ Que coisas? Ele sabia. Sim, sabia, era sua permissão, seu salvo conduto, que dava-lhe a liberdade de pecar e ser coberto. Havia um acordo implícito: de um lado minhas festas, do outro religioso e suas fraquezas.

_ Bom, vou confessar antes que os mentirosos de sempre aumentem a história. Estou com minha consciência tão pesada que decidi me abrir com o Senhor. Falei depressa, como faço quando preciso mentir, para que o ouvinte assimile depressa, sem refletir e não perceba meu engodo.

_ Com Deus, meu filho, e apontou para o alto. Não, era pra ele que eu tinha que me abrir. Mas sim com o Altíssimo. Em minha frente

estava apenas um homem em uma batina queimando sua pele. O espaço era Divino, ocupado por impuros, gente sem merecimento, canais falhos dos preceitos de Deus.

_ É, Padre, com Deus, concordei. Naquele momento não havia mais pirraça, por um instante temi o que estaria fazendo. Aquela situação de pôr o Padre em seu lugar tornar-me acima de sua investidura, como mais um homem teria suas consequências. Deus não esquecia - temido e justo - e na justiça existe a correção, branda ou pesada – nenhum fardo que não se possa carregar, embora aumentemos teimosamente este fardo. Podia sentir minhas costas cansadas.

_ Fale filho, pediu-me inquieto. Não procurou esconder sua contradição. Quiçá Deus não estivesse farto daquilo, com seu tempo tão precioso em quimeras de segunda categoria.

_ Bem, os Seminaristas me pedem algumas coisas para matar a solidão... Deus sabia, e desta certeza nos envergonhamos de relatar a seus representantes, que ainda não conhece. De qualquer maneira, mesmo sabendo, Ele insiste que confessemos a um igual, para que ouçamos nossa consciência apontando a ferida, dedando nosso rosto no espelho da verdade. Somente quando confessamos damos sinais de algum arrependimento, não antes.

_ Coisas? E tão amplo este substantivo. Coisas boas; coisas erradas; comer coisas; gritar coisas; mentir coisas. Tanto para uma palavra, que servia pra muito e às vezes não explicava nada.

_ É, bebidas, filmes e namorar. O escarnio. Os desejos de qualquer jovem, nada demais se não ferisse os olhos do Divino.

_ E você naturalmente nega. Agora o Padre ironizava. Lógico que não neguei nunca, desde que bem pago, aos anseios dos meus. E aquilo tudo, os subornos, transformaram-me em algoz e astro.

_ Naturalmente... Menti. Não tive a coragem para ouvir minha consciência apontando o dedo acusador.

_ Ah bom!, suspirou aliviado. Então não era tão ruim, talvez menos ruim, apenas.

_ Quer dizer, no início neguei, corrigi-me constrangido. Meia culpa; verdade encurvada; saída de fininho; temerosa do grito mundano de infame!

_ Como assim? Tornou ao seu olho severo. Meu rosto demostrava alguma tenência, dando-o autoridade para agir como representante Dele.

_ No início, quando eu não conhecia os pecadinhos...Ou quando não queriam pagar, faze-lo sem temer a minha ação.

_ Pecadinhos! Ambos sabíamos o significado. A corrupção é pequena, menor, a chantagem também, visto os pecados carnais. Um homem pode se corromper ou chantagear, sujar as mãos com o alheio, mas nunca misturar-se a carne. A carne supera tudo. Dito isto, me senti menos mal.

_ Lembra-se da nossa conversa de outro dia? O dia da autorização, quando nos amigamos no incerto, selamos o acordo de que cada qual podia fazer das suas. Permissão para ir até o limite máximo do outro, que agora me passava.

Ergueu as sobrancelhas e acenou com a cabeça positivamente. Ele mesmo propôs, não tinha como negar. Confessor confessado, e não demostrava menor alegria naquilo.

_ Pensei então: Se meu sacerdote, a quem sigo, tem seus pecadinhos permitidos ou no mínimo aceitos, por que não os seminaristas, tão frágeis em sua vocação, não poderiam ter os seus? Bem, a culpa era dele sim. Um líder jamais pode mostrar fraqueza, principalmente quando tem cobras a sua ordem. O coração do homem esconde seus desejos, alguns destes homens nunca o transformam em realidade. Mas eu não era desses cretinos, sempre quis experimentar. Portanto um perigo ao um mau comandante.

O Padre parecia encurralado, sem argumentos. Compreendia a armadilha em que estava metido comigo.

_ E aí? Perguntou-me sem forças. Não usava palavras elaboradas, uma gíria comum, que qualquer um usa - estava fraco e caindo. Em minha boca soaria sem sequelas, mas um Reverendo não podia dizer “e aí”, pois igualava-se a ralé, meu lugar.

_ Aí que abri algumas exceções, mediante a promessa de silêncio absoluto. Bem, o silêncio só pode ser absoluto, senão não seria silêncio. Quando se enfatiza que será absoluto é falta de certeza, a qualquer instante branda o turbilhão das verdades camufladas. Um silêncio entre tantos não é possível. Então caí por terra o absoluto.

_ Absoluto? Tudo estava por explodir. Uma fagulha, um deslize e o mundo de cartas manchadas despencaria.

_ É, absoluto, assegurei. Em minha cobiça não medi a consequência de tudo. Se o Padre fosse descoberto todos seríamos prejudicados e afundaríamos na mesma lama. Ele não percebeu a saída; eu não mostrei; paciência.

_ E o que foi que fizeram de tão grave, digo, que você permitiu de tão grave? Agora dividia a culpa comigo. Talvez percebesse que o erro quando compartilhado prejudica a todos, então todos devem perseverar, errando até dissiparem-se todas as fumaças.

_ Bom, algumas noites têm vindo nos visitar algumas alunas do Colégio. Ficamos lá em cimas vendo filmes, geralmente pornográficos, bebemos e dançamos. Algumas alunas, por certo que falariam para outras alunas, que deixavam escapar para gente de fora, para aqueles ouvidos incoerentes de sempre, sem maneiros, sem qualquer ressalva, espontâneos de língua mole ao vento das bocas pequenas deliciando-se a mesa das mazelas alheias.

_ Só isso? Só o fim. Agora entendia por que algumas alunas do catecismo olhavam descrentes, partilhando conversas paralelas, enquanto a Irmã tentava coloca-las no caminho santo da fé. Quantos fiéis sabiam das orgias do Seminário? Quanta gente

comentaria as faltas do líder e diriam, “bem, se o Padre faz, calcule os outros.” Então as palavras voariam como penas soltas, sem qualquer rumo, nem severidade. O espetáculo era bem maior do que ele imaginava.

_ Não, né... Ele não estava sendo ingênuo. Apenas espantado com minha burrice, talvez. Como um rapaz que parecia tão inteligente corria tanto risco: festas em um Seminário; orgias com meninas do Colégio... Naquele momento quem estava sem entender era eu.

_ Não me diga que... não, concluiu. Havia no Padre o temor de Deus. Sim, embora ele o fizesse no quarto algo bem pior, e isso o revelava agora por sua consciência muito mais cobradora. Precisava encontrar algum argumento que o levasse a agir. A sua vida perdia o sentido se não dominasse aquilo ou a sua fé fora apenas mentirosa. Estava fraco, muito mais agora.

_ Sim, sempre.... confessei sem demora. Disse-lhe que mantínhamos relações sexuais. Agora eu tinha ido ao limite da carne, o que a Igreja batalhava por séculos para escurecer, deformar, tiranizar, permitindo apenas após selar-se o matrimônio. A carne sim amaldiçoava todos nós, num pecado imperdoável para os homens e sabe-se lá para Deus.

O Padre perdeu a paciência, esmurrou a mesa, levantou-se e atirou toda sorte de impropérios. Longe do ministro cordato, tornou-se o homem traído, enjaulado em uma amarra que ele mesmo permitiu. Nada podia fazer, nem ao menos tomar as providências normais para tal caso, como me expulsar imediatamente do Seminário. Estava no meio da sua obra, sem forças, num círculo pecaminoso. Ordinariamente temia o escândalo, a miséria de enfrentar suas fraquezas que agora custavam as minhas estripulias.

Mantive-me em pé, semblante tranquilo, desfrutando de minha vitória interiormente, sem demonstrá-lo, aguardando para o desfecho final. Ele não percebia a saída. Visivelmente transtornado colocou as duas mão sobre a mesa, ainda em pé, como a segurar-se do fardo triplicado que carregaria agora – eu.

_ Bem, vamos concluir, ordenou secamente. Deus falava por ele. Eu tinha quase acabado, pretendido tudo, dado as ordens e nisto ele não suportou.

Antes que retomasse o fôlego disse-lhe:

_ Bem, tem outro feito, de menor importância, claro. Mas cabe nesta confissão.

Terrivelmente abatido pediu-me que prosseguisse.

_ Tenho me acordado a varias noites, eu e outro aluno daqui, que não posso revelar, com passos leves em direção ao seu quarto. Temeroso que fosse um bandido, acordei este amigo e seguimos o barulho. E para minha surpresa demos com a Irmã Fidelma... Bem o Senhor sabe o resto. Não precisei concluir. Outro aluno! Alguém mais sabia... Nisso mais uma mentira. Apenas eu, eu sim, sozinho, porém coloquei alguém mais para meu domínio.

Ficou me olhando sem dizer nada, em completo silêncio. Balançou a cabeça várias vezes, desconsolado com toda a chantagem implícita naquela confissão.

_ Me diga o que você quer? Perguntou-me abruptamente. Rendia-se. Mãos erguidas para a algema.

_ Saber o que devo fazer com meus relatórios que tenho sobre estes pecados todos daqui, meus e seus.

_ Relatório? Então havia o registro, alguma coisa oficial nisso tudo. Eu cumpria minha parte, preparara o trabalho. Estava disposto a levar aos maiores os fatos. Se não então o que seria aquilo tudo? Dependia dele e dizer as palavras certas era importante. Quanto ao pagamento, a decisão seria dele.

_ Sim, fiz um relatório minucioso sobre tudo. Estas minúcias por certo incluiriam tudo e tudo era muito, suficiente para o escândalo, envergonhar a Igreja com a carne exposta aos olhos da comunidade que se ajoelhava para pedir clemencia de homem com mãos cravadas, sujas dizendo-se serem as mesmas feridas que Cristo sofreu.

_ E o que pensa em fazer? A pergunta me surpreendeu. Então jogou a responsabilidade pra mim. Teria que ter coragem pra levar adiante aquilo tudo e talvez meu blefe começasse a ser descoberto.

_ É meu dever mandar para a Diocese, afinal são fatos graves de consciência. Preciso fazer isso, sim. Porém sou seu servidor e assim sendo sou fiel. Devo obedecer a hierarquia desta paróquia. Minha grande dúvida é: faço meu relatório para a Diocese ou deixo tudo nas mãos de Deus. Agora estava calmo e firme. As duas saídas eram temíveis. Deus não precisava de minhas mentiras pra agir, cuidava lá de seu modo de tudo. A Diocese talvez agisse de maneira singular, primária, como sempre fazia com homens imperfeitos que éramos. Não me interessava nada daquilo, mas num rompante de santidade eu poderia estar querendo apiedar-me de minha alma e consertá-la com a verdade.

A pergunta era clara: vai me deixar agir, compartilhar o todo e nisso incluía-se Irmã Fidelma, ou prefere que eu acabe contigo?

_ Deixe a Deus as coisas de Deus, respondeu-me depressa, vacilante, cansado... falido. Em seguida recostou-se a mesa e disse-me a que tínhamos acabado - ao menos um mando.

_ Acabamos? Bem, talvez eu quisesse encerrar com mais condições e por mim tudo estava explicado. Faltava determinar quando usufruiria de minha conquista. Mas cada dia se dá um passo, nada de passos demais em dias de menos. Se forcasse mais quebraria a resistência do Reverendo e chegaria o colapso: veneno em doses pequenas.

_ Sim, já. Levantou-se, tirou a batina e seus adereços: Deus não estava mais presente.

_ E minha penitência, questionei antes que saísse.

Virou-se devagar e sem meias palavras disse-me:

_ Vai tomar no cu seu safado!

E saiu transvestido na ferra que nunca poderia soltar enquanto vida tivesse.

De como surgiu a ideia de mentir sobre a irmã Fidelma

Da confissão relatada no capítulo anterior nem tudo é verdade. O banho de irmã Fidelma foi invenção para colocar o Padre contra a parede. Pensei em muitas coisas que fariam com que o Reverendo ficasse a minha mercê. O mais grave era colocar a Irmã no meio, deformá-la, assim bater no vazio o ciúme que Leonardo sentia de sua companheira de credo. Perder o comando do Seminário não colocaria o Padre onde eu queria, mas o amor sim. Ser transferido significaria ficar longe dela, então por mais grave que fosse minha estória e a suposta traição, o desejo de tê-la por perto o manteria naquela cidade. Então inclui em minhas mentiras o companheiro que nunca se levantou da cama e o banheiro. Ainda assim, sem Fidelma, não seria suficiente para mantê-lo em minhas mãos.

Precisava de mais, mostrar o quanto perderia se não me deixasse em paz com meus assuntos clandestinos. E funcionou.

Agora deixava de ser Sacerdote para ser homem traído, um ser tão perto de mim que de pouco, salvaria seu amor, sem escândalo.

De como tentei encurralar a irmã Fidelma

Saí da sala e fui ao quarto das Irmãs para ajustar as atividades do final de semana. Irmã Henriqueta sentou na cama e despachou como todos os dias, orientando-me quais Seminaristas iriam para o interior a fim de fazerem as leituras nas missas e quais iriam visitar as famílias.

Aguardei a chegada de Irmã Fidelma, que tardava no banheiro, me evitando. Eu tinha atacado o Padre e agora era hora de buscar minha preza principal. Não faria de forma medonha, direto. Precisava agir com cuidado, expor exatamente como seria a situação de ora em diante, antes que os dois combinassem alguma estratégia de defesa. Coloquei-me próximo da porta de maneira que ela me escutasse e perguntei a Irmã Henriqueta o endereço da Ordem das Carmelitas.

_ E pra quê precisa disso, meu filho? Indagou indiferente, seguindo com seus papéis.

_ Bem, Irmã, quero me corresponder com a Ordem. Afinal tenho uma irmã que pretende seguir o noviciado. Além do mais, sempre me cabe enviar elogios sobre os bons serviços prestados pelas Senhoras. Minha irmã tinha dois anos na época, portanto não teria como querer tal coisa. Só percebi meu erro quando já tinha falado.

_ Meu filho, isso é dispensável. Ela não percebeu e seguiu dando pouca importância.

_ Mas insisto, Irmã, cortei aumentando a voz afim de que Fidelma percebesse minha tramoia.

_ Tá bom. Mas cuidado com o que vai escrever. Afinal falso testemunho é pecado e certas vaidades não precisam ser ditas ou

provadas. Escreveu o endereço num pedaço de papel que rasgou do panfleto O Domingo usado nas missas e me estendeu.

Saí do quarto convicto de que Irmã Henriqueta sabia de tudo, inclusive de mim. Porém alheia seguia seu ofício, sem qualquer julgamento ou mensura. Para ela estas pequenezes ficariam a cargo de Deus. Ilustre senhora!

De repente Irmã Fidelma apareceu como um raio. Não esperava que fosse tão rápido, mas lá estava ela, olhos cravados no papel fornecido por irmã Henriqueta.

_ O que vai fazer com isso? Perguntou-me furiosa.

_ Isso? Perguntei mostrando a anotação.

_ É, este endereço. O que pretende? Manteve como nunca a postura de ataque; apenas queria confirmar o que imaginara.

_ Ainda não sei bem. Estou aguardando as ordens de Padre Leonardo: ou mando para a Diocese ou para as Irmãs Carmelitas. Dependendo do que ele ordenar, talvez deixe pra lá... depende. Novamente o mesmo jogo, chantageando de maneira inteligente.

_ Que fatos têm para relatar? Manteve-se na porta, firme como uma rocha, tremendo de ódio.

_ Bem, Irmã, sou conhecedor de tudo, infelizmente... Ela parecia bem mais preparada que o Padre e tinha bem menos a perder. Do que sabia dela não tinha família na região e vivia com independência desde cedo. O máximo seria uma transferência e do jeito que estava não parecia disposta a cair na minha armadilha. Precisava envolver o Padre e mostrar o quanto ele perderia por causa dela.

_ De tudo o quê? Aquilo era coisa dela e do Padre. Minha intromissão a irritava, e o tudo não massificava tanto a ela quanto ao seu amante.

_ Ora, não me force a relatar isso. Prefiro que fique sem sair de minhas palavras. Sou bastante pecador para ver e me calar. Então

preciso preservar meu Padre de tentações, daí que preciso explicar aos meus superiores, e seus, as ocorrências daqui. Cumpro apenas meu dever de seminarista filho de Deus. É indignação de ver o quanto nosso Padre está perdido. Ele precisa de ajuda e de nossa discrição, principalmente da Senhora que é quem mais pode ajudar. A graça e o pecado podem ser divididos e estou disposto a dividir este pecado. Falei com calma, olhando-se dentro dos olhos, como se aquilo fosse minha verdade.

Ela sorriu para mim. Ficamos em silêncio. Após alguns instantes ela aproximou-se e me colocou diante dos olhos seu belo para de seios saltitantes, condicionados em sua blusa de crochê.

_ Meu filho, eu imagino sua indignação com isso tudo, já que deveríamos lutar para conter nossos desejos carnais. Encostou-se a mim, roçando-se devagar. Você é um moço, tão jovem e bonito, passou a mão pelo meu rosto, tão desejado e preso a este compromisso, que chega ser desumano. Não esperava que surtisse efeito imediato.

Passeou suas mãos pelos meus ombros, braços, barriga, alternando em movimentos suaves e rápidos, excitando-me, sem tirar o olhar de meu rosto. Quando intencionei movimentar minhas mãos pelo seu corpo parou bruscamente e se afastou.

_ Estes mesmo impulsos que estas sentindo eu sinto, disse-me recompondo a blusa e a generosidade do sutiã.

_ Por certo que sim, titubeei perdido, sem dar-me pelo que ela pretendia.

_ Então se ponha em meu lugar: jovem, bonita... sou bonita, não? Acenei com a cabeça rapidamente: linda, a mais linda mulher que vi, a mais intrigante e pretendida – uma mulher de verdade.

_ Por certo, és linda, respondi totalmente indeciso.

_ Imagina o quanto me custa servir ao Senhor com tantas vontades. Imaginava, sim, aquele corpo com todas as quenturas da idade, a forma morena enquadrada em Leis antinaturais, que tentavam isolar

do mundo os desejos enclausurando num hábito e em penitencias diárias, num grande circulo de padrões inventados por velhos, com corpos usados, meticulosos no controle do pecado, a maior das faltas: a da carne.

Saí descontrolado em direção à porta, mas antes que tocasse a maçaneta, ela me agarrou por trás e cravou seus lábios em meu pescoço, arrepiando-me.

_ Calma, querido! Por que foges? Desde minha chegada percebi seu desejo por mim e o quanto teme tudo isso. Se fizer este relatório serei expulsa e humilhada. É isso que queres pra mim? Se mandar o Padre embora vou com ele, pra onde ele for e nunca mais me verás. É isso que queres, querido? A mulher, ela, a profana dava-me a amostra em lábios quentes, mais ágeis e com calor que nunca sentira em outra mulher. O Diabo agia ali, não podia ser o Divino, tamanha loucura que se apossou de mim.

Virei-me e a beijei com força, trocando a humilhação daquele relatório por seu carinho, que alternou entre a suavidade do amor velho e a brutalidade do amor novo, compartilhando-se aos olhos do Senhor. Ela deixou que a beijasse, sentisse cada milímetro de seu corpo e quando não aguentei mais, me empurrou, olhou bem fundo e gritou:

_ Pois envia essa merda de relatório logo e conte tudo. Não se esqueça de relatar quantas punhetas tocou pensando em mim. Baixou um pouco a voz e se aproximou. Faz isso seu covarde. Faz! Conte, que meu amor por Leonardo não muda nem aqui nem na China, seu chantagista de merda!

Sentei-me sem forças. Todo meu plano fora por água abaixo. A saída dela daquela sala me fez sentir medo. Toda minha construção não passava de covardia pura. Senti nojo de tudo, da maneira como me comportei, das coisas que pretendi.

Foi o maior vazio de minha vida.

De como ajustamos nossas vidas

E a vida seguiu cada qual cuidando de seus afazeres: Padre Leonardo com a missa e as saídas escusas ; Irmã Fidelma com as comunidades no interior, aulas para as noviças e alunos do Colégio Dom Pedro II; eu com a organização burocrática do Seminário, aulas a noite, cobrança de propinas e cobertura das safadezas de todos, já que tudo acabava em mim; Irmã Henriqueta, quieta, cuidava de nossos pecados, implorando ao Bom Deus por nossas dívidas, causando lesões em seus joelhos que algum dia iriam doer demais, a ponto de nos abandonar.

No entanto eu não podia esquecê-la. Cada vez que via os dois retornarem das saídas, os olhares trocados de reprovação comigo, a frieza no tratamento e meu remorso tornaram minha vida difícil. Pensei em sair do Seminário, correr dali, ficar longe de Irmã Fidelma, encontrar outra coisa pra fazer. No entanto eu estava num lodo e dentro dele não podia sair a qualquer instante sem me comprometer; sempre teria sequelas e sufocado permaneci calado. Quando meu desejo se tornava indomável me masturbava com o

corpo de Irmã Fidelma diante de meus olhos gritando “bate essa punheta, pois é a única coisa que vai ter de mim!”

Das certezas da Irmã Henriqueta

Mesmo tão desvirtuado, sentia remorsos. E dentre tanta escuridão, Irmã Henriqueta era a luz que me dava esperanças de perdão junto ao Criador. Via tudo, sabia de tudo, porém jamais se entregou a maledicência, reservada em seu destino, acreditando piamente em Deus, diferente de tudo o que fazíamos. Todos a reverenciávamos, praticamente beijávamos sua mão na entrada da sala de aula ou no

café da manhã. Nosso consolo, porto seguro, anjo bendito postado naquele lamaçal de todos os dias.

Dias depois dos ajustes, num sábado, Irmã Henriqueta dedicava seu dia de folga para a limpeza do oratório, sem dar tempo para qualquer descanso, já que o sono era suficiente para sua recuperação e o trabalho a reconfortava, “ enquanto estou cá com meus santos fico longe do mundo, que sabe ser cruel”, disse-me convidando-me para auxiliá-la.

_ Por que me olhas desse jeito, meu filho? Perguntou-me com ternura.

_ Que jeito? Indaguei embaraçado.

_ Perdido. Não tenho os atributos que conferem seu olhar. Deveria dispensar estes lindos olhos para Nossa Senhora.

_ Nada, Irmã. Apenas estou vislumbrando sua dedicação ao trabalho.

_ És um tolo. Com tanta coisa melhor pra ver, dispensas seu tempo comigo. Ora, ora! E que melhor trabalho há do que o do Senhor e seus Santos? Eu me divirto aqui, renovo-me; aqui reflito. Estes finais de semana são santificados para mim.

_ Nada. Cada qual com seus deslumbramentos, ponderei.

_ Ou seus pecados, cortou-me, insinuando-se pecadora, uma imagem que jamais vi dela.

_ Pecados! A Senhora?

_ Não diga que me santificaste, riu-se da minha expressão.

_ Praticamente, confessei.

_ E por quê?

_ Bem, a Senhora é tão boa, tão dedicada... tão Santa.

Riu mais uma vez.

_ Certamente não falas de mim.

_ Mas claro, insisti.

_ Meu filho. Se faço algo é por que peco demais. Nada do que eu faça resolveria minhas dúvidas com meu Senhor, e fez o sinal da cruz, tornando para mim. Não se iluda com que os olhos te mostram. Peco tanto mais que o que imaginas.

_ Não acredito nisso. Se pecas imagine eu e os outros. Calei-me certo de ter falado demais. De tudo eu apenas confirmava nossa pequenez. Era difícil conversar com ela, uma mulher cumpridora de seus deveres, seus acordos com Deus. Estar com o espelho acusador diante de meus olhos me incomodava.

_ Outros filhos? Aqui no Seminário? Inquiriu, talvez por pena ou intimamente precisasse avaliar até onde tínhamos ido. Baixei a cabeça, o que disse tudo, sem falar uma única frase.

_ Bem, todos pecamos. Se falo faço por mim, ninguém mais, ponderei. Menti de novo. Agora, porém mentia pra quem não devia; a quem as verdades eram retiradas das entrelinhas, num lampejo, de onde das cinzas surgia o fogo, a brandura era carapuça para astúcia; a cada som de minha boca me enrolava mais.

Olhou-me com firmeza e baixou os óculos, parecendo não estranhar minha língua solta.

_ Você parece carregado, com muitos problemas. Algum remorso?

_ A senhora falando assim me deixa ainda mais penalizado... São tantas coisas. Não resisti àquela inquisição. Parecia tarde para dar a volta; diante da verdade eu caia, entregava os pontos. Meus fingimentos escancaravam: parecia um velho em tenra idade.

_ Hum... Tantas coisas? Imagino.

_ Imaginas? Perguntei aflito.

_ Sim, afinal de contas não costumo perguntar intimidades e nem espiar infidelidades noturnas. E francamente não me cabe julgar os excessos da mocidade. Confirmou minhas suspeitas, o que me

constrangeu ainda mais. Todas as palavras, tão bem colocadas, eram pra mim, fundas e coroadas de pena: que grande ilusão. Que grande mulher, pensei comigo.

_ Sabe, meu filho: o grande problema do homem são as ilusões. Todos as temos, eu, você... enfim, a humanidade. E por elas nos esquecemos de Deus. Mas Ele não se esquece da gente. Ele nos corrige, penitencia sempre para o nosso bem. Devemos ser gratos por isso. Deus é bom, nos ama e nesse amor necessariamente implica em sacrifícios. Mas creia-me: Ele não se furtará a sua tarefa. Senti frio no estômago. A boca Dele mutuou-se na Irmã Henriqueta com seu aviso tenebroso: meu castigo chegaria e por mais que eu fugisse não escaparia, por certo.

Passamos várias horas conversando. Ela era devota de Santa Rita de Cássia, e aproveitou para narra a história da Santa, as forças empregadas no perdão; as Leis Ação e Reação; o comportamento e a maior culpa dos esclarecidos do Senhor. A cada ensinamento, cuidadosamente colocado, mais aumentava minha admiração pela Freira e meu pesar. Eu era escuridão e Irmã Henriqueta a luz. Não contive meu comentário entusiasmado.

_ A Senhora é luz mesmo, fico todo envergonhado só de ficar perto da Senhora. Será que Ele atenuaria minha falta? Pensei em perguntar, porém não tive coragem. Trataria daquele assunto diretamente, sem intermediários. Quem mais seria Deus naquela hora senão Irmã Henriqueta?

_ A luz é Jesus, meu filho. Ele sim ilumina este mundo; eu sou escura, meu filho, escura. Levantou-se, partiu para o lado de São Domingos, limpou seus pés com carinho, devota, envolta em suas orações silenciosas.

_ Nada. Imagina se...

_ Se Deus levasse em conta suas faltas de mocidade não o teria feito jovem, assim cheio de vida. Você nasceria velho igual a mim. Isso não será para sempre. Seu bom coração mudará em breve. Um indicativo, a resposta que tanto buscava, sem nem ao menos ter perguntado. O instrumento divino confirmava que poderia ter se

mudasse depressa. Haveria em mim o germe da bondade, a raiz boa que transformaria o galho torto numa árvore frondosa de frutos saudáveis. De alguma forma me aliviei. Formou-se um nó em minha garganta que segurei com grande esforço.

_ Mas irmã. Não acredito que alguém tão iluminada como você tenha que ficar perto de gente como nós.

_ Quanta bobagem, meu querido. Mesmo assim, saiba que a luz foi feita para a escuridão. Do que adiantaria a luz senão para iluminar as trevas? Pra que os Santos, os Anjos e principalmente Nosso Senhor Jesus Cristo? Filho, eu não, eu sou pó. E tornou para limpeza dos Santos, em pausa, cuidando para que cada milímetro das estátuas brilhasse, lançando algum comentário sobre o desgaste e revitalização necessárias. Isso daqui envelhece, e temos tido tão pouco zelo pelas coisas do Senhor. Lamentável, meu filho.

_ A Senhora é modesta, insisti, tirando-a daquela reflexão. Ela me voltou-se com candura e disse:

_ Filho, tenho cinquenta e cinco anos, já tive sua idade e cometi os seus erros... muito mais do que imaginas, só isso.

_ Já se apaixonou? Perguntei sem pensar.

Respondeu com naturalidade, sem dar conta de meu embaraço.

_ Claro que sim, ora. Sou uma mulher normal. Até mesmo os Santos se apaixonam. Até mesmo Santa Rita de Cássia foi apaixonada. O amor não é pecado, meu filho.

_ É quem foi? Perguntei espantado, como se o amor mundano não alcançasse uma mulher como ela.

_ Foram vários, uns mais, outros menos. Mas nada foi maior que meu amor por Nosso Senhor Jesus Cristo, e benzeu-se novamente, dando um ar quase real a sua imagem.

_ Que sujeito de sorte, gracejei.

_ Menino! Censurou-me. Vamos ao trabalho, daqui a pouco tenho que ir para a rádio para a Ave Maria.

E às dezoito horas a acompanhei até a emissora local, donde transmitiu palavras que entraram queimando meus ouvidos, indo direto para minha consciência pesada.

De como soube notícias do Cabaré Rei

Numa tarde de sexta-feira, um grupo de Senhoras compareceu a Seminário procurando pelo Padre Leonardo. As recebi prontamente na sala de visitas. Todas eram de minha comunidade e traziam uma reivindicação discutida na Linha Rosário, pedindo a retirada de um cabaré próximo da ponte do Rio Iracema. Motivo de desassossego das senhoras e moçoilas de bons costumes, que não conseguiam segurar seus esposos, noivos e namorados desviados pelos demônios arquitetos da destruição das famílias caibienses, expurgando de seus seios os melhores filhos e filhas, que na luxuria daquele canto encontravam as portas do inferno, não considerando os valores morais fincados naqueles recantos, honrando os antepassados que fizeram do trabalho seu exemplo, agora ameaçados por uma cafetina e suas putas degeneradas. O que vi era horrendo. Mulheres da roça, tantos anos de labuta por entre terra vermelha que lhe conferem calos, unhas feias, fedor, pele consumida pelo sol, sem nenhum creme ou proteção que o valha,

tornando-as aos quarenta com aparência de sessenta. Logo que casam algumas perdem totalmente o encanto, se prestam a cuidar de filhos e por descuido perdem-se em gorduras, barrigas enormes, sem formas e atração. Seus maridos, que acham normal as mudanças e são causadores de tal, aguentam até que surge uma novidade, a carne nova, alguém que saiba mais do que abrir as pernas e esperar que o macho chegue ao orgasmo, sem qualquer conhecimento além daquilo que a mãe repassou, ainda pior, e que ouviu de algum aconselhamento religioso. Esta mulher não tem tempo par: corpo bonito, cheiroso, nem disposição para seduzir o caboclo. E o homem paga caro, compra perfumes, roupas e joias pra para a amante em vez da esposa. Faz dela a sua mulher, aquela a quem gostaria de ter em casa, sem ao menos perceber que aquela companheira seria bem mais atraente que a puta se ele desse o primeiro passo. E quando uma mulher da roça se arruma as demais comentam. Vêm com maus olhos; a beleza não é prioridade das roceiras. Estas não devem ser mais que trapos humanos para servir um homem, que na maioria foi o que deu pra arranjar, sem amor, mais por que estava na hora de casar, com idade adequada. E que os outros falariam se ficasse pra titia? A maioria das roceiras está com um homem que é apenas um vizinho, conhecido, sujeito trabalhador, de boa família que fecha com as pretensões dos pais. Este é o marido que acaba no primeiro encanto novo e paga por isso, privando sua esposa para dar a outra, descapitalizando a família, de tão poucos recursos – a maioria dos roceiros são pobres de contar cada centavo.

O que aquelas mulheres reivindicavam era o direito de permanecerem feias, suadas e sujas. De eliminar aquelas jovens limpas, bem vestidas e prontas para várias horas de sexo, danças, carinhos nunca sentidos. Era contra aquela desigualdade que elas brigavam, já que odiavam seus homens por que estes expunham o estado deplorável delas. E não tinha onde correr, a não ser pra Deus, através da Igreja. Então a Igreja resolveria a falta de iniciativa destas Senhoras e a safadeza dos seus companheiros.

Tudo estava exposto no cabeçalho do manifesto escrito em máquina Olivetti, seguido de assinaturas colhidas durante os cultos e terços.

O Padre demorou-se a chegar. Enquanto isso Irmã Fidelma ouviu as denuncias, ditas cada qual por uma das mulheres, alarmadas, distorcidas e bizarras, causando tanta canseira que a religiosa pediu para retirar-se e me chamou a seu quarto, onde maldisse aquelas beatas que a aguardavam entoando um terço. Estava transtornada, com muita raiva daquela gente que a esmurrava todos os dias; que a testavam, amarravam sua natureza e desdiziam de sua condição de ser bela, seu cabelo bem cuidado, unhas feitas, xampus caros, jeito de andar – aquilo não era coisa pra uma Freira. Mas era coisa pra uma mulher, uma fêmea que se valorizava.

_ Se pudesse chupava um caralho na vista daquela gente, disse-me sem olhar pra mim. Gente porca! Meu Deus, me perdoe, mas eu não suporto tanta falsidade. Falou em tom elevado que temi chegar à sala. Vai até lá e segura aquele povo. Diga que estou indisposta; segura tua barra, veja o que pode fazer. Afinal, vocês se conhecem. Alfinetou.

Retornei a sala, quando a líder do grupo, vizinha de meu pai, fez seu relato, enquanto as outras seguiam em suas preces:

_ Sabe, Codo, pegou em minha mão e tratou-me por meu apelido de infância. A conhecia desde quando fomos morar perto de sua casa e imediatamente Papai travou amizade com sua família. Eu nunca gostei dela, não pela aparência, embora fosse corcunda, com cabelos velhos e mal cuidados, usasse sempre a mesma saia: um pedaço de tergal velho preto e embaixo uma daquelas sobressaias horríveis feitas de tecido furão que nunca soube o nome. E o que pretendia ela esconder? O que a fazia feia era a postura moralista que praticava. Tinho três quatro filhos, criados todos virgens segundo a Santa Madre Igreja. Uns bobocas que cresceram a duras penas e surras que ela se orgulhava de esbravejar – não teriam coragem pra entrar num cabaré, talvez mais pela quantidade que gastariam, pois eram finórios como o Pai, do que pela vergonha. Nunca pagavam bebida, se fizessem dividiam entre eles. Muitas vezes vi beberem uma cerveja em quatro e nunca sem compartilhar com alguém. Tudo sempre orientado pela mãe, a boa Odila, que me apertava a mão conforme ia falando. Tu lembra da Roseli, a filha do

meio do Armelindo? Sem me dar tempo, seguiu. Pois é, a Maninha. Essa é a mandona. Virou puta e manda na zona do Iracema. Tu vive aqui na cidade e nem sabe de nada. Pergunta ao seu pai. E o pior é que tá todo mundo indo pra lá. Dizem até que o Odemar andou por lá, referindo-se a seu filho com trinta anos notadamente virgem. Dizem? Quem disse? Um apalermado daqueles não teria essa coragem, pensei comigo. Ele é solteiro e nem tem muito a ver. Mas imagina se o Osmar ou o Ote, ou o Mingo se bandeia pra lá? Pensa só? Referia-se ao seu filho Osmar, casado, ao menor Otemar e ao marido Domingos, homens castigados por aquela mulher durante a vida toda e como prêmio alcançariam o céu, libertos de todos os pecados do mundo – Ainda bem que nem o Mingo nem teu pai são desse jeito. Jesus Maria José! Benzeu-se sem fôlego.

_ Calma, dona Odila. Padre Leonardo haverá de arranjar as coisas, tentei acalma-la, fazendo esforços delicados para me soltar, com vergões aparecendo nos pulsos tamanha forçar que fazia. Aquela situação estava me fartando: gente aos berros, aquela mulher doida me agarrando o pulso e ninguém aparecia.

Já ouvira falar de tal cabaré pelos Seminaristas, que vez por outra vez por outra soltavam comentários. Julguei tratar-se de um biombo inocente a beira do rio, sem grande importância, local para bebedeiras de final de tarde. Quanto a Maninha, restava-me a vaga lembrança dela: magrela que adorava jogar futebol com os meninos; ria de tudo; subia nos pés de araticum; pulava taipas e nos espiava tomando banho de sanga, troçando de “nossos pintinhos.” Como eu viva apenas alguns finais de semana na Linha Rosário, sabia pouco da vida dos outros. Algum que outro comentário surgia de Mamãe, que nunca fora uma mulher pra se meter fora de sua casa e de Papai que adorava uma fofoca. De Maninha soube de seu casamento, da saída de casa, do filho que nasceu morto. Depois tinha perdido seu rastro. Surgia agora nesta figura endiabrada pelas beatas, que a queriam crucificada e jogavam para Deus a responsabilidade.

Minhas duas faces

Se com o Padre e as Freiras eu simulava humildade, com os Seminarista era o contrario: deixava bem claro quem mandava. Qualquer menção a honra dos religiosos era tolhido com ameaças de exclusão e corte de privilégios. O mais gaiato dos alunos era Nelson. Alemão festeiro, vindo da Linha Roncador, fundos do município de Mondai, região de difícil acesso, carregada de peraus, onde pouco se plantava dado a ruindade do relevo. Os que ali residiam pouco tinham de esperanças de coisa melhor que o Seminário, uma oportunidade para abandonar aqueles rincões. Temia ser expulso e ter que tornar aquela vida sofrida. Nisso mantinha-se fiel a mim. Disposto para o trabalho, ganhava dinheiro nas horas de folga, angariando recursos para roupas, perfumes, uma bicicleta e as putas do Cabaré Rei.

Logo que as beatas saíram, com promessas de empenho por parte do Padre, que se preciso fosse iria ao Subdelegado, ao Prefeito e autoridades eclesiásticas para solucionar a questão - na verdade uma enrolada, pois o Padre não tinha a menor não tinha disposição para mexer com aquilo; no entanto precisava dar uma resposta às paroquianas, manter esperanças, inflar suas almas, atirar uma esmola praquelas miseráveis - chamei Nelson para uma conversa. Precisava saber mais daquele local, pois certamente teria que ajudar ao Padre tomar sua decisão. Quando mencionei o que sabia sobre suas fugas, negou tudo. Disse tratar-se de mentiras, invejas de seus colegas frouxos que não conseguiam mulheres e o espezinhavam. Quando ameacei ir pessoalmente perguntar a proprietária, minha antiga vizinha e amiga, confessou que frequentava o local, rogando por segredo absoluto.

_ Não se preocupe meu caro. Ninguém saberá de nada, não há necessidade. Apenas seja sincero comigo, nada mais. Veja tudo que

pode apurar do lugar e me passe, tranquilizei-o.

_ Tudo o que?

_ Tudo! As pessoas que frequentam, as mulheres que fazem ponto, os menores e principalmente quais seminaristas passam pelo local, orientei-o.

_ Ai! Ai! Isso não... Negou-se apavorado. Saber demais implicava em perigo. Quem sabe e conta, perde a segurança que tal situação proporciona, torna-se delator e execrado, punido habilmente.

_ Meu caro ou é isso ou casa, com todas as desonras. Ameacei olhando bem nos olhos, para que soubesse que estava falando sério.

Levantou-se. Sem nada a dizer foi em direção à cozinha, indignado. De qualquer tinha certeza de que cederia.

De como fui designado para investigar o Cabaré Rei

Com uma semana as Senhoras voltaram cobrando um posicionamento do Padre. Exaltadas com a demora, exigiam o fim da embromação e a adesão imediata da Igreja a causa, caso contrário iriam ao Bispo.

Pressionado, o Padre prometeu agir rapidamente e designar um membro da Igreja para tal tarefa. Alguém isento, imbuído dos sentimentos mais nobres , voltado ao cristianismo acima de tudo.

E quem seria este salvador?

_ Clodoaldo, meu querido chefe dos Seminaristas. Ninguém tem mais condições para tal incumbência, respondeu, amparando-me pelo ombro.

Ah não! Pensei.

Quando todos os olhares pousaram sobre mim, me recompus e aceitei.

_ Em nome de Jesus, da Santa Madre Igreja e dos valores morais da família, aceito de bom grado. Nem refleti, apenas topei, assim sem mais pensares, um arrogo, valentia inata, bêbado pelas palavras do Padre.

Seguidas de Irmã Fidelma, todas aplaudiram com entusiasmo minhas palavras.

_ E começas amanhã, sentenciou o Padre.

Bela bravata a minha.

Das preocupações do Padre Leonardo quanto ao êxito de minha missão

Então fui chamado dois dias depois, pois o Padre foi a uma de suas visitações ao interior com Fidelma. Ao me receber demonstrou uma série de preocupações com minha missão. Tudo que fizéssemos para o bem ou para o mal atingiria interesses diversos. A influência do Cabaré Rei era muito grande, pessoas de todas as classes sociais o frequentava, inclusive os bons pagadores dos dízimos necessários para a manutenção da Santa Madre Igreja. Enquanto eu me perdia com os encantos do Seminário, principalmente com a Irmã Fidelma, o Cabaré Rei se tornara um problema: de um lado os interesses das Senhoras, sempre ativas e vigilantes; de outro pessoas influentes, que por certo não gostariam de ver seus nomes expostos. Entre os influentes estavam o Prefeito, Comerciantes, Professores... e o Padre.

_ O caso é delicado, continuou, exigirá muito cuidado. Eu preferia não me envolver nisso, porém aquelas velhas ameaçam com suas gritarias e isso pode chamar atenção de gente grande de fora. Escolhi você por que é esperto e inteligente o suficiente para tal caso, concluiu o Padre.

Um homem político, como o caso do Padre Leonardo, precisava agir com astúcia e inteligência, nos melindres do bem e do mal. Se recusasse agir estaria compartilhando com o mal, se fizesse compartilharia com o bem, então sem pender ele mantinha-se oculto e procurava ganhar tempo para que os fatos por si realizassem a tarefa. Um homem de bem, um pastor sério tomaria providencias imediatas por si ou abandonaria. Tomaria providencias imediatas por si, relegando as relações aos casais para que cada qual cuidasse de si mesmos; que se virassem com a falta de iniciativa, de beleza ou de casamentos mal pensados. Então, como pecador, precisava ajeitar as feras, cuidar dos rabos presos e conciliar. No entanto ao

me enviar ele se isentava, afinal tinha alguém a quem atirar as pedras e relegar a culpa. E que mal haveria de um seminarista ir a uma zona vez por outra? Coisas da idade...

_ E o que queres que eu faça?

_ Vá pra casa alguns dias e fique por lá...

_ Como! Interrompi bruscamente. Ficar fora daqui? Me irritei. Fora do Seminário significaria ficar distante de Irmã Fidelma, longe de qualquer ação.

_ Não se preocupe, não perderás teu posto. A casa de seus pais fica próxima do cabaré. Assim você pode acompanhar o que ocorre por lá, acalmou-me.

_ Ora Padre, o que ocorre por lá o Senhor mesmo pode relatar, não acha? Disparei sem controle.

_ O que quer dizer? Existem segredos que não podem escapar e eu não entendia ainda na ocasião. O fato de sair me tirou qualquer noção. Não vi nada além de meu afastamento. Não consegui medir as consequências da queda do Padre, por isso o enfrentava aos berros.

_ O Senhor não ignora que sei mais dessa. Eu sabia, Nelson havia me dado uma dica, porém era mais um blefe. Haviam boatos de que Maninha mantinha uma companhia para Padre Leonardo; as visitas eram sempre nas segundas, no dia de folga das mulheres.

_ Sabes? Questionou-me desafiadoramente.

Nunca tinha me dirigido a ele de forma tão ofensiva. Me senti enganado: o Padre queria me tirar do Seminário e de perto da Irmã Fidelma.

_ Por que está tão nervoso? Tinha aceitado de bom grado e agora muda de opinião... Baixou os olhos, já não aguentava mais me encarrar – eu sabia demais.

_ Ora essa! Eu não vou fazer do seu jeito, será do meu. Eu até agora não entendi o que o Senhor pretende, além de me tirar daqui.

E sabemos por que, né? Segui descontrolado. O que eu faria lá? Explodiria o lugar? Mataria a dona? Ora, as mulheres deveriam procurar a polícia, a Prefeitura... e não a Igreja.

_ Sabe como elas são... contestou sem veemência alguma.

_ Não eu não sei! Sei que elas confiam na Igreja, já no seu Padre e sua Freira, na puta que o pariu. Por isso que estão desse jeito.

Nossa discussão extrapolava as paredes, os gritos eram levados para o Seminário inteiro e só cessaram quando Irmã Fidelma entrou na sala sôfrega, implorando para que parássemos. Só então percebi que tinha indo longe demais.

De como Irmã Fidelma me convenceu a aceitar minha missão no Cabaré Rei

Nossa bravata causou estremecimento e apreensão. Cada minuto se estendeu na dúvida sobre a reação do Padre, afrontado mais

uma vez em sua autoridade minguada por suas culpas, até então camuflada em nossa falsa camaradagem. Depois daquela discussão, ouvida por muitos, onde exagerei pelo ciúme explicito, tudo mudara. Aquela mulher me fazia falta. Até aquele momento eu não tinha exata noção do que aquela relação significava, pois estava a minha disposição sem forças. Mas sair do seminário e deixa-la para ele, me fez ver o quanto estava apaixonado. A muito que pretendia expressar este amor, minha moléstia e incapacidade de continuar mantendo a relação a três. No entanto aquela situação seria impossível. Qualquer tomada de atitude romperia com a Igreja e o escândalo afetaria a todos nós, me humilharia e me jogaria de volta pra casa. Além disso, a Irmã nunca demostrara nenhum afeto por mim. Preferia a companhia do Padre, amava-o. Isso compreendi mais velho, pois naquele momento não entendi o quanto vale a delicadeza, os meandros do encantamento da mulher, mesmo num amor covarde como o nosso. Hoje, vinte e cinco anos depois, vejo que não existe receita para o amor, apenas aprendizado mocho, laços pífios criados na mais pura e irrefletida mocidade. Mas vá dizer isso a um rapazola carregado de deformidades como eu.

Neste turbilhão de disputas, Irmã Fidelma me chamou em particular.

_ Me diga o que você está querendo fazer?

_ Eu, por quê?

_ Ora, aquela briga com o Padre...

_ Ele esta tentando me tirar do Seminário e me afastar de você.

_ De mim?

_ É, de você?

_ E qual a importância disso?

_ Eu...bem, titubeei.

_ Fale, exigiu

_ Sou apaixonado pela Senhora, confessei. Nunca soube se na verdade amei Irmã Fidelma. Por certo fora apenas paixão, desejo de

ter uma mulher como ela, jovem, madura, com experiência além das outras. Um corpo miúdo, nas medidas certas. Bem que sendo sabedor de tanta coisa imaginava ter o comando, porém não acontecia; a cada instante eu me perdia mais.

Olhou-me demoradamente procurando em meu rosto alguma verdade.

_ Isso é mentira sua!

_ Não, não é – confirmei.

_ Como pode me amar? Que loucura é essa agora?

_ Não sei. Sei que quero a Senhora só pra mim....

_ Sim Senhor! É isso que chama de amor então? Não me querer com o Padre?

_ Sim...

_ Pois deixa eu te esclarecer uma coisa: eu não gosto de você. Se faço o que faço é por falta de coragem e vergonha na cara. Tenho nojo de mim e de sua chantagem. Odeio ser pressionada. Tenho consciência de que falam de mim e do Padre. Sei muito bem o que dizem. Mas que se danem! Se não sirvo pra Freira vou-me embora e pronto. Caso descubram, Leonardo vai para outra Paróquia ou pra sua família em Xanxerê...

_ Então você sabe? Perguntei incrédulo.

_ Claro que sim. Sei de tudo.

_ E ainda fica com ele?

_ Fico, e se ele quiser abandono tudo pra viver com ele. Eu amo ele, entendeu?

Meu pequeno mundo ruiu pela segunda vez. Fiquei sem ação alguma. O poder que julguei ter dilui-se, expondo minha condição medíocre.

_ E agora cria juízo nessa sua cabeça e para de manipular os outros. Isso só causa nojo e cria inimigos. Aceite seu Padre, sua Igreja, sua família e o grande amor do Senhor Deus por você.

Assim acabou meu topete. Voltei quieto para meu quarto para a pior noite de minha vida.

De como aceitei a missão de ir ao Cabaré Rei

Levantei-me cedo e calado. A noite acordado me retornou a tudo o que tinha feito de certo e errado, causando-me a sensação de inépcia, estranhes e nojo. Se tudo fora divertido até então e as lições palavras ao vento, agora feriam minha mente, levando-me a um resumo nada agradável. Eu era um rato, sim, o sabia e até aquele momento não me afetava tal comparação, mas daquele dia em diante percebi o quanto andava em círculos.

Procurei o Padre que me recebeu diante de uma xicara de café quente em sua sala, sem sorriso nos lábios, com olhos de vencedor. Entrei de cabeça baixa, sem forças para encará-lo: éramos iguais, quase pedintes naquela hora, gente pequena que poderia ter estragado nossas vidas por quimeras.

_ Bem, tomaste a decisão? Senti outra voz, poderosa, não do homem, mas do Divino, que não sei bem se gostava de café, com aquela xicara preta fumegando, acima de qualquer mazela humana. Deus falava comigo e exigia meu rumo, minha postura, onde queria chegar, com a resposta sabida – o homem não pode com Deus, muito menos desafiá-lo - Eu não podia desafiar o Padre, precisava aceita-lo.

_ Sim, eu resolvi ir, respondi resoluto.

_ Ir? Perguntou com grandes olhos abertos, sem apontar qualquer alternativa. Seu questionamento era imponente.

_ Sim, ir ao cabaré... Meu pescoço não suportava o peso de minha cabeça naquele momento, tamanhas minhas culpas. Se bem que a minha frente estavam outros tantos desvios, vindos daquele que era utilizado como instrumento para me punir. Homem abençoado que simplesmente sujava sua batina todos os dias, mas que parecia cumprir um mistério. O que eu compreendi que só tiraria aquele peso após obedecer as ordens do Padre, tornando-me novamente útil a minha Igreja, sem questionamentos dos mandados Dele.

_ Hum! Muito bem. Não sei se sorriu, acho que teve piedade de mim. De qualquer maneira não posso garantir, afinal eu não conseguia erguer a cabeça. Vamos começar logo, vá já, pois preciso de algo mais para as beatas de Linha Rosário. Deu a ordem como a um empregado, alguém irreconhecível, distante. Estava imparcial, sem qualquer sinal de vingança, mais uma ordem para um trabalho - apenas impessoalidade.

_ Farei o melhor que puder, respondi sem enfrenta-lo – minha cabeça estourava de dor.

_ Fico feliz que pense assim, afinal é o melhor para todos. Foi o melhor, aquela decisão nos poupou tantos aborrecimentos. E os fatos que vieram a seguir demonstraram ainda mais o quanto fora prudente aquela iniciativa.

_ Claro, Padre. Somos todos pecadores, não é?

Consegui erguer a testa sem me sufocar. Assumi minha derrota sem ao menos ter dado um único golpe. Parti antes do inicio da guerra, ferido, cambaleante, cumprir minha desonra.

_ É somos, meu filho, somos... respondeu-me pensativo, indicando que sua vitória foi sem sabor algum.

Não houve mais discussões entre nós. O tratei por Padre apenas, tentei esquecer Fidelma e me voltei para Deus. Não foi fácil, porem a saída do convento, por pior que parecesse, mudou minha vida.

_ Ok, filho. Venha toda a semana, precisamos de relatos minunciosos, pra ver o que fazer. Saiu sem ouvir minha resposta, em passos precisos e largos: andar de vencedor; rosto de pecado.

_ Pois não, o farei, respondi pra não ser ouvido

No mesmo dia voltei para casa carregando a missão de desvendar o Cabaré Rei.

De como Nelson despediu-se de mim

A queda de qualquer um é proporcionada pela ascensão de outrem. Geralmente alguém próximo, ajudante, amigo de todas as horas, esposa, familiar... todos corroboram para a subida e saltam fora no momento da descida, deixando o malogro de espatifar no penhasco da traição. E ao ver o antigo amigo aos vermes passa-se longe, dá-se as costas e busca-se o melhor ângulo para a primeira pedra. O pior de todos os engodos é achar algum apoio quando se passa o tempo todo sugando, ameaçando, vangloriando-se do raso poder que se está investido. Nesses casos todos os subornadores se esquivam, procuram outros afazeres, aquietam-se até terem uma nova estratégia para seguirem seus abusos, um novo a ser subornado. Em meu caso deixei um seguidor bem mais esperto que eu, fazia das suas sem enfrentar o Padre, sem disputar suas coisas preciosas; nem queria se igualar. Queria viver bem, ter seus privilégios, sem a ingenuidade de pretender ser maior que sua capacidade – sabia qual era seu lugar. Este homem era Nelson.

Quando saí do Seminário encontrei Nelson. Estava na porta, a minha espera, de propósito. Sorriu. Agora eu estava derrotado e sem nenhum poder sobre ele. Parei por um instante, sem nada pra dizer, apenas o constrangimento de admitir minha derrocada. Ao cruzar sua frente tomou meu braço, quando não resisti.

_ Cuidado, seu alemão de merda! Eu ainda posso te dar uma boa surra. Se eu quisesse você voltava pra Cambucica hoje, disse-lhe de supetão, de forma tão odiosa que engoliu o sorriso e voltou para capinar erva daninha nos canteiros do Seminário.

Meses depois ele desistiu de ser Padre. Conseguiu um emprego na cooperativa e morou em Caibi até quando o vi pela ultima vez. Nunca mais fomos chegados, cada qual tomou seu rumo com a pior das impressões um do outro.

De como Mamãe e Papai não entenderam nada

Mamãe achou que tivessem me expulsado do Seminário. Não compreendeu nada do que eu iria fazer no cabaré. Desconfiou que fosse coisa minha, motivo para me perder, igual a Maninha e suas putas.

_ Isso não tá certo. Tu é um seminarista, um futuro Padre, um servo de Deus. O que um santinho igual a tu vai fazer naquele lugar? Perguntou-me como o rolo de macarrão em mãos, mãos na cintura, posição própria de quando ficava uma fera. Temi que usasse o instrumento de cozinha em mim.

E nem adiantou explicar, insistir, argumentar. Do jeito que estava procurou ou o Padre, tornou convencida , embora incrédula.

_ Eta! Que tempo, Jesus! Até os Padres andam estranhos, fazendo coisas do Diabo. Mamãe não sabia que o Diabo sempre ataca aos pretensos Santos, a todos oferece seus serviços macios e cheirosos, sem dores ou sacrifícios, ao livre arbítrio da carne, arma desproporcional a capacidade da pessoa humana em manter-se fiel aos deveres assumidos da boca pra fora.

Admitiu enfim. Era devota da Igreja e se o Padre mandava não podia contestar o representante de sua fé. Sempre tive a impressão de que a Monarquia é iminente a natureza humana, ao contrário da Democracia. Ter alguém a frente para comandar fez parte por milhões de anos, geralmente esta liderança se conquistava pela espada, depois pela inteligência e por fim pela política. A Igreja preenche o vazio deixado pela chegada das Republicas, ela tem seus alicerces fundadas em conceitos monárquicos rigorosos, sua maior atração. Os mais antigos são adeptos, como os jovens que sempre escolhem sociedades pouco liberais para compartilharem, donde se vê a figura do Rei, este imortal que dá guarida a todos os viventes abaixo deles. O homem precisa do Rei, sempre.

_ Mas vê lá, vê lá, censurou-me, o que me pareceu desconfiar da autoridade de meu Padre. Eu estava indo para a perdição, o ninho da cobra sedutora.

Meu pai, que de religião não era lá essas coisas, julgou incoerente minha empreitada.

_ Isso é coisa de Padre vermelho. Onde já se viu um seminarista na zona? Onde já se viu? Estávamos em plena disputa interna da Igreja Católica. Havia a frente conservadora, da qual Papai admirava, e os Padres adeptos do Concilio Vaticano Segundo com gosto comunista, difundido ideias libertárias no campo: estes religiosos eram chamados de Padres Vermelhos.

E quando Irmã Fidelma tentou justificar minha árdua tarefa; ingrata missão de dialogar com aquelas filhas de Deus, Papai não poupou impropérios.

_ Irmã, pelo amor de Deus! Conversa demais não presta. O negócio é fechar aquela merda logo. Brincadeira! Agora colocar um cristão naquele lodo, não! Papai esbravejava com inocência. Era um homem duro, de lide arcaica e sem dotes para política, tão necessária naquele nosso caso.

_ Seu Juraci, pense melhor. A Igreja não pode virar as costas para nenhum filho, nenhum. Irmã Fidelma tentava sem forças convencê-lo e convencer-se; estava diante da verdade, que por tantas vezes ela omitira. Nem mesmo ela estava certa do que fazíamos, estranhes compartilhada por todos que sabiam de minha missão.

_ Olha Irmã, desde que o mundo é mundo existem putas. Veja Maria Madalena. Mas de uns tempos pra cá deu pra ter Padre safado e Irmã mentirosa... A referência de Papai era direta. Irmã Fidelma não titubeou, nem baixou os olhos, apesar de ter avermelhado o rosto. Aquele hábito parecia pesar uma tonelada naquele corpo miudinho.

_ Jura, cala a boca! Gritou Mamãe ruborizada de vergonha chamando Irmã Fildema para um café na cozinha, o que cortou a discussão.

A palestra enveredou para o catecismo das crianças, as receitas de cueca virada e as rosas amarelas no quintal, enquanto Papai voltou ao Grenal resmungando.

Neste panorama preparava-me para minha investida no cabaré, e nisso precisava algum plano, que não me expusesse tanto, já que o segredo fora devidamente quebrado pelas beatas iludidas por minha bravata no Seminário. Em poucos dias minha infortunada missão estava nas bocas e ouvidos de todos da comunidade. Fui comentado em várias rodas de Domingo, no entanto apenas as beatas acreditavam que daria certo. Os demais homens sabiam que aquilo tudo não passava de embromação de Padre Leonardo. Então passei a ser motivo de chacota, piadas de amigos e risos ao passar. De tão constrangedor que foi, evitei os cultos e as partidas de futebol – me isolei.

De como me apresentei ao Cabaré Rei

Saí pelas quinze horas sob o olhar desconfiado de Mamãe.

_ Vai começar o trabalho? Cuidado com o bolso e as doenças.

Não respondi, saí quieto com dezenas de olhos em minhas costas: “lá vai o Salvador da Rosário”, gritou Tadinho, vizinho de Papai a me ver passar por frente de sua casa. Maldisse minha sorte e mantive o passo sem retrucar, odiei tudo aquilo, mas segui: que fosse logo, pra que esperar mais.

O rio Iracema tem cerca de cinquenta quilômetros até desembocar no rio Uruguai. Pouco profundo e com muitas corredeiras, tem poucos trechos navegáveis, bom para pesca e ideal para banhos em suas águas limpas. Na divisa dos Municípios de Caibi e Riqueza tem uma ponte de dez metros, tamanho do leito e trinta de altura, antes dela, a direita existia a entrada para o Cabaré Rei: uma casa central com amplo salão, bar com vinte mesas plásticas, palco para orquestra e vista para o rio. Nas cercanias estavam dez casinhas de trinta metros quadrados , com sala, banheiro e quarto com cama de casal para os encontros. Toda a construção é pintada em vermelho escuro, com tons pretos. Eram feias, assustavam a primeira vista, porém a decoração interior era de bom gosto. Quem imaginasse encontrar um casebre mal cuidado, surpreendia-se com as instalações e o bom atendimento.

Cheguei pelas dezesseis horas e não havia nenhum cliente. Procurei uma mesa no fundo receoso de ser visto por alguém: ninguém me atendeu de pronto. No canto da sala estavam cinco meninas, duas conhecidas de vista, que apenas me olharam sem qualquer movimento. Parecia bem pouco interessante, imaginei. As notícias deviam ter chegado por lá, portanto não poderia esperar tratamento faceiro. Não reconheci nenhuma delas, pareciam ser de fora. Vestiam roupas curtas com brilho, o que nunca ajudou a melhorar a beleza de nenhuma mulher, apesar das que ali estavam serem bonitas, cada qual com seu jeito cansado de prostituta.

Havia estado em um cabaré apenas uma vez, longe dali, em uma noite quando saia da faculdade e fui, juntamente com alguns amigos, beber numa pocilga em Irai. Confesso que não sabia a maneira adequada de me portar. Sentado minhas pernas pareciam não caber embaixo da mesa, procurei um sorriso pra jogar para aquelas moças mas o que consegui foi um leve cumprimento com a cabeça que não foi correspondido. As mulheres de cabarés tem faro para bons clientes, e eu não parecia ser de nenhum êxito, estar comigo poderia ser perda de tempo, já que outros bem mais abonados chegariam. Por sorte apontou no salão uma moça lá pelos seus vinte e poucos anos que tinha estudado comigo no

ginásio. Pouco a vontade chamei por Jandira, seu nome me surgiu, embora não tivesse tanta certeza ser o correto.

Veio em minha direção e só me reconheceu alguns passos antes de chegar. Estranhou minha presença e pareceu-me constrangida, alguma coisa de nossa proximidade com o passado a incomodou, no entanto já estava lá e sua vergonha, se é que tivesse alguma, precisava ser escondida com naturalidade. Pediu se eu queria alguma coisa num gesto quase artificial, que me deixo em dúvidas se tinha ou não me reconhecido.

_ Sim, uma cerveja, respondi, aliviando o peso do primeiro contato. O que me incomodava era a possibilidade de aparecer algum conhecido, mesmo solteiro, era um seminarista e a sensação de estar num covil não me deixava a vontade nenhum pouco.

Voltou em poucos instantes, sentou-se ao meu lado e me serviu.

_ Não imaginava que fosse ter ver por aqui, Codo. Me chamou por meu apelido de infância.

_ E eu não imaginei que se lembrasse de mim. Devolvi no mesmo tom, engolindo rapidamente a bebida que bateu forte no estomago.

_ Estudamos juntos na quarta série. Você era o cara mais inteligente da sala, elogiou-me, lembrou-me bem mais a vontade.

Fiquei sem jeito e perguntei pela sua mãe, o que me pareceu uma tolice extrema. Olhou-me carinhosamente e sem mais delongas cortou-me:

_ Você não veio aqui pra falar de minha família, veio?

Desconcertado, disse que não, estava querendo me divertir, conhecer o lugar, já que nunca tinha estado naquele cabaré, dando a impressão de ter ido a outros. Nem sei por que, preferi mentir um pouco, afinal ali a mentira era necessária para a sobrevivência de qualquer relação. Só se vai a um cabaré para que as mulheres lhe digam meias verdades a meia luz ou na escuridão, fazer-se sentir o único, importante, belo e bom amante – paga-se para ouvir o que não ser ouvirá de quem diz a verdade. Mas a exclusividade tem

preço e conforme os clientes iam chegando Jandira parecia aflita, já que suas amigas se arranjavam e eu não tinha dado sinais de que iria fazer um programa. Delicadamente ela me colocou a situação: precisava definir se ia ou não para um quarto com ela.

Respondi que preferia beber mais um pouco. Queria ganhar tempo até Maninha chegar.

_ Então vou ter que ira até a outra mesa, outros clientes chegaram e as meninas ainda estão se arrumando. Olhei para ela decepcionado, a cada gole o ambiente ia me contagiando, ficava mais atraente estar naquele lugar e uma companhia me faria soltar a língua, tanto que na segunda cerveja me via mais disposto.

A parte chata das prostitutas é que estão sempre em busca de concluir seu trabalho. São agradáveis para conversar e beber, porém não são exclusivas, logo que sentem que não conseguirão êxito retiram-se para a mesa mais próxima. Bem, depois, em outros tempos, algumas me disseram que não estão aí para conversas, apenas para programa e que se eu quisesse despejar meus problemas que procurasse um psicólogo. O negócio é que não se pode tocar num psicólogo, nem mesmo confidenciar tudo.

_ Ei, a Maninha está, perguntei antes que ela se retirasse.

_ Sim, daqui a pouco ela aparecesse, respondeu-me sorridente.

_ Por favor diga a ela que estou aqui, insisti.

_ Claro querido, e saiu rebolando os quartos na direção da mesa do Laurindo Carlesso, um vizinho de Papai, orador dos cultos dominicais.

De tudo no meu primeiro diálogo com Maninha

_ Codo! Gritou alguém atrás de mim.

Virei-me e defrontei com ela. Da Roseli que conheci na infância restavam apenas os lábios. Pareceu mais alta, do cabelo ruim nenhum sinal, agora usava liso, preto e longo. Mãos bem cuidadas, pele macia, coxas a mostra e perfume suave, longe do cheiro de Avon que tantas vezes ela mesma revendia pra ganhar uns trocados. O tempo transformara Roseli em Maninha, incrivelmente sensual.

_ Que saudades! Abraçou-me com ternura, quase se desculpando por estarmos naquele lugar. Quando me disseram que era tu não acreditei. Não compreendi muito bem aquela afetividade toda, já que nunca fomos grandes amigos, pra ser franco eu falava o mesmo que os outros sobre a conduta dela, sempre estive naquele núcleo comum de pessoas que atiram pedras a esmo, sem ao menos saber por que. Não era merecedor daquela recepção festiva. Desconfio que não passou de falsidade: estaria me lisonjeando devido a minha missão, nada mais.

_ E você tá mudada, comentei supresso, um pouco envergonhado pelo meu passado de apontador de pecados, fruto daquele meio infantil em que estava misturada minha família toda e de uma educação baseada em conceitos católicos de purificação da carne.

_ É a vida, coisas da vida. Sorriu-me e pediu que me sentasse. Vamos conversar um pouco. Sim, a vida tem de tudo, reviravoltas incompressíveis. Quem me via enojado com as prostitutas a alguns anos, levado pela onda moralista de minha família e me visse com a cafetina diria “quem te viu e quem te vê!” Se pudesse ler minha mente, agora, mais aceitável, concordaria que eu estava num turbilhão de dúvidas morais. Aquela gente tinha alma, pobres mulheres infelizes, pessoas que tiveram que quebrar todas as regras sociais e expor a cara no mundo – corajosas mulheres estas.

_ Claro, desde que não te incomode. E sentamos de mãos dadas, a nos olhar e nisso tudo se falava, se perdoava sem um único som. E falar o que agora que nossas feridas estavam expostas, melhor calar e fingir que todas as palavras tenham saído de bom grado e as desculpas mútuas tenham sido proferidas.

_ Nada, é tão bom ver gente nova... gente nossa. Eu era gente dela, assim imaginava. Um homem da cidade, com muita leitura, outros conceitos, um cara moderno que a entenderia. Depois de algum tempo olhamos pra trás em busca de consertos irreparáveis, não encontrando buscamos justificativas e pessoas que as entendam, aliviando a carga da vida, normalmente tão pesada.

Ela pediu uma cerveja e me serviu. Chamou uma menina e deu ordens para não nos incomodar, estaria exclusivo pra mim, o que no Cabaré Rei era dispensado a poucos e que pagassem por tal lisonja.

_ Mas me fale de você, Codo, pediu acariciando meus cabelos, passando os dedos de leve pelos meus braços, queimando cada centímetro, gerando eletricidade pura, naquilo que nunca tivera, de um jeito natural para Maninha e novo para mim.

Narrei brevemente minha vida, o que fiz naquele tempo todo, o que foi quase nada de importante, meus estudos, os quais enfatizei e, a relação com os religiosos, os seminaristas, as atribuições cotidianas ocultando minha conduta perversa, dando ares de grande importância. Não falei da missão a qual fora incumbido, ela não

mencionou nada, me sentia um traidor, tamanho mal estar que me causou aquele carinho todo.

_ Tá namorando quem? Perguntou-me.

_ Ninguém, sou seminarista e não posso namorar. Dei a resposta mais idiota possível que somente com grande esforço outro daria. Para mim saiu com naturalidade - vejam quanta idiotia eu ainda carregava.

_ Que nada. Tu é tão bonito, Codo. Acariciou meu rosto não levando em conta minha asneira.

Sorri envergonhado, nunca tinham me tratado daquela maneira.

_ O que foi? Perguntou percebendo meu embaraço. Que danado, um istmo de vergonha, de pequenez me pegou naquele momento. Como alguém tão especial podia ser tão mal falada?

_ Nada. Apressei-me em me recompor. E você? Me conta um pouco de ti, senão vamos ficar aqui falando de mim apenas.

_ Bom, tu deve ter ouvido falar diabruras de mim... disse-me de olhos baixos e sorriso pela metade, dando ao termo diabruras todas sua vida, que de certa maneira concluía sem necessidade de mais nenhuma palavra.

_ É falam muita coisa. Confessei em meia voz, dando-me como falso ouvinte, e mau companheiro obrigando-a contar por si mesma.

_ Imagino. Baixou a cabeça tristonha. Em seus pensamentos estaria a célebre questão: mas o que faço de tão errado para merecer esta desfeita? Ela que doava seus melhores carinhos aqueles brutos todos os dias e destes recebia as alcunhas funestas.

_ Mas quero ouvir de você. Insisti. Mais empunhando o punhal para arrancar as verdades insanas de uma mulher já batida por aquele destino tão cruel. Ela respirou fundo e iniciou sua narrativa em tom triste.

_ Bom, me casei com o Neri e fomos pra cidade. Quando fui morar com eles tava grávida, mas meu menino nasceu e viveu três anos

apenas – conteve-se – daquele jeito. Dai em diante o Neri me abandonou e foi pra Caxias. Minha família toda estava em Itajai e acabei só. Então o Marciano me convidou pra ajudar ele aqui, quando ainda não tinha mulher. Eu tava só, não queria morar com tio Zélio ou outro parente, pois falavam muito mal de mim quando engravidei do Neri sem casar. Gentalha! Aqui a coisa foi indo, até que o Marciano brigou com o Tadinho, do Mucelim, lembra? Acenei que sim. Ele foi e nunca mais voltou, e fiquei cuidando aqui.

Foi breve. Papai comentava sobre esse Marciano, um sujeito mediano, falador, contador de vantagens, bebedor inveterado que por não ter onde ficar, tinha feito um casebre as margens do Rio Iracema em terras do Governo. De um homem ignorado, repulsivo e inteligente, nasceu o Cabaré Rei. Em igual situação estava Maninha, que sem ter onde ficar, aceitou dividir a miséria com Marciano. E destas coisas que não se explicar, ela deu ênfase a seus desejos e começou a dar-se por um bom preço, o que na época era novidade por aquelas bandas, atraindo de burburinho em burburinho uma vasta clientela que exigiram a ampliação do estabelecimento. E nesse descuido da sociedade se ergueram as habitações que faziam parte do Cabaré Rei, oriundos de dois enjeitados.

_ Ele quem? Questionei novamente, afinal da briga eu nada sabia, menti quando confirmei saber algo, do que soubera foi que Marciano simplesmente tinha desaparecido, sem pistas – numa noite, em plena ascensão, Maninha ficou só.

_ Os dois, brigaram e se foram. Não havia dois, era apenas um e Tadinho estava na mesma casa de sempre, e o tinha visto naquela tarde mesmo. Algo estava mal contado, refleti. Sem dar pela reflexão, tornei a perguntar:

_ Tem indo bem pelo jeito.

_ Mais ou menos. É um trabalho sujo, mas é como Deus quer. Sim, era o que Ele queria, ou apenas atribuímos nossas preguiças, essas saídas que temos de encontrar para justificar nossas fraquezas. Estranhamente Deus não se furtava a qualquer canto, metendo-se

na vida de todos, brincando com vidas e esnobando bem embaixo do nariz das pobres criaturas que manipula ao seu bel prazer, criando aberrações como Dona Odila e santas como Maninha, ambas perto ao alcance de uma palavra, com ódios escondidos, picuinhas mal esclarecidas, tramoias que burlavam a feiura das almas humanas.

Seguimos animadamente com lembranças da infância e nossa vizinhança. Histórias que nos fizeram rir, beber e não ver as horas passarem. A noite chegou e a cada instante chegavam conhecidos, alguns que não via a muito tempo. Sentavam-se, sempre elogiando minha boa na cidade. “Esse é o homem do Padre.” “Mas que safado, não resistiu a Maninha aqui”. “ Esse vai ser prefeito um dia, pode apostar”.

Atendi a todos e a cada garrafa ia ficando mais alto. Maninha dividia seu tempo aos que chegavam e comigo, tratando-me com desvelo, vez por outra sugerindo uma companhia por conta da casa, que recusei, apenas querendo ela do meu lado.

_ Depois Codo, tenho que cuidar da casa. E saía dava suas ordens, tornando em seguida pra ficar ao meu lado. Enquanto me embebedava esquecia-me de meu compromisso, fui levado pelo gosto doce do amor perdido, a fera que devia dominar me seduzira e me derrubou junto com muitos valores que ainda acreditava.

De como reencontrei uma velha paixão

Adormeci bêbado, drogado por aquele ambiente, sem saber direito onde me encontrava e o que fizera naquela noite. Tantos corpos, tanta alegria dominava aquele ambiente, os encantos todos quiseram absorve até não ser mais dono de minha vontade. O dia ia longe quando dois braços perfumados me agarraram.

_ Hum! A quanto tempo não sentia um corpo tão gostoso. Sussurrou em meu ouvido a dona dos braços.

Abri os olhos assustado. O quarto era estranho, o barulho das águas não era de minha casa, os pássaros cantavam com outra intensidade, louvando o dia que brindava meu amanhecer silvestre, arejado pela brisa daquele lugar santo.

_ Onde estou? Perguntei a desconhecida ao meu lado seminua com a resposta a minha vista.

_ Aqui comigo, em casa de Maninha, respondeu-me a moça.

_ Eu tô na zona! Toda sorte de apreensões me tomaram naquele instante. Vi Mamãe a minha espera de cara fechada; Papai praguejando contra o Padre; Irmã Fidelma com seu sorriso maroto; e o Padre Leonardo exigindo explicações num excesso de falso moralismo.

_ É, meu amor, respondeu-me a moça, aconchegando-se sonolenta em meus braços.

Finalmente a reconheci, aquele olhar de gata matreira, grandes pupilas que tanto me enfeitiçaram nas antigas: era Marlene, prima de Maninha. Foi minha colega de catecismo. Sempre fui louco por

ela, mas nunca tive oportunidade. Porém o destino a colocou ao meu lado, pronta, sem que ao menos lembrasse o que ocorrera.

_ Você é a Marlene? Inquiri, engasgado. Ao vê-la tão linda todas minhas preocupações caíram por terra.

_ Sim, sou. Confirmou dengosa. Faz tempo, ajoelhou-se sonolenta sem se importar com sua nudez que satisfazia meus olhos.

_ É...Devo ter ficado tão embasbacado que ela não conteve seu riso irônico. Aproximou-se de mim sem cuidados, o que me desconcertou ainda mais.

_ Você está lindo, nem parece o bobão do catecismo, disse-me enquanto ajeitava o lençol sobre as pernas, deixando apenas os seios a mostra.

_ E o que aconteceu ontem? Perguntei totalmente deslocado.

_ Você bebeu demais e o trouxemos para dormir. Disse-me sem esclarecer se tinha acontecido alguma coisa entre nós. Que maldição, tantos anos querendo aquela guria e não lembrava nada, nem um momento do que acontecera.

_ Não me lembro de nada. Sorri absurdamente idiota com toda a situação

_ Levei um susto quando te vi. Pensei que quisesse um programa, mas tu não aguentava em pé e muito menos fuder. Não escolheu palavras bonitas, o que me decepcionou sua forma verbal, não vi diante de mim uma prostituta, mas uma mulher encantadora, sinuosa e de boca suja. De qualquer maneira esqueci momentaneamente que estava num prostibulo e mesmo sem querer admitir a Marlene o direito de termos como fuder, que saiam miando de sua boca linda.

_ Como são as coisas: tantas vezes quis dar pra você e tu nem te tocava. Agora cai assim em minha cama. Gracejou brincalhona, seguindo com sua vulgaridade, que singularmente me segurava na terra, e o anjo devia ter o mundano em si, do que me tirava do céu.

Ri dela e principalmente de minha estupidez. Sempre que saiamos do catecismo ela me convidava para seguirmos por um atalho, e diante do cemitério parávamos. Ela insinuava qualquer coisa e sem cerimônias pedia para toca-la. “Veja como tenho seios de moça já.”

_ Mas tu era tão besta. Tempos de crianças. Apenas deixei de ser criança, poderia ter concluído perfeitamente.

_ É. Concordei envergonhado. Eu não sabia se soubesse, quase ousei tomar conta do espaço e argumentar que eram outras épocas. Não consegui, calei-me quando ela virou-se e pegou um copo com água servindo-me. O movimento de virar-se expos sua bunda, alterando-me ainda mais. Cada gesto dela era calculado para seduzir, sabia que a olhavam, que a queriam, sabia de sua beleza e explorava sem qualquer piedade.

_ Você continua tímido. Beijou meu peito. Lindo e tímido. Consolou-me.

O toque de Marlene me excitou, e ela percebeu. Então o homem surgia, de tantos cantos eu estava lá, vivo, não aguentando aquela pressão, os movimentos cuidados e olhar gata.

_ É, estamos acordando. Mas você precisa de um banho. Vamos que cuido de você. Sugeriu a respeito de meu pênis, o que me deixou vexado, demostrar assim diante de um anjo aquela virilidade animalesca – que grande canalha me senti.

Cada suíte da casa tinha um banheiro, evitando que clientes cruzassem, constrangendo-os. Toda organização do lugar era distinta, com bom gosto e privacidade, com chuveiros elétricos como em poucas casas na Linha Rosário.

Marlene despiu a calcinha, única peça de roupas que ainda mantinha. Tinha o mesmo corpo de a sete anos, sedutor, pequeno e branco. Colocou-me embaixo do chuveiro e me lavou devagar. Em seguida me puxou pra banheira e sob a espuma me perguntou, como no passado, olhando-me de baixo pra cima - e vi um rostinho de criança pronta pra fazer algazarra com meu pobre coração:

_ Você me acha bonita?

Não aguentava mais.

De como foi o noutro dia - a cobrança

Cheguei em casa quando toda a família voltava da roça, o dia já caia. Papai descia a serra com a carroça, parou os bois e veio ter comigo:

_ Sua mãe tá um arara contigo, preveniu-me.

Segui para meu quarto, tomei um banho ainda lotado pelas sensações da manhã. Algo havia mudado comigo, o mundo tão perverso que habitava em mim e me fizera espião, com missão de encontrar as fraquezas das putas do Iracema, subtrai-se pela vontade indomável de voltar para os braços de Marlene. Tanto tempo com tantas mulheres, mas nenhuma tinha sido como aquela. Marlene movimentava-se em câmera lenta, não falava, sussurrava palavras pequenas, curtas, gemidos sensíveis, algumas notas de uma sinfonia encantada que nunca despregaram de meu corpo até hoje.

Fui chamado para jantar por Papai, que não desgrudava da televisão. Mamãe mal me olhava. A refeição se fazia em silêncio, apenas com o barulho da mastigação e dos talheres. Meus sensores não davam mostras de querer iniciar qualquer conversar e tive a impressão que se tocasse no assunto dispararia uma

discussão sem fim com Mamãe. Meu espirito naquele instante era de completa paz, e por vezes sorria sozinho com minhas recordações. Não quis estragar momentos tão sublimes com uma briga besta. Calei-me. No final me ofereci para lavar a louça, mas Mamãe não aceitou. Saí para fora da casa, onde vislumbrei a lua e as estrelas, denunciando que a poucos metros dali a vida me convidava para suas delicias.

Papai chegou e perguntou-me como foi o trabalho.

_ Nada de mais. Respondi despretensioso, sem olhar direto pra ele.

_ É, trabalho bom esse seu! Quanto gastou? A velha pergunta de sempre “quanto gastou?” Para os gringos, como chamavam descendentes de italianos misturados com brasileiros natos ou não, o que mais preocupava era a questão financeira. Acima da moral, havia o financeiro, um homem era medido pelo capital que acumulava durante a vida e fim. Estas picuinhas criadas pelas mulheres, como no caso do movimento contra o Cabaré Rei, esvaia-se entre os homens. Um capricho que os machos permitiam as sua fêmeas, em alguns casos estimulava a relação e os caprichosos podiam se imaginar naquele local e as esposas imaginarem-se uma mulher daquelas, com a mágica da sedução que por vezes renascia nestes momentos de batalha.

_ Nada, pai..., apressei-me em responder sob o estigma dos conceitos de que com dinheiro direito não se podia gastar torto, portanto se um homem tirava de casa para as orgias estava fadado a perder tudo e nunca subir na vida.

_ Comeu, bebeu, fudeu e tudo de graça? Bem, por mais estranho que podia parecer eu ainda tinha todo meu dinheiro na carteira. Saquei e mostrei pra Papai, que continuou desconfiado, mas aceitou. Com ele não tinha como mentir, confessei parcialmente os fatos. Depois de me ouvir surpreendeu-me:

_ Olha, tu é homem já e precisa dessas coisas. Homem de verdade não se sujeita a um rabo-de-saia. Uma boa bebida vai bem. Quando tu tiver família pra sustentar ou compromisso com a Igreja, que duvido, aí sim tem que parar. Mas agora aproveita.

Fiquei aliviado, alguém estava de meu lado, e afinal de contas estava me aproximando de Papai, transpondo a distancia que minha vida na cidade tinha causado.

_ E Mamãe? Perguntei angustiado.

_ Tá triste, afinal queira um Bispo na família.

_ Mas ainda posso ser. Argumentei.

_ Depois de fuder com Marlene duvido! Saiu sorrindo me deixando cheio de questionamentos.

De como foi meu segundo dia de trabalho

Noutro dia voltei ao Cabaré Rei imbuído de iniciar realmente meu trabalho. Estava me enganando, minha grande vontade era outra. Andei depressa, ansiava por ver Marlene, tocá-la, beijá-la, tê-la mais uma vez. Meu coração batia forte, e minhas pernas não andavam na velocidade suficiente, por vezes me peguei correndo, segurava, tentei manter certa compostura, porém a ansiedade era maior, tão grande quanto meu amor.

Quando cheguei havia dois veículos estacionados em frente do cabaré: certamente clientes ricos, imaginei pelo modelo dos carros. Fiquei apreensivo, tão cedo, não eram dezesseis horas ainda. A música estava alta e alguns espetos com carne assavam na churrasqueira anexa, sob os cuidados de um homem que não reconheci.

_ A festança vai ser grande, disse ao ver-me. Estava vestido à gaúcha: chapéu grande de couro, camisa manga longa branca, lenço vermelho, bombachas, botas e esporas. Na primeira vez que estive ali ele não aparecera.

Não dei importância, entrei e vasculhei a sala procurando Marlene. Não a vi, aquilo me chateou. Maninha estava num canto com quatro homens bem vestidos, provavelmente eram os donos dos veículos. Não deu pela minha presença. Procurei um canto longe da algazarra, queria ficar com ela em paz. Onde estaria? Talvez preparando-se para trabalhar, e quanto feliz ficaria ao me ver. Aqueles momentos mágicos eram para a vida toda, nosso amor seria maior que todas as misérias que representava aquela vida. Sentimentos trocados, juras feitas durante horas naquele reencontro. Que felicidade sentia, que bom estar ali. Todo meu trabalho estava esquecido.

Jandira se aproximou de mim.

_ Oi, sozinho? Perguntou-me do mesmo jeito da primeira vez. Como ela era diferente de Marlene: rude, com maquiagem mal posta e olhos grandes com cílios postiços, batom vermelho pesado – um rosto marcado, sem leveza, sem a candura da outra.

_ É, respondi ansioso, querendo que ela se afastasse dali para não atrapalhar.

_ Posso? Antes que respondesse, sentou-se ao meu lado. Vamos beber algo? Ela estava ai apenas para isso. Eu comecei a não gostar da sua companhia, previ que se Marlene aparecesse poderia ira para aquela mesa dos ricaços. Temi perde-la.

_ Sim, respondi para me livrar dela. Teria que ser grosso, assim que minha amada aparecesse a dispensaria. Paciência, deve haver um local para pessoas feias como Jandira, e não era ao meu lado, meu lugar era com os anjos, no céu dos braços brancos em bruma de minha deusa encantada. Antes que ela se levantasse, perguntei por Marlene.

_ Ocupada querido, hoje está concorrido aqui, respondeu-me a contragosto, ferindo bem fundo no meu peito. Sentir dores que nunca havia sentido, uma pontada, um mal estar terrível.

_ Ocupada! Perguntei aflito. O que eu temia estaria acontecendo. Tinha idealizado uma deusa e tudo caiu por terra num segundo.

_ É, colocou dois dedos formando um circulo e com o anular da outra mão fez movimentos entrando e saindo: o célebre movimento da transa. Sorriu e foi pegar as bebidas. Deus! Não podia ser, aquela mulher estava...

Absorvi o baque com dificuldades, o que acontecera no dia anterior, a ilusão da paixão sórdida e imediata me tirou a noção de onde eu estava. Aquilo era um prostibulo e Marlene uma prostituta, nada além. Toda a áurea que eu tinha montado até aquele momento se desfez em segundo naquele gesto nojento. Desesperei-me, aquela força indomável dentro de mim, um punhal cortando, descontrole total. Fiz menção de sair, odiei Jandira, aqueles homens, o mundo inteiro. Mal respirava. De repente vi Marlene descendo a escada da suíte principal com um sujeito magro, grisalho, beirando aos setenta anos, atrás dela segurando-a pela mão. Nada precisou ser dito, tudo estava a minha frente escancarado – ela tinha acabado um programa.

Ao aproximar-se da mesa disse rindo:

_ É um coroa bom de língua. Todos gargalharam alheios a minha presença aterrorizada.

Em seguida outro dos presentes a abraçou, querendo-a para si.

_ Claro, querido, tem carinho para todos. Falou acariciando a cabeça daquele monstro que enfiava a mão despudorada por baixo da saia preta curta, apertando as nádegas.

_ Queremos cu e buceta. Corrigiu outro. Carinho temos em casa de Mamãe.

Novas gargalhadas, enquanto Marlene subia na mesa para uma dança, equilibrando-se com ajuda de alguns homens em seu salto alto.

_ O strip é por fora, viu! Berrou Maninha.

_ Caramba, Maninha, mais dinheiro, não chega o que pagamos, protestou um dos homens enquanto bolinava os seios de outra menina que foi tomar parte da mesa.

_ Claro meus amores. Só tem mulher quem pode. Respondeu Maninha, que se deixava acariciar pelo velhote magro. O Vovô já tá renovado aqui Marlene.

_ A língua nunca cansa, berrou um dos presentes que estava em pé acompanhando a dança de Marlene.

Acompanhava tudo de perto, sem qualquer ação. A menina que eu me apaixonara não era a mesma do dia anterior. Dos olhos mansos de gata eu vi um animal de carne que expunha imprudentemente seu corpo para ser tocava, apertada, marcada por aquelas mãos ávidas por alguns segundos. Meu amor dançando, insinuando-se para os cães: a carne boa para a lasciva.

_ Então, querido, vamos beber? Interrompeu Jandira, fazendo-me voltar para a minha mesa e desviando meus olhos daquela cena grotesca.

Tomei a garrafa de cerveja e dei meu primeiro gole direto no gargalo.

_ Ei! Devagar, tem mais no bar..., disse-me admirada com minha sofreguidão.

_ Tem uísque ou vodca? Perguntei.

_ Claro que sim. Vou pegar, saiu na direção do bar. Voltei para meu filme de horrores.

_ Traga a garrafa, por favor, ordenei e voz alta para ser percebido. Mas não fui.

_ Eta! Que a festa vai ser boa. Vibrou a cortesã, berrando ainda mais alto vislumbrando o lucro que teria.

Tomei o restante da cerveja enquanto Jandira retornava com uma garrafa de vodca. Bebi um copo de supetão, sentindo o impacto do destilado em minha cabeça. Sem pensar enchi outro copo, esquecido da advertência de Jandira quanto ao teor alcoólico da bebida.

_ Calma, isso pega.

_ Nada. Pode encher, tô mandando! A ordem do macho ferido.

Dizem que todo bêbado fica rico e forte. A noção de vergonha ou medo some quando o álcool assume o comando do homem. E para um caboclo pequeno em bebedeiras como eu, dois copos já me alteraram, além de todas as emoções que estava sentindo.

Bebi sem noção, e em pouco tempo meu estado de embriagues era visível. Mantive meu olhar na mesa onde Marlene estava, buscando qualquer aceno dela, mas não a via. Ela me ignorava, mantinha seu show sem que desse por mim. Que desilusão, era inacreditável que a mesma mulher de ontem estava hoje transvestida.

_ Cadê ela? Marlene tinha sumido, por um instante a perdi, num segundo, um caso de olhar pra baixo ou conter a sensação ruim que a bebida começa a me proporcionar.

_ Ela quem, querido?

_ A Marlene, cadê ela. Gritei descontrolado.

_ Calma, ela deve estar no quarto trabalhando. Trabalhando! Como ela podia dizer aquilo assim sem mais. Que espécie de gente era aquela que se dava com amor num dia e com desejo no outro? Trazia o céu e o inferno em um único corpo.

_ Puta que o pariu! Soquei a mesa, chamando atenção de todos que estavam ao redor.

Enquanto Jandira tentava me acalmar, Marlene apareceu, agora com um rapaz mais jovem, do mesmo jeito, andando pé ante pé sobre um tamanco alto que dava mais graça ao sua beleza. Crivei meus olhos nos dela, porém nenhum sinal que tenha percebido minha presença.

_ Ufa! Este não foi só língua, disse sem cerimonias para o gracejo de todos.

_ Gostou do serviço? Perguntou Maninha. Serviço, então não passava disso. Comigo também foi um serviço? Apenas uma degustação talvez, já que não paguei por nada. Éramos todo material de consumo, produto barato para ser usado e descartado, retomado com novo pagamento. Aquelas palavras feriam meus ouvidos.

_ Adorei, essa vale cada centavo, respondeu o rapaz dando uma palmada na bunda de Marlene. Cada centavo, quantos centavos eu precisaria para ter. Eu deveria me sentir lisonjeado por ter tido aquela mulher sem nenhum centavo? Uma potranca que se comprava, colocavam-se arreios e montava-se, para no final soltar no pasto com uma palmada para outros que pudessem pagar.

Cada centavo. Cada centavo... repetia-se aquela frase em minha cabeça turva pelo álcool. A imagem do homem dando a palmada se repetia junto com cada centavo, causando dor terrível. Decidi sair dai com Jandira, convidei-a, o que a surpreendeu.

_ Claro, vai querer completo?

_ Sim, respondi sem perceber o que estava falando.

_ Então é cem reais, três horas, esclareceu.

Não levei em conta os custos. Tinha saído de casa com objetivo de entrevistar o pessoal, devia ter comigo apenas quinze reais. Fiz as contas rapidamente, não tinha recursos pra tal empreitada.

_ E quanto já gastei? Perguntei, desistindo do programa tão caro.

Ela fez uma conta rápida e respondeu-me que eram oitenta reais: a cerveja e a garrafa de vodca.

Olhei pra ela com raiva. Argumentei que não tinha bebido toda a vodca, que aquilo era um roubo, coisa assim nunca tinha visto, que num lugar como aquele a bebida devia ser de graça e tantos outros impropérios, frutos de meu desespero pela riqueza que se esbanjava ao lado. Enquanto eu perdia toda minha ilusão com meu amor, sem ter ao menos o mínimo para a droga de um programa com uma puta que Caibi inteiro tinha comido de graça alguns anos atrás, e que eu me recusava a fazê-lo por que não saia com mulheres fáceis, ou que tivessem passado na mão de todo mundo. Berrei tudo aquilo, todas as coisas mais imundas que me saíram sem medidas. Imagine se eu ia dar cem reais por uma mulher feia como ela.

_ E ela, quanto é? Apontei para Marlene que ria de alguma piada no colo de um dos homens da mesa.

_Sei lá. Por que não pergunta pra ela. Disse-me irritada.

Refleti um instante, meu corpo já não suportava meu peso. Cambaleando saí, antes que Jandira pudesse me deter me aproximei da mesa. Todos se calaram com minha chegada, Marlene manteve-se na mesma, sem qualquer reação, parecendo estar diante de um desconhecido. Maninha esboçou um sorriso. Os demais apenas aguardaram certos que eu seria breve, não estavam ali para aturar provincianos bêbados. Quebrei o silêncio e perguntei pra Marlene:

_ Quanto é o completo?

Todos se mantiveram quietos, o que me irritou ainda mais.

_ Puta que o pariu! Quanto é o completo? Tá surda? E quando vai tá liberada, sua puta? Fui direto a ela. Apenas a vi balançar a cabeça, lastimando meu estado.

Um dos homens da mesa levantou-se e me encarrou, disse-me que se eu quisesse confusão era fácil arranjar. Não vi mais nada a minha frente: confusão era o que eu mais queria. Sem medir minhas parcas forças ou a quantidade de gente a me enfrentar, tornei-me ainda um valente e respondi aos gritos, jogando saliva do rosto do sujeito.

_ Cala boca! Não tô falando contigo. Meu negócio é com ela, fica na tua. Fechei os punhos, pronto para levar a maior surra de minha vida.

Antes que o pior acontecesse, Maninha tomou meu braço e me tirou da mesa. Foi rude, grossa, e sem qualquer possibilidade física arrastou-me para o bar.

Quando estávamos no bar pediu que fosse pra casa.

_ Por favor, não. Eu quero ela, apontei Marlene e comecei a chorar feito criança.

_ Outro dia. Disse-me pacientemente. Hoje ela tá ocupada, venha outro dia. Tentou me conformar com toda paciência aprendida em seus anos no cabaré.

_ Eu quero hoje... Insisti.

_ Assim não tem jeito, sinto muito. Não era mais a Maninha cordial, mas a empresária que precisava se livrar daquele incomodo. Chamou o churrasqueiro e pediu que me acompanhasse. Quando me recusei fui agarrado por ele e arrastado pra fora num segundo, como uma palha fui jogado no chão com ordens de não me deixar entrar.

_ E não deixe que volte aqui. Ordenou Maninha, sob meus protestos mais veementes.

Exigi minha vodca, pedi por Marlene, esculhambei, relembrei que ela fora mãe solteira, tudo... escandalizei. Não teve jeito, o máximo que consegui foram alguns safanões até ser largado na beira do rio, onde fui vencido pela embriaguez e adormeci.

O primeiro relatório

Passei dois dias em casa sem sair do quarto. Não dei explicações a Mamãe, que aparecia vez por outra com chás e café, além de brodo forte, que me recuperou imediatamente. Não sei como cheguei, nunca perguntei, porém lá estava banhado e limpo, com a cabeça estourando. Foi a pior ressaca de minha vida - nunca mais tomei vodca depois daquele dia.

Com alguns dias de atraso fui à cidade e entreguei meu primeiro relatório, um rascunho mal feito com acusações e sugestões, em duas folhas manuscritas. O Padre leu com atenção e voltou pra mim decepcionado:

_ Meu caro, estas acusações já as tenho. Tu parece zangando igual as beatas que jogam acusações contra o lugar. Isso tudo eu sei. Preciso de dados mais precisos, um estudo comportamental que embase a decisão que precisarei tomar. Um estudo comportamental? O que seria aquilo, que tanto de profundidade ele estaria querendo.

Não me manifestei imediatamente, embora concordasse plenamente: meu relatório estava carregado de rancor, muito pessoal em desprezo pelo tratamento recebido por Marlene. Queria esquecê-la, e a única maneira seria manda-la pra bem distante. De alguma maneira ela expunha as minhas fraquezas dadas sem dó numa beira de rio. Dentre as sugestões estava a retirada imediata do Cabaré Rei, aquelas mulheres, sem citar nomes, eram prejudiciais aos sentimentos daqueles que queriam viver com honra naquele lugar abençoado por Deus, etc. Um monte de baboseiras ressentidas.

_ De qualquer maneira creio que a saída delas da comunidade é anseio de todos. Insisti em meio tom, cabisbaixo sem qualquer coragem, fraco e deprimido.

_ Sim, meu caro. Estes anseios são daquelas senhoras, de alguns homens mais velhos e usuários do trabalho. Se eu não encontrar algo sério não poderei tomar qualquer medida.

_ Padre, o que exponho, a prostituição não seria suficiente? Inquiri decepcionado com a passividade do Reverendo.

_ Meu caro, disse-me do mesmo jeito calmo e conivente. Quero algo mais, provas para aniquilar o cabaré. Retorne com mais. Alguma coisa realmente importante, como uso de menores, visita de menores, pessoas que a Lei possa usar como prova. Não posso acabar com o lugar por que lá tem putas, sói por isso não dá. Entende? Saiu, deixando-me falando sozinho.

Fiquei encucado. Se o Padre quisesse tomar uma atitude teria feito a muito tempo, não precisava de nenhum idiota como eu no bordel. A existência da prostituição era iminente. Eu não compreendia exatamente o que ele queria encontrar, mas era algo que o tirasse daquele compromisso de ter que fazer o trabalho sujo, enfrentar Maninha e ser desmascarado. Talvez não fosse somente isso. A ordem divina não podia agir naquele ambiente, o Reverendo usaria a Justiça Humana contra o que o Divino não pretendia. Se para tomar qualquer atitude precisava agir como policia, encontrar falhas que produzissem um inquérito policial, então por que não colocar o

Delegado na questão? Eu era um joguete naquela arte intrincada, donde corria o risco de sair machucado. Naqueles dias não raciocinei, estava incomodado com Marlene, triste por ter perdido as ilusões e ter que voltar depois de ter sido enxotado.

Ao sair encontrei Irmã Henriqueta, não deu pra desviá-la. Não queria encontra-la naquele estado de espirito, estava envergonhado. Sorriu pra mim, tomou minha mão e me levou para a cozinha onde preparou café com canela.

_ Ia embora sem falar com a Irmã? Referindo-se a ela em primeira pessoa.

_ Tanta coisa Irmã. Respondi envergonhado.

_ Quem sabe o mundo fora do seminário esteja te oferecendo coisas mais interessantes, ironizou em seu português corretíssimo.

Gostava de falar com a Irmã Henriqueta, me parecia ser o refúgio da verdade. **N**ossas conversas eram sempre difíceis, sujava-a com minhas mazelas tão insignificantes, imaculada imagem de confiança e pureza, santidade que por alguns momentos imaginei em Marlene. Are! Como poderia ter feito tal comparação insana: a Santa e a Diaba. A Santa estava agora em minha frente aguardando que aliviasse minha carga.

_ A senhora parece saber tantas coisas, tentei desviar aquele assunto tão constrangedor.

_ Nada. É o seu rosto denunciando que tem alguma coisa matando o rapaz alegre do seminário, disse-me pondo o café no coador.

Quando terminou o preparo do café pegou algumas cuecas-viradas pra acompanhar e tomou minhas mãos, sempre sorrindo, como fazia em nossas conversas.

_ Você quer falar alguma coisa? Perguntou-me.

Fiquei cabisbaixo, calado mastigando.

_ Talvez outro dia Irmã, foi o que consegui dizer num meio sorriso.

_ Está bem. Mas cuidado com o coração, ele é a pior parte de nosso corpo, aconselhou-me honestamente.

Então me ocorreu de perguntar se alguém poderia conhecer algo sem vivê-lo. Talvez ela estivesse falando com tanta propriedade por conhecer profundamente o meu sentimento.

_ Sim, talvez. Mas como você tenho as minhas reservas, experiência acumulada para ajudar coraçãozinhso iguais ao seu.

Ela tomou novamente o controle da situação com maestria. Fiquei dominado, quase entregue, no entanto ela mudou o rumo da conversa, pareceu sentir perigo em minhas pretensões e finalizamos nosso lanche com amenidades. Fiquei aliviado, estive a ponto de confessar meu estado de espirito com Marlene enfiada em minha cabeça.

Dos meus temores em retomar minha tarefa

Voltei da cidade com extremo mau humor, sob olhar desconfiado de Papai e indiferença de Mamãe, além de uma enorme vontade de largar tudo e desaparecer. O cabaré tinha fincado raízes em meu coração, aquelas imagens de Marlene sendo tocada por aqueles homens me torturaram – não suportaria mais tanta dor. O que eu tinha para lhe oferecer? Dentro de minha cabeça dura, imaginei que meu amor bastaria para ela. Não levei em conta que uma mulher como ela precisava de roupas caras, comidas finas, joias legitimas, carros novos e outras regalias que eu nunca teria condições de dar a ela: eu só tinha amor - tão pouco.

Tranquei-me cedo no quarto imaginando a maneira de chegar ao cabaré depois de todas as ofensas proferidas contra Maninha e

todos no lugar. Além do mais era o espião designado para descobrir os podres do local, um crápula que precisava encontrar falhas e acabar com a atividade do Cabaré Rei. Contudo eu teria que me por a caminho naquela semana, talvez noutro dia, e todos os meus instintos indicavam que eu deveria fugir daquilo tudo, não me envolver mais do que já estava. A noite passou e a manhã me pegou acordado, o sol esquentava enquanto meu corpo pedia por alguns instantes de descanso, cochilei. Fui chamado perto do almoço por Mamãe.

Encontrei-a envolvida com o almoço, não olhou pra mim diretamente, mantinha sua atividade na correria costumeira. Mencionei minha intenção de voltar para o Cabaré Rei ainda naquela tarde. Ela não deu importância, aliás, ninguém me levava a sério naquela missão. Pediu apenas que aguardasse o almoço, Papai estaria tornando da roça em poucos minutos e deveria comer antes de qualquer coisa.

Concordei, começava a sentir fome, apensar de tudo. Sentei-me na cadeira de balanço que ficava na sacada afundado em meus pensamentos. De repente Mamãe apareceu com a espingarda de Papai e disse-me:

_Preciso que mate aquela galinha carijó que esta comendo minha salsa na horta.

Notei que não me encarava ainda, porém aquele pedido era sua forma de retomar algum diálogo comigo.

Saí em busca da dita galinha e a encontrei próximo do paiol comendo quirera. Aproximei-me, fiz pontaria e atirei, acertando-a em seu pescoço. A pobre ave ficou debatendo-se em seus últimos espasmos de vida. Mamãe apareceu de repente, tomou a ave abatida, torceu o pescoço e jogou-a em um balde com água fervendo, num ritual que já fazia a anos, sem olhar para os lados. Não havia crueldade nela, apenas a necessidade de alimentar a família que a obrigava proteger a horta e eliminar quem ameaçasse suas plantações. Como a vida era pífia! De qualquer maneira cada ser tinha seu lugar, sua função: o Padre, as Freiras, Maninha,

Marlene... as galinhas. Cada qual precisava saber seu lugar. Em meu caso estava extrapolando, querendo ter o impossível. A vida valia menos de um segundo e se eu não conseguisse aquela mulher, do que adiantava continuar em frente?

Após o almoço a galinha me saiu da cabeça e meu instinto de sobrevivência me fez voltar ao que teria de fazer. Não teria mais a recepção anterior, então o único jeito era retornar como cliente. Fui a Papai e pedi que me emprestasse duzentos reais com promessa de devolução imediata. Ele olhou-me de cima pra baixo desconfiado daquela rapidez toda. Eu nunca tinha pedido tanto dinheiro a ele, e provavelmente nenhum de meus irmãos. Relutante estendeu quatro notas de cinquenta:

_ Vê lá. Tua mãe não ia gostar de saber que eu tô bancando essa safadeza .

Ela não ia gostar de nada.

De como fiz amor com Marlene

Eram dezoito horas quando cheguei ao Cabaré Rei, o movimento era intenso. Maninha aniversariava e todos pareciam felizes. Sobre

a mesa ela discursava um resumo de sua vida, completamente bêbada: aos vinte e um caí na vida...” Todas a vezes fazia a mesma balela, e todas as putas a aplaudiam. Clientes novos e velhos cercavam a cafetina que distribuía seus carinhos sem exceção. Era uma noite nostálgica, recordações de todas que passaram por ali, dos fatos pitorescos, as dificuldades iniciais, da intolerância de algumas pessoas, de como os jovens agricultores se iniciavam. “Tiramos muito cabaço aqui. A maioria passou pelas nossas mãos”, vangloriava-se seguindo com estórias debochadas da maneira servil daquelas donas em dar aos novatos a primeira vez. Eram dez anos de cabaré, novidade que causou mais estranhes do que revolta: “abrir um bar ali”, teriam comentado os curiosos de plantão, empreendimento fadado ao fracasso, coisa de louco, nada que desse pra tal necessidade, um fiasco... e tanto outros comentários que caíram por terra dois meses depois quando o movimento cresceu e assim se organizou rapidamente várias casas que tornaram-se em pouco tempo dor de cabeça para as bravas Senhoras da comunidade. “ O Diabo ajuda esse povo mesmo, não tem jeito” foi o que mais se ouviu, e de certa maneira sem ele não se teria feito em tão pouco tempo uma casa vistosa como aquela. De qualquer maneira se o Diabo não ajudou, Deus não interferiu e quando menos se viu o Cabaré Rei brilhava. “Gente! Aquilo foi inacreditável, tudo acontecia sem que se esperasse. “Aparecia dinheiro, material e gente pra ajudar...”

E o Cabaré Rei era o termômetro para nortear as relações dos casais da comunidade. Quando o homem ficava diferente, com pedidos novos na cama, a companheira desconfiava logo que era coisa aprendida lá “naquele lugar”. A sabedoria manda a mulher calar-se e aprender, educar-se para o homem. Haveria pecado naquelas formas; afinal tantos trejeitos, maneiras de pegar, a virilidade com que se desenvolvia o coito não seria coisa boa. Tinham que admitir que fosse modos que remexiam com alguma coisa dentro, um desejo que saia e algumas esqueciam as maneiras da boa mulher e cediam, até compartilhavam. Outras se envergonhavam de agirem feito animais selvagens, mas faziam de maneira a não contrariar seu parceiro. Nestes dois casos havia

sabedoria. Um terceiro grupo não queria nada com aquilo. Tantos anos do mesmo jeito e agora lá vinha o homem com aquela sem-vergonhice. Donde já se viu que uma mulher direita fica fazendo aquilo: coisa de puta! Revoltar-se contra algo muito mais poderoso é ingenuidade. Um grande inimigo não se bate de frente, mas estuda-se sua estratégia e seus pontos fracos. Armas antigas servem para antiguidade; armas novas para o novo: usar os preceitos da Igreja não chegava para bater contra elas, as putas. A desigualdade era enorme e perderiam sempre. E assim fizeram estas más lutadoras: empunharam a cruz e foram pra sua cruzada, sem alcançar qualquer resultado. E por medo algumas das sábias se juntaram a mediocridade das burras, que causou a ida ao seminário pedir socorro ao Sacerdote, digno representante do Divino. Mal sabiam elas que o caminho para o atendimento de seus pedidos estava relativamente interrompido. Com minha escolha piorou. Meu estado de espirito estava mais para salvar minha pele do que para resolver problemas íntimos de velhas mal amadas.

Ao contrario do que imaginei, Maninha me recebeu bem. Parecia ter esquecido dos fatos ocorridos, tomou minha mão e me levou para uma mesa e me apresentou a alguns convidados que gentilmente pediram para que eu sentasse e bebesse com eles. Aceitei de bom grado o convite, tentando ser o mais agradável possível. Procurei por todos os cantos por Marlene. Seria um baque vê-la com outro, mas não controlava meu instinto. Jandira surgiu pelas minhas costas, sorridente, sem demostrar qualquer ressentimento. Perguntou por que de meu sumiço e disse que Marlene tinha perguntado por mim.

_ Mesmo! Exclamei estupefato. E onde ela está?

_ Hoje foi dispensada. Parece que tá doente, estende? Referindo-se a ciclo menstrual.

_ Há, pena, disse decepcionado. Pelo menos não teria que vê-la com outros, o que doeria menos.

_ Gostaria de falar com ela? Perguntou-me maliciosamente.

Dei um salto da cadeira como se uma mola me impulsionasse para longe dali.

_ Claro, respondi sem cuidado, feito criança em presente novo.

Fui levado ao mesmo quarto que fiquei com ela da primeira vez. Marlene estava deitava sob os lençóis, vestida com uma camisola branca curtíssima que mal cabia em seu corpo e da forma mais inesperada virou-se pra mim com seus olhos de gata e perguntou-me:

_ Oi, bebê, veio me ver? Qualquer censura que eu tivesse com ela caíra diante daquele rosto meigo. Minhas reservas foram todas consumidas e me tornei dela inteiro. Não havia dor, nenhum mal, apenas o anjo que pegou minha mão e me arrastou para seu lado. Tais melhor, meu amor? Suas mãos acariciaram meu rosto, acalentaram meus olhos que estavam cheios de lágrimas. Hum, tá chorando bebê. Por quê? Não consegui falar nada, estava preso, um nó na garganta interrompia todas minhas palavras que se saíssem diriam apenas o quanto eu estava apaixonado por ela. Tira essa camisa e te deita ao meu lado um pouquinho, bebê. Naquele instante todas as dores do mundo desapareceram: eu estava pronto pra morrer ali.

De como me decepcionei com Marlene

Passamos a noite fazendo amor. Marlene estava afoita, quisera se desculpar por ter me ignorado, mas não disse qualquer palavra de censura. Seus olhos verdes cobertos por suas sobrancelhas enormes vivas como a luz do sol brilhavam, cobriram meu corpo carente, sobrepujando-me a um mero espectador daquela mulher cada vez mais encantadora, que ao meu ouvido não se cansava de dizer “bebê, que bom que você esta aqui”. Não escutava vozes, apenas sussurros divinos: bebê! bebê! bebê!... Palavras eternas que ferem meu ouvido ainda hoje.

Certas lembranças deviam ser enterradas para sempre, no entanto escrever é desenterrar cadáveres e nesta ingrata profissão lágrimas afoitas me surpreendem cá ante este teclado sem vida.

Quando os primeiros raios da manhã surgiram adormecemos. Sonhei ou não, não sei, nem sequer concluo se estive dormindo: o sonho era contínuo. Acordar seria um sacrilégio para aqueles santos momentos, quebrar o encanto somente para pessoas inanimadas, gente ruim sem sonhos ou então pela necessidade de seguir o curso da vida que não tem nada de sonhos, apenas a realidade que bate cedinho e chama:

_ Ei! Ei! Acorda!

Lá bem fundo, o chamado para o dia e todas as suas agruras: chamada para o sofrer.

_ Desse jeito vai dar em casamento.

Era Jandira, enviada dos Diabos para despertar-nos do outro mundo.

_ São mais de dez, Marlene, insistiu com a dorminhoca. Ela abriu os olhinhos e me brindou com seu sorriso matinal.

_ Tá bom, espreguiçou-se feito gatinha manhosa. Ele está aí? Perguntou.

_ Sim, acabou de chegar, disse-lhe Jandira retirando-se sem mais.

Então inesperadamente Marlene voltou a ser a diva da noite, a mulher sem coração, cruel e prática. Olhou fixamente pra mim e ordenou que eu saísse, pois tinha um cliente especial agendado pra dali a pouco e precisava arrumar-se.

Fiquei boquiaberto sem acreditar. Mas a face dura dela me recolocou no lugar. Resisti:

_ Não vou sair daqui nem a pau! Disse de supetão transtornado, preso aos lençóis que agarrei com toda força que tinha.

Ela olhou-me incrédula. Era incrível como Marlene se transformava de um momento para o outro. De anjo ao demônio era um segundo apenas. Pôs-se de pé imediatamente, furiosa pediu que repetisse. Repeti que não faria.

_ O que você tá querendo, hem? O que você tá pensando que é?

Recolhi-me para o canto da cama, assustado com aquela reação que derrubava toda a noite divina que tinha vivido.

_ Eu quero que fique, eu pago, e saquei os duzentos reais que trazia no bolso.

Esta minha atitude a enfureceu mais ainda e passou a jogar coisas em mim. Fui atingido na testa por um cinzeiro, depois de todos os travesseiros, garrafas e outros objetos que esqueço agora. Defendi-me como pude daquela saraiva de agressões até o cinzeiro que a fez parar.

_ Tu tá pensando que fiz isso por dinheiro seu bocó. Tu é o mesmo bocó de sempre. Burro! Partiu pra cima de mim com as unhas, obrigando-me a segurar-lhe com todas as minhas forças para não ser arranhado.

Desvencilhei-me dela e saltei para fora da cama. Ela atirou minhas roupas aos meus pés e disse que não iria repetir para que eu fosse embora. Vesti-me e parti.

Não é possível descrever a sensação que senti naquele dia. Nada estava a minha frente. Tal entorpecido, fui andando com toda a dor do mundo em minhas costas. Deus! Do sonho ao pesadelo em tão pouco tempo: como aquela mulher transpunha aqueles dois mundos em tão poucos segundos?

De como briguei com Mamãe

Cheguei em casa antes do almoço, ainda com lágrimas. Mamãe descascava mandioca em frente de casa. Fixou seu olhar em mim o que me recolocou na terra. Meus cacos precisavam ser juntados, meu rosto tinha que reavivar qualquer sinal e não podia me entregar diante dela, meu esteio de honra. Então passei rapidamente, sem qualquer palavra, nada que tentasse justificar o fiapo em que estava.

Ao sair do banho ela me pegou ainda na porta do banheiro. Seu toque me paralisou, aquelas mãos velhas em meu braço pareciam com um alicate pressionando os músculos que ainda sentiam alguma dor.

_ Tu nem parece meu filho. Te mandei para o Seminário pra tu virar Padre e não pra dormir na putaria. Sua voz aumentava: ela gritava comigo, estava descontrolada. Calei-me, não reagi, o que aumentou sua ira. Tu não tens vergonha Codo! Tá todo mundo falando da gente na Rosário.

Quis muito chorar, me virar e me atirar aos pés dela. No entanto não consegui nada, apenas ouvi quieto, como um guri de oito anos sendo repreendido.

_ Maldita hora que te mandei pra cidade. Tu devia ter ficado na roça com seu pai e irmãos. Maldita hora! E começou a chorar, soltando meus braços. Para ela o pranto aliviava, para mim aumentou meu remorso.

Articulei alguns monossílabos que não saíram, enquanto ela seguiu seu rosário de lamentações e por fim pediu que escolhesse entre sua família e o Seminário.

_ E qual a diferença, perguntei automaticamente apenas para aliviar um pouco daquele sofrer mútuo que estávamos passando.

Ela olhou-me com olhos de cão e respondeu ainda mais alto:

_ A diferença é que lá está o Diabo e aqui na família está Deus, Deus nosso Senhor, criador do céu de da terra. Esta é a diferença!

Criador. Sim, criador do céu e da terra, e junto o Diabo, e junto o amor, a desilusão, a dor da paixão.... Marlene.

Mamãe saiu para a cozinha me deixando apenas com a toalha enrolada no corpo tão pesada que mal aguentava e se caísse eu cairia junto. As minhas vergonhas, que eram poucas, se mantinham em pano fino, quase transparente cada vez mais difícil de segurar. Segui Mamãe até o fogão onde acabava de colocar a mandioca em água fervente.

_ Preciso acabar meu trabalho...

_ Então pegue as suas coisas e volta pro Seminário, respondeu-me sempre aos prantos, que agora se misturava á água fervente com mandioca.

Parei a olhar aquela mulher de tantos sofrimentos e sonhos que agora de um momento para outro rompia com seu filho e com sua religião. Era uma mulher direita, por certo, apenas queria todo bem que uma matrona quer com seu filho. Estava magoada comigo e causar-lhe lágrimas martirizava-me tal qual o desencanto com Marlene. Em sua posição e demais a minha escolha denotava que a total decepção de Mamãe com sua religião, e tamanho conflito interior que uma mulher igual a ela, feita no mato, não expressaria

de outra maneira senão o choro. E uma mulher dura feito ela chorava somente na morte de alguém, ou algum sonho. Eu morria pra ela, de certa maneira, com minha escolha.

De como tentei mudar-me para o Cabaré Rei

Peguei as poucas roupas que tinha e embrulhei em uma bolsa velha de ráfia. Nem dei pela mala que mantinha sobre o guarda-roupas. Em poucos segundos estava a caminho. Não olhei pra trás para não dar com Mamãe chorando e me arrepender.

Tomei o caminho do cabaré. Não me sentia mais digno da casa ou do Seminário: era um rato. Iria viver com Marlene, do jeito que fosse, desde que me desse algumas migalhas de seu amor por dia.

O ponto de ônibus ficava a cinquenta metros do cabaré, logo quem fosse para cidade necessariamente tomaria o mesmo trecho. Então que me visse naquele passo diria que eu estaria indo pra Caibi. No caminho fui atalhado por Domingos Gallon, nosso vizinho, campeão

de asneiras e apelidos. Cada um que passava na rodovia ele apelidava. Foram tantos e tão engraçados que se tornou folclórico. E não chamava ninguém pelo nome, mas pelo batizado dado por ele. Me chamava de Papa-hóstia, pela proximidade com a Igreja. Evidente que na presença do untado calava-se, porém bastava virar as costas para dar seus atributos. E para os moradores de Linha Rosário virou costume ser apelidado por Domingos Gallon, a ponto de considerarem-se menores os que não fossem. Não poupava nem sequer as mulheres, com menos vigor, evitando termos chulos, mas até as crianças levavam sua alcunha. E a rede de informações, tão eficaz na comunidade, dava ciência quando Domingos escolhia o novo nome. E por incrível ele não esquecia nenhum.

_ Mas já voltando pra cidade, perguntou-me.

_ Sim... sim, vou agora, respondi surpreso ante aquela aparição.

_ Mas nem tomou um chimarrão lá em casa, reclamou de minha pouca hospitalidade com a vizinhança.

_ Vou aparecer, respondi o trivial que todos respondiam, sem tanta certeza assim, seguindo o rito. Ando sem tempo pra mais nada.

_ Varda! Sorriu-me ante meu “sem tempo pra mais nada”. Como alguém tão jovem poderia andar sem tempo. Mas não me reteve, despediu-se com novo convite seguindo com suas vacas para a estrebaria.

Abri os olhos, precisava ficar atento, estive praticamente cego a ponto de não ver aquele homem enorme e uma dúzia de rês sendo conduzidas. Em tão pouca idade sofria muitas emoções encordoadas, deturpando todos meus sentidos. Antes de seguir caminho olhei para todos os lados para que os olhos da comunidade não me vissem.

Todos estranharam aquela mochila em minhas costas quando apontei na entrada. Desci a pequena ladeira sem perceber movimento algum. Era dia de folga, e a comemoração da noite anterior havia cansado a todos. O recreio merecido das raparigas se fazia a beira do rio. A casa de Maninha estava aberta e pra lá segui.

Antes de qualquer pergunta narrei tudo o que tinha ocorrido em casa e de minha intenção de morar no cabaré.

_ Codo, você tá louco? Perguntou enfurecida.

_ Não! Tô querendo isso mesmo, respondi contrariado com a reação dela.

_ Não! Gritou sem preocupar-se com o escândalo, se bem que naqueles domínios ela podia dar-se ao luxo de qualquer escândalo. Uma coisa é tu passar algumas horas aqui, e nos espionar – ou tu acha que não sei - e outra é morar. O que a Minda e o Jura vão pensar? Nunca imaginei que ela se preocupasse com o julgamento de meus pais. Surpreendido por aquele momento de maus tempos, retorqui:

_ Você tá preocupada com o que eles pensariam de você? Pois falam muito mal de tu, se quer saber.

_ Sim, eu sei. Mas eles têm razão. A gente é puta mesmo. A gente não vale nada. Mas eles são gente direita e tu tem tudo pela frente pra ser até Prefeito daqui se quiser. Vai jogar tudo no lixo pra viver na zona, é?

Foi difícil admitir, mas ela tinha razão. Somente gente torta teria feito o que Marlene fez comigo. Não se podia brincar tanto com sentimentos dos outros e transformar de maneira tão cruel um coração. Um bobalhão, isso que eu fui naqueles dias, dominado por aquela novidade – imaginei que Marlene se apaixonaria por mim, um homem que só tinha uma bolsa velha de ráfia lotada de roupas velhas. Dividi-la se tornava a única opção, e nisso considerei seriamente. Estar naquele estado de espirito me levaria a desgraça total, a não ser que abrissem meus olhos. Maninha prosseguiu após um gole de café.

_ Tu vai agora mesmo voltar pra casa, pedir desculpa pra Minda e nunca mais pôr os pés aqui. Entendeu? Eu deveria ter te expulsado naquela noite. Devia ter mandado tu embora, seu dedo-duro do Padre. Tu é motivo de gozação te todos na cidade e quer aumentar

mais. Onde já se viu? Pensa: o espião do Padre se deforma e resolve ir pro lado das putas. Pensa!

Ordenou que saísse de sua frente imediatamente. Fechou a porta na minha cara, sem dar qualquer alento: fui expulso em definitivo do Cabaré Rei.

De como Jaime, o churrasqueiro, falou demais

Desolado me sentei na escada da frente da casa de Maninha, donde vi Jandira e Marlene próximo a uma churrasqueira que Jaime, o gaúcho que noites antes tinha me dado os safanões, preparava um churrasco. Não ouvi exatamente sobre o que falavam, mas parecia divertido e arrancavam risos de todos. Pela gesticulação provavelmente era algo sobre o tamanho do órgão sexual de algum cliente. Esta prática é comum entre as prostitutas, denegrindo a imagem de todos. Estar mal com elas não é bom negócio pra quem leva a sério o desempenho sexual. Tanto para o bem como para o mal, elas transcrevem com sua língua afiada aos nossos melhores esforços.

Logo que Jaime me viu – descobri seu nome depois – gritou alto, ao seu estilo para que fosse almoçar com ele. Já passava das quinze horas e alguma fome eu sentia, e não vi melhor opção do que enfrentar meu descaso. Passei pelas mulheres que me ignoraram. Ambas tinham seus motivos e agora mais próximo escutei outro assunto, em surdina, sem que merecesse escutar. Sentei-me num banco de madeira de frente com as duas. Tentei buscar os olhos de Marlene em vão: ela tinha prática incrível e ignorar qualquer um; me reprendia de forma sutil. O gaúcho me estendeu um copo com cerveja:

_ Molha a goela vivente, que hoje é dia de folga desse xiru.

Tomei alguns goles que me fizeram muito bem, a ponto de empreender alguma conversa xoxa com aquele grandalhão divertido. Ele brincou comigo da noite em que me embebedei e soube que fora ele a me deixar em casa. Agradeci constrangido com meu papelão.

_ Nada. Estas chinas mexem com os miolos da gente mesmo, xiru. A cana é o recurso. Bateu forte em meu ombro em seguida me estendeu um pedaço de carne. Fora o estômago, que senão a cana te pega de novo, tchê!

Não guardava qualquer sinal de rancor comigo. Deveria ter tido das suas também; logo um brutamontes com amores pela vivencia de tantos anos e cabarés.

_ Olha xiru, este seu criado aqui já viveu demás por aí. E quando um homem, mesmo um guri como tu, se enrabicha por um rabo-de-saia.... Ai! Ai! Ai! Entorta o vivente. Sei dessas estripulias do peito, acredite e vi tanto isso já: nunca dá certo, vivente. China é china, em todo canto. Não se prende a nenhum estribo, duro de domar e se doma finge pra depois escapar campeando sozinha. Assim é o mundo, xiru, tu tens que aprender isso de vereda. Falou sempre gesticulando com sua faca na mão, dando uma lição direta, sem meias palavras, verdades que eu não queria escutar.

Em seguida mudou de assunto: a lição tinha acabado.

As moças foram chamadas para almoçar e a conversa continuou animada, apesar de Marlene fazer pouco caso de minha presença. Seu silêncio me castigava por demais e se eu mencionasse qualquer coisa ela simplesmente ignorava direto, tornando para Jandira ou Jaime. Nem ao menos estendia talheres ou qualquer outro objeto que eu intencionalmente pedisse. Jandira sempre fazia por ela: “passa pra ele Jandira”, ordenava. Passei a ser simplesmente ele, e aquilo me incomodava demais, ao passo que para ela parecia ser divertido ser brincar com meus sentimentos, pequenos arrojos de menino.

E acabei deixando que o encontro prosseguisse, tratei com Jaime e Jandira, deixando que Marlene voltasse se assim quisesse. Me senti

melhor com aquele desdém e creio que por fim ela acabou percebendo que iniciava meu autocontrole e saiu da mesa arrastando Jandira consigo.

Ficamos eu e Jaime bebendo cervejas. De repente ele começou a contar do tempo em que chegou ao cabaré, que era uma coisinha de nada e agora aquele colosso:

_ Xiru, aqui era um nada. Somente uma bodega com Roseli e o safado do Marciano, um negrinho de merda que tinha por aqui explorando a coitada, enricando nas costas dela.

O nome Marciano me alertou. Novamente surgia, agora com rancor e preconceito, típico dos gaúchos naquele tempo contra os negros. Chamar de negro bastava pra ser degenerativo e, complementado com safado, ainda pior. Sendo negro ainda salvava-se, poderia haver negros bons, negro que prestassem. Ou dizia-se “além de negro, safado”, então o caboclo era de má índole. Se um trabalho não era bem feito dizia-se ser “serviço de negro”; se uma mulher aparecia grávida era “parecida com uma negra”, e quem se casasse com um negro, tanto pior, dizia-se que os filhos poderiam nascer pretos: uma maldição.

_ Conheceu Marciano, perguntei.

_ Mas claro. Um miudinho de nada metido a gargantear com mulher. Mas quando se bateu com um macho de verdade foi pra terra dos pés juntos. Falou sem dar conta do tanto que tinha dito. E não se arrependeu. Cerrou os punhos como se a lembrança de Marciano o incomodasse, rememorasse algo ruim. Fiz e faria de novo, confessou totalmente alterado.

_ O que quer dizer, perguntei buscando mais detalhes daquela confissão espontânea.

Olhou-me de lado arrependido por ter falado demais. Sua fronte se fechou e deixou de ser cordial. Encheu meu copo e se colocou de lado vislumbrando o rio.

_ E não se fala mais nisso, tchê! Pra que tanto perguntar! E saiu para o banheiro deixando-me sozinho com minhas conjecturas, nova perspectiva para sequência de meu trabalho. Desconfiava que aquele lugar não fosse apenas um cabaré inocente a beira da rodovia, porém tinha seu segredo e nele estava o gaúcho que tinha soltado a língua.

De como narrei ao Padre minha descoberta

Saí do cabaré naquela tarde direto para o Seminário onde narrei minha descoberta ao Padre. Falei rapidamente, alternando meu fôlego numa topada só, tão alterado me encontrava. O Padre pediu que me acalmasse, dissesse em detalhes tudo o que o churrasqueiro havia falado. Repeti duas vezes, sempre com ênfase e certeza. Minha narrativa alterou a feição do religioso que ficou muito pensativo, andando de um lado para outro, confabulando seus pensamentos que não desconfiei até onde iam. Após alguns instantes voltou-se para mim e pediu reservas sobre aquele

assunto: ninguém, ninguém mesmo deveria ficar sabendo de nada, absolutamente nada.

_ E seu eu voltasse pra lá, talvez descobrisse mais coisas ainda, disse-lhe com a clara intenção de me aproximar dela, meu encanto, que não me deixava em paz, sacudia meu espirito tal qual um cão que apanha de seu dono, mas ao menor sinal beija-lhe os pés – eu era o cão.

_ Nem pensar. Vai ficar por aqui...

_ Mas Padre... tentei argumentar, mas fui cortado de pronto.

_ Aqui e pronto. Não quero que nada de mais aconteça, nem que sejas influenciado por aquele canto. Agora é preciso repensar o que vamos fazer. Temos finalmente algo com que agir. Volte para seu quarto e retome suas atividades anteriores.

Não retruquei. Eu também precisava refletir mais sobre tudo e o silêncio de meu velho quarto me faria bem. Nelson tinha deixado o Seminário para trabalhar na Cooperativa e ninguém assumira meu cargo. Não senti qualquer emoção, agora eu não tinha o mesmo fascínio por aquele cargo de chefe; nem dei que estaria ao lado de Irmã Fidelma e suas curvas ainda mais bonitas: outras curvas tinham tomado seu lugar, brancas, olhos verdes e rosto de anjo. Recordei meu destempero anterior e ri só. Como esse negócio de amor é interessante, tudo que vemos pela frente é a mulher desejada e o mundo se resume naquilo. Basta que chegue outra para que o mundo se alargue e outros desejos ferrenhos tomem conta e assim se vai para outra conquista. Com Irmã Fidelma foi assim: passei por ela e conseguia ter o respeito necessário com uma religiosa. Não via nela a profana de outrora, somente uma mulher com medos e vontades, grandes culpas e temeridade com o castigo divino. Ela caminhava a duras penas por aquele labirinto de pecado: que grande canalha eu fora. De qualquer maneira eu nunca consegui repor uma mulher tão grande como Marlene em minha vida. Mesmo tendo me relacionado com muitas mulheres e casado com duas delas, tendo filhos e seguido uma vida regular, dela eu

nunca esqueci. Por todos estes dias recordo dela e seus grandes olhos verdes.

Deitei-me em minha cama já anoitecia e o barulho dos alunos chegando ao Colégio Dom Pedro II me reconfortou: a vida seguia; tantas vidas, tanta gente indo e vindo, amando e chorando com suas dores e amores maiores que todo mundo. Que idade maravilhosa essa das paixões. Logo viria o tempo das responsabilidades e eu não teria tempo para tanta tolice, então tinha que aproveitar enquanto sentia alguma coisa. Cá estou diante deste teclado e revivendo aquela noitinha quando mirava as telhas de barro sobre minha cabeça e confidenciei a elas minha alegria mórbida. Sofrer de amor era bom, muito melhor que não sofre de coisa alguma.

Enquanto estava naquela divagação, um grito da rua me tirou do devaneio. Logo cessou. Provavelmente alguma histérica com seus rompantes. Tornei a deitar. E minha cabeça tomou outro rumo e Jaime apareceu no telhado. Um mau pressentimento tomou conta de mim. Ele teria matado Marciano? Será? Do jeito que falou dava a entender que sim. Um crime orquestrado por Maninha e talvez ela... Jesus! Aquele pensamento me pôs sentado na cama. Ela seria capaz de tal coisa? Sim, seria. Já tinha visto seu lado cruel, por duas vezes pelo menos e a gana com que se atirava no limbo dos injustos, dando um carinho e um tapa do mesmo jeito; amante e bizarra, pássaro e cão... Ela poderia estar sim envolvida. Talvez dando os mesmos encantos, a mesma rede e o único fim possível. Meu coração disparou... Será que por isso o Padre me afastara de lá? Muito provavelmente sim.

Não consegui dormir direito aquela noite.

De como encontrei Jaime, o churrasqueiro.

Acordei cedo com o corpo extremamente cansado. Após o café retomei as minhas atividades, sem qualquer ordem: mal consegui organizar minhas atividades e dei um recreio enorme com atividades

na horta, o que agradou muito aos seminaristas acostumados a rudeza de minha condução. E a manhã acabou finalmente. Sufocado decidi sair após o almoço para uma caminhada e arranjar meus pensamentos.

Ao lado do Seminário tinha um bar frequentado por agricultores que vinha do interior e, enquanto aguardavam o comércio abrir, bebiam ou jogavam conversa fora. Encontrei com alguns colonos e os cumprimentei, trocando diálogos sobre a perspectiva da safra do feijão, preço dos suínos e do leite, alguma reclamação do Prefeito (isso sempre acontecia) e futebol: o campeonato municipal estava pra começar. Dei atenção a quantos pude, sem ser grosseiro, embora o fizesse por fazer; minha imaginação estava distante. E para aquela gente simples qualquer minuto de atenção recebida por um “menino estudado da cidade” era motivo de alegria, enchia seus egos tão carentes de ouvir. E nisso me distraí a ponto de não ver que um homem no canto do bar me observava.

Do canto da mesa, sem erguer a cabeça o homem gritou:

_ A las puchas tchê! Mas que barbaridade, o senhor por aqui.

Virei-me depressa e dei com Jaime o churrasqueiro.

_ O pessoal tá sentido a falta do amigo por lá.

Todos do bar voltaram-se para mim. Sabiam exatamente do que ele estava tratando. Num canto onde todos conhecem, eu estaria imediatamente na boca miúda daquela cidade. Tentei reagir, devia estar vermelho da cabeça aos pés e disse:

_ Nada. Estava apenas a trabalho. Arrependi-me de ter dado por minha função. No entanto o gaúcho pareceu não ter dado pelo detalhe e riu alto.

_ E que trabalho, tchê! Tomou um gole completo de copo grande e levantou-se vindo à minha direção: parecia enorme agora.

_ Mas não teria sido por aquela nossa prosa que o Senhor nos falta. Podia sentir o bafo da cachaça em meu rosto.

_ Nada. Não hão de faltar gente que me substitua a altura, seu Jaime. Trateio com extrema educação, sem contraria-lo ou dar pela minha apreensão.

_ Mas bá! Aquela história... gesticulou dando menção de sequencia, sobre aquele vivente... e mais gestos. Confirmei que o compreendia. Bom, foi modo de falar né. Deu mais um gole agora no gargalo da garrafa de pinga.

_ Nada não, seu Jaime, disse-lhe mal aguentando na cadeira. Foi que o Padre pediu pra eu voltar e voltei pra cá...

_ Mas tu é seminarista, tchê! Que barbaridade! E que tal, um pouco pra Deus, tirou o chapéu, e um tiquinho pro Diabo, benzeu-se, seguindo com uma gargalhada que me pareceu um trovão direto do inferno.

Olhei para os lados em busca de alguma saída, porém não vi nada, nem ninguém. Todos tinham sumido, apenas eu e ele, frente a frente.

_ Bueno. Tu sabe como é xiru. Às vezes com cana nos cornos se fala demais e às vezes ouve demais, hum? E olhou pra mim encolhendo a boca e sacudindo a cabeça referindo ao ouvidor. Isso é um perigo, xiru. Falar demais e escutar demais, tanto pior. Tem coisa que a gente ouve e esquece, entende? Tomou um ar sério que me fez gelar. Eu não entendo muito bem de certas coisas, como essa de servir a Deus aqui e a ele, benzeu-se sem falar o nome. E quando eu não entendo me previno, não espero tempo ruim, entende?

Quando sua mão pesada pousou sobre meu ombro senti que iria desmaiar. Pedi por um milagre e não recordei de nenhum Santo de última hora que pudesse ajeitar as coisas pra mim. Aquele braço pesava duzentos quilos e me arquearam na cadeira. Jaime percebeu todos os meus medos e voltou a sorrir: respirei fundo; não iria morrer naquela hora.

De repente o Padre apareceu e me chamou. Pulei da cadeira, rápido, as forças surgiram de repente, e o bar todo retornou com

todos os seus barulhos e num salto estava indo na direção do Seminário sem despedir-me de ninguém. Antes que saísse do raio de ação dele, Jaime berrou:

_ Não te olvide xiru. A gente morre pela boca, tchê!

Não tive coragem de me virar, passei pela frente do Padre, que manteve seu olhar na rua acompanhando a saída de Jaime do bar.

Fui para a cozinha onde tomei um copo com água e bebi: tremia todo. Ante meu estado deplorável o Padre perguntou se ele tinha me ameaçado.

_ Não diretamente... consegui falar.

_ Tem mais lá, meu caro, tem mais. Esse homem não veio por acaso. E não me disse mais nada, partiu para a biblioteca, enquanto eu fui ao banheiro quase me urinando.

De como encontrei Marlene na cidade

Alguns dias depois saí com Irmã Fidelma para efetuar algumas compras necessárias ao Seminário. Normalmente que fazia isso era os novatos, mas naquela semana todos tinha saído de férias sobrando pra mim a tarefa. Depois de minha redenção passei a acompanhar a irmã, a respeiteitando o máximo que pude, dando pequenas olhadelas que ela notava e me corrigia em tom brincalhão. “Olha esses olhos menino...” Me tratava de menino, com total zelo e não deixava qualquer resquício de mágoa comigo. Andava depressa, cumprimentando a todos que passavam, perguntando como estavam os familiares, como iam os namoros, se os doentes tinham melhorado, pra quando eram os nascimentos, a frequência na Igreja e catecismos, as notas na escola...Sabia o nome de todos e tinha sempre tempo e conselhos – era uma ótima Freira, mesmo que... Cortei aquele pensamento imediatamente vendo-a dar sua benção a dona Ermida, esposa do Dovilho Matiello conhecido da Linha Rosário. Todo aquele trabalho bonito que dispensava era relegado ao ostracismo apenas por querer ser fêmea, usufruir do encanto natural que tinha: ser mulher, amar e ser amada. O que fazíamos nós, hipócritas de todas as horas? Sim, meus caros. Jogamos na lama uma vida de dedicação por alguns deslizes, cometidos em silêncio, longe dos olhos do escândalo. Que birra tola esta, que disfunção, que miséria contida naqueles aprendizados de então. Quem ama mais sabe dar mais amor. Sim, nos parece lógica que somente que muito ama, mais sabe amar. Quem jamais soube o gosto do vinho como poderá dar qualquer palpite sobre a bebida. Aos que nunca comeram o doce só falaram do amargo ou insosso. Dá-se o que se tem, ensina-se o que se sabe: a vida não é um improviso.

Chegamos a uma loja de material elétrico para comprar fios destinados a uma extensão que se fazia necessária no Seminário. Procurei o vendedor de sempre que nos recebeu gentilmente e ofereceu chimarrão para Irmã Fidelma que aceitou sorridente. O sorriso dela era a porta de entrada dos nossos encantos juvenis daquele tempo de tantas marolas. Enquanto bebia o amargo saiu em busca do fio certo, recomendando ao vendedor que caprichasse no preço, afinal a Igreja não tinha recursos, etc.

Na loja estávamos nos e mais três pessoas ao fundo, onde estavam lâmpadas e luminárias. Irmã Fidelma vislumbrou as pessoas, sem reconhecê-las. Eram três mulheres, todas do Cabaré Rei. Largou a cuia e me puxou para direção delas, dizendo querer conhecer aquelas senhoras.

_ A senhora não deve ir praquele lado, atalhou o vendedor.

_ E por que não? Questionou a religiosa.

_ Bem... é que são as putas do cabaré do rio Iracema. E seguiu diante da postura firme de Irmã Fidelma. Bom, não acho que a senhora deva se misturar a este tipo de gente. Aquilo a irritou de madeira súbita, que largou os fios que tinha na mão e colocou-se de frente para o vendedor que mal cabia em suas calças.

_ Meu filho, são suas irmãs em Cristo, iguais a ti diante do Senhor. Não se preocupe não questionarei sobre sua presença no local. E dirigiu-se para as moças arrastando-me consigo. Quando dei com as três meu coração sobressaltou-se: ela estava com Maninha e Jandira num lindo vestido vermelho, escolhendo luminárias. Não contive minha emoção a ponto de Fidelma perguntar-me depois se eu tivera algum contato físico com a moça de vermelho.

A irmã apresentou-se e travou imediatamente longa conversa. Reconhecia todos os parentes das moças de memória.

_ Você é filha do Armelindo e Dona Ana, disse pra Maninha. Sua avó faleceu no ano passado. A Rossana está em Itajaí? E o Valdecir melhorou dos olhos? Vi o Eder na semana passada, tá tão grande.

Ele é gêmeo da que chamam de Nega... não recordo o nome direito. Bem, a bonequinha...

_ E seu João, como está? Direcionou para Jandira suas perguntas. Coitadinho, ainda de cama. Que cruz para dona Eulália, Jesus. E o Alçeu, ainda na riqueza com o Maurão. Jandira respondeu a todas as questões tão surpresa quanto eu.

_ E você, meu anjo, perguntou pra Marlene, de quem é filha?

_ Sou Marlene, Marlene Pholman, respondeu minha diva de olhos baixos, encantadoramente envergonhada.

_ De que Pholman, insistiu a Irmã.

_ Do Santo, Santo Pholman.

_ A sim, você e a Roseli são primas, não é isso? Dona Bete e dona Ana são irmãs. Diga a Dona Bete que tem faltado aos cultos e pro seu Santo parar com a cerveja senão aquele barrigão vai explodir. Rimos todos daquele gracejo. E o Gilmar ainda no Banco do Brasil?

_ É, parece que tá. Faz tempo que não falo com ninguém em casa, respondeu timidamente, dando mostrar de estar pouca a vontade com aquele questionamento.

Habilmente a Irmã tomou outro rumo, sem tirar o sorriso dos lábios, conversando normalmente com elas. Bem, cá vale um recurso linguístico: o que seria falar normalmente, desde que se fala com alguém se presume que seja com normalidade. Aqui temos mais uma carga de preconceitos, seleção natural dos virtuosos.

_ E vocês por que não comparecem a Igreja? Prosseguiu a Freira com sua obrigação.

_ Elas são do cabaré, cortei com toda infelicidade do mundo, atribuindo aos excelentes cidadãos usuários do trabalho nababesco das moças merecimento para frequentar a casa do Senhor.

Mais uma vez Irmã Fidelma irritou-se e cortou gravemente minha correção.

_ Deixe as moças falarem, Clodoaldo. Elas têm bocas, lindas bocas, aliás, e acarinhou o rosto de Marlene que me fuzilava com seus olhinhos verdes.

_ Bem, é que tem lugar que a gente não gosta de ir. Tem gente que olha demais, justificou-se Maninha, constrangida comigo. É sempre complicado, olham a gente que nem cachorro, completou Jandira, que não parecia menos intrigada comigo.

_ E quem são essas pessoas, perguntou indignada Irmã Fidelma. Provavelmente os que a noite fodem com vocês, encerrou de forma grotesca.

Seis olhos se voltaram pra mim, exemplo típico daquela linha de pensamento.

_ Se Jesus esteve com todos, inclusive com prostitutas, e falou com todo o cuidado pra não machucar, embora parecesse arrependidos o usual e por todos os outros adjetivos parecerem piores, Irmã Fidelma voltou aos sorrisos e externou a total necessidade que elas mantivessem a fé e orassem ao Pai. Não deem ouvidos a estes hipócritas, e pareceu-me que o termo casou em mim com uma luva, de que naquele momento eu representava tal raça, sigam suas preces, peçam o perdão que somente Ele, e apontou para o alto, tem o direito de qualquer julgamento sobre nossas vidas, ninguém mais.

Poucas vezes me senti tão mal em toda minha vida. Meu fiapo de moral se rebatia contra quatro mulheres pecadoras, assumindo o risco de julga-las cheio de pecados.

_ De qualquer maneira qualquer dia eu vou a suas casas visitare-las. Fiquem firmes na oração, peçam perdão que Ele perdoa. E assim beijou todas carinhosamente, reiterando que iria visita-las. O Clodoaldo deve saber o caminho, não é?

Marlene tomou a frente e a abraçou confirmando que eu tinha estado muitas vezes nos últimos tempos no cabaré e devia saber o caminho de cor.

Mal cabia dentro de minhas calças de tanta vergonha.

E saímos, deixando as três com suas escolhas. Quando chegamos na porta o vendedor, que assistiu a tudo com suas conspirações, lembrou a Irmã que estava esquecendo do fio. Fidelma virou-se bruscamente e mandou que enfiasse o fio no cu. Não poupo os leitores desta palavra, mas foi desta maneira que ela proferiu, encarnada de ressentimentos e impaciência. Não respondeu somente ao vendedor, mas a tudo que este representava.

_ O que é isso, Irmã, tentei repreendê-la.

Mais uma das tantas tolices que fiz naquela tarde.

_ O que foi Santinho? Quer ir com ele. Saiu a passos largos.

De como eu e Irmã Fidelma fomos ao Cabaré Rei

Quando Irmã Fidelma disse que iria ao cabaré não acreditei, muito menos as meninas. Embora nada a escandalizasse, a presença dela num local tão inóspito parecia uma miragem. De qualquer maneira fiquei com dúvidas, um pressentimento de que ela estava

falando a verdade e não toquei no assunto durante a semana. E para que levantar ainda mais a poeira, já que tudo parecia entrar nos eixos e até mesmo as beatas tinham dado uma folga, recuo necessário diante das poucas possibilidades de vitória naquela batalha inglória da beleza contra a caduquice.

Numa sexta-feira, pelas quatro da tarde, ela me chamou.

_ Aonde vamos a essa hora, perguntei sem imaginar a resposta.

_ Tomar uma cervejinha, respondeu-me agitada como de costume. O calor está muito apropriado para beber. Te arrume depressa, quero chegar logo. Pegou a chave do Gol usado pelo Seminário e me esperou na garagem com ele ligado. Era hábito de o pessoal ligar o carro meia hora antes de sair, coisas de interior. A saída para cidade era uma data especial, algo diferente, feito semanalmente, quase cerimonial. Este costume Irmã Fidelma guardava, sem muita explicação, todas as vezes que ia sair de carro ligava meia hora antes, enquanto se aprontava. Ela era muito rápida em tudo; sem muitos fricotes, ajeitava os cabelos, perfumava-se e corria – tinha pressa sempre.

A Irmã era boa motorista e gostava de velocidade. A todos buzinava, sempre que algum conhecido a parava ela prontamente atendia e nisso levava os minutos que tinha ganhado ao vestir-se. Mas naquela tarde ela não parou pra ninguém; sua tarefa parecia mais urgente que habitual, deu com o carro na saída para Riqueza e seguiu.

_ Tu sabe que falam de mim com o Padre. Agora falarão de ti, disse-me rindo.

Fiquei sem entender se aquilo era uma cantada ou um desagravo – o final do destino me daria a resposta por certo.

_ Sua mãe não gosta muito de mim, não é, perguntou-me de chofre.

Pego de surpresa engasguei alguma coisa que não a ofendesse tanto.

_ Bem, ela é muito religiosa, às antigas e a Senhora é uma religiosa moderna. Talvez aí esteja a diferença, respondi quase honestamente.

Ela sorriu pra mim. Sabia de minha parcimônia, que não estava querendo enfrenta-la e meio aéreo com aquelas perguntas.

_ Olha. Desde que existem Padres e Freiras que ocorre o que acontece comigo e Leonardo. Enquanto falava não parava suas trocas de marchas, acentuando suas palavras, sempre direta. Eu não entendo o que uma foda a mais ou a menos no mundo vai alterar o geral. Principalmente o que minha buceta vai mudar a vida de uma mulher como sua mãe. Ela, e as demais, deviam preocupar-se com o rabo delas e me deixar dar o meu quanto quiser.

Nunca tinha passado pela minha cabeça um palavreado tão direto sobre as partes intimas de minha Mãe. Enquanto filho nunca pensei nela como mulher, mas como Santa ou próximo disso. Ser filho é esquecer que se foi gerado da forma mais selvagem possível: penetração, coito, foda, trepada, sexo.... não cabe pra nossa Mãe – as outras que fazem aquilo. Ouvir Irmã Fidelma falar daquele jeito me ofendeu. Creio que ela tenha tido esta intenção de dar o devido cabo aquelas especulações.

Ao nos aproximar da entrada de casa esperava que ela diminuísse a velocidade pra entrar no único lugar possível para aquele horário. No entanto ela seguiu na mesma. Possivelmente tinha errado.

_ Aonde vamos? A encruzilhada de minha casa é ali, apontei quando passávamos.

_ Tem cerveja em casa? Sinalizei que não. Então, vamos a um lugar onde se venda cervejas e ver nossas amigas doutro dia.

_ A senhora não quer.....

E não acabei de falar ela entrou como um tufão no Cabaré Rei, frenando em frente a casa de Maninha, erguendo tanta poeira que todos abanaram-se, alguns tossiram, poucos não reclamaram com o “louco que acabara de chegar”.

Meu coração disparou. Que loucura aquilo! O local estava lotado de gente de todos os lugares, a maioria com fervorosos católicos de pia e tudo, defensores dos bons costumes e tal. A chegada da Irmã causou um frenesi enorme, incredulidade, espanto, susto, tantos espasmos que não conseguiria elencar aqui. A presença da religiosa no Cabaré seria o último pensamento que ocorreria a todos; dar-se-iam por crédulos se um elefante aparecesse bem no meio do pátio, mas a Irmã? Seria uma miragem generalizada?

O alvoroço causou alguns abandonos, saídas estratégicas, rostos cobertos, viradas rápidas, sorrisos amarelos e, claro, alguns caras duras mantiveram-se quietos, torcendo para não serem notados.

Marlene foi a única que conseguiu reagir. Deixou seu cliente e nos recebeu num sorriso encantador de velhos conhecidos.

_ Irmã, a senhora disse que vinha e veio mesmo, disse me ignorando totalmente.

_ Mas claro, olha só como tem gente conhecida aqui. Você atrai mais gente que a Santa Igreja Católica.

Ambas riram alto. Naquele encontro, Deus e o Diabo finalmente chegavam a um consenso, que nunca admitirão: ambos precisam um do outro. O homem de fé, que fecha os olhos e implora ao Senhor pelos seus dias e pelas suas faltas, é o mesmo que se se senta à mesa com uma prostituta, ama dando tudo do melhor que renega em casa: paz e pecado naquele abraço.

Irmã Fidelma saiu cumprimentando a todos, sem exceção.

_ Seu Armando, como vai dona Odila, aquela Santa mulher? Por certo trabalhando, trilhando milho enquanto o senhor relaxa na companhia dessa boa moça. O homem baixou a cabeça, quase sorrindo, carregado de vergonha. Seu Jorge! E dona Alzira melhorou do pâncreas? Ela me disse que estava sem dinheiro pro remédio. Coitadinha! Mas vejo que dinheiro tá sobrando. A mulher que estava ao seu lado cerrou a cara, contrariada com aquele descaso. Pedro, dirigiu-se a um jovem que cantava no corro da comunidade, filho de um agricultor do Bagé, e a sua encantadora

noiva como está? É bom que apronte agora e seja fiel depois, meu filho. E no canto, quase escondido, pena que a arvore era pequena, o Ministro Almir, responsável pelos cultos aos Domingos na comunidade. Ora, espero que esteja aqui apenas testando sua fé, caro Ministro. Que grande exemplo o Senhor nos dá. Estou impressionada. Almir sorriu sem dentes, talvez com vontade de chorar diante daquele flagrante.

Marlene ria de toda aquela tragédia; eu não tive coragem pra nada, aquietei-me. Conhecendo a Irmã, não queria ser o próximo a levar esporros.

E o desastre não foi pior por que Maninha surgiu, tão surpresa quanto aos demais e arrastou a Irmã para sua casa.

_ Creio que minha presença aqui vai acabar com sua freguesia, o que é lamentável, riu alto recostando-se numa poltrona muito a vontade. É aqui que realiza seu trabalho, perguntou após vasculhar cada canto da casa com o olhar. Não vai sair nenhum homem pelado daí, vai? Falou sem parar, como a espantar o nervosismo que acercou-a.

Entreolhamo-nos estarrecidos. A Irmã parecia fora de si, pouca a vontade, sorria nervosa, olhando pra todo lado, elétrica. Calamos.

_ Você parece pouco a vontade querida, perguntou a Maninha que estava inquieta, transferindo seu estado de espirito.

_ Bem, na verdade eu atendo apenas algumas vezes a clientes especiais, gente das antigas que me querem. Tenho muitas ocupações; isso daqui dá um trabalho danado.

_ Hum! Entendo.

_ E tem mais, não é comum mulheres como a Senhora por aqui, tentou desculpar-se por tanta frieza do tratamento.

Irmã Fidelma percebeu o tamanho da encrenca e sorriu afetuosamente, tornando seu estado normal - tentava se controlar - respirou fundo e pediu pela cerveja.

_ A sim, claro... disse Maninha aliviada, saiu para o bar tornando em seguida com duas garrafas.

_ Sou igual a você, querida. Apenas não suporto algumas coisas que vejo por estes homens. Gente hipócrita... reteve, acariciou o rosto de Marlene que estava divino, sem a nossa tensão. A Irmã bebeu um gole e tornou a conversar com as duas, perguntando sobre os cuidados com o trabalho, controle de natalidade, direitos da mulher e pra jamais esquecerem de rezar todos os dias, pedindo proteção ao Nosso Senhor, que mesmo naquele local Ele estaria sempre com elas.

Embebida com a retórica de Irmã Fidelma, Marlene sentou-se ao meu lado: avermelhei todo, sem conseguir escapar do olhar atento da religiosa. O roçar do corpo dela me erubesceu, e todo o descaso dela comigo desapareceu para retomar o maior amor do mundo. Marlene sorriu com meu desconcerto, ela sabia o que estava fazendo.

_ Tá ficando animado aqui, disse num meio sorriso maroto, piorando ainda mais meu desconcerto.

_ É mesmo, não é filha, retribuindo a malícia. Beba um gole, Clodoaldo, senão tu vai cair do sofá, sugeriu a Irmã por dentro de nossa culpa.

E Marlene com o rabo dos olhos em mim começou a recordar de nosso tempo de criança e minhas mancadas com ela.

_ Eu gostava tanto dele, Irmã, mas ele era tão bobo.

_ Era, né, por que agora ele esqueceu tudo....

_ É, já não é tanto assim, concordou Marlene acariciando minha perna e atirando o olhar mais lindo do mundo.

Quase caí, não vislumbrei mais o mundo mau, mas todas as estrelas do universo se colocaram diante de minha irradiando meu rosto: fiquei totalmente abobalhado, procurando algo pra fazer ou dizer. O amor é um traidor – danado.

Quando estávamos na terceira cerveja e com aquelas tiradas todas, Irmã Fidelma pediu mais três pra levar; iria visitar Mamãe no retorno.

_ Mas ela gosta mesmo de pinga, lembrou Maninha das preferencias de Mamãe.

_ É, mas não dá pra misturar senão acabo bêbada aqui, gracejou levantando-se em tom de despedida.

_ Tá bom Irmã, disse Marlene saindo pra buscar mais cervejas.

_ Veja o preço da despesa, mas não me cobre o preço da zona, viu, gracejou novamente, totalmente descontraída.

E foi uma discussão dos Diabos entre a Irmã e Maninha: uma querendo pagar e a outra querendo receber. E por fim chegaram a um acordo: a Irmã pagou metade e o resto ficou por conta da casa. Enquanto isso, me encorajei olhar para Marlene, que retribuía do mesmo jeito de anos atrás no catecismo. Que mulher divina, uma Diaba: conseguia prever o que eu pensava.

As mulheres despediram-se com reiteradas promessas de retorno pra novas visitas enquanto as prostitutas juravam voltar-se pra Deus. Eis uma cena que jamais veria. Poucas vezes a vida nos permite determinadas loucuras, Deus e o Diabo juntos de mãos dadas, confraternizando, o Universo cerca de cuidados. Lá está o escândalo, o improvável, o equilíbrio tendendo para um único lado, descambando; nada do possível, do costumeiro: a existência é feita de diferenças, de modos que não convivem, suportam-se por que assim se faz necessário - a roda precisa girar.

Ao sairmos um conhecido da Irmã chegava e por falta de sorte deixou cair um pacote contendo estimulantes sexuais, que os olhos agudos da religiosa pegaram.

_ É seu Alcides, veja lá pra não usar demais , tem hora pra tudo. Isso mata também.

O velho olhou pra trás espantado e correu para o quarto, seguido por Jandira.

Logo a frente encontramos meu avô, assíduo frequentador do local. Todo final do mês ia pra cidade, recebia aposentadoria e corria para o cabaré. No falecimento de vovó ele aparentava seus oitenta anos, um ano depois, quando o luto cessou passou a frequentar a zona e estava lépido, jovem, perto dos cinquenta anos. Todos da família o reprimiam, mas ninguém conseguia segurar o velho, altaneiro e feliz com as horas agradáveis ao lado de uma puta velha chamada Jasmira.

Irmã Fidelma não perdeu a oportunidade de azucriná-lo.

_ Olá, seu Sileno! É aqui que o Senhor tá rejuvenescendo?

Ao contrário do que pensei, ele não se perturbou e puxou um longo papo com a religiosa, estendendo convite para que ela fosse pescar com ele qualquer dia.

_ Qualquer dia a gente vai, seu Sileno, qualquer dia.

Eu não duvidava de mais nada.

De como nos confrontamos com Mamãe e soube do passado dela

Chegamos em casa e Mamãe nos recebeu de maneira fria – estava pronta pra tirar leite. Irmã Fidelma fingiu não perceber nada e desatou a falar. Elogiou a casa, a organização, a limpeza, a horta, as vacas, os bezerros, as frutas... tudo. Em poucos segundos estava dentro da estrebaria no meio da merda ordenhando. Em seguida tomou a gaiota, encangou os bois e foi buscar pasto, dando onde Papai e meus irmãos trabalhavam, empreendendo conversa animada com todos. Ao voltar tomou a polenteira e se pôs a mexer com bravura, proporcionando uma bela polenta para o jantar. Em todos os instantes brincava com Mamãe que iria tomar o marido, que se pega homem pelo estômago e não pela cama, aquelas babaquices de mulher, tentando quebrar o clima ainda pesado que reinasse. Agia com naturalidade, derrubando os olhares de contragosto.

Era difícil não gostar da Irmã Fidelma; mesmo que não se aprovasse sua vida pessoal e religiosa, ela tinha carisma, emoção e gosto por tudo que fazia. Em poucos instantes estávamos anestesiados pelo jantar.

Ao final da refeição Mamãe estava animada; sobre reiterados pedidos de Irmã Fidelma, aceitou meu retorno pra casa.

_ Ele não tem jeito Armelinda. Bonito e namorador nunca seria um bom Padre, aconselhou a Irmã após ouvir todos os argumentos contrariados de Mamãe quanto a minha conduta, principalmente as minhas idas ao cabaré. Coisa de homem, Armelinda. Eles são desse jeito, não podem ver um rabo de saia.

Todos rimos! Ficou acertado que eu iria continuar com minhas atividades normais, sem muitas esperanças de acabar de batina.

No caminho para Caibi a Irmã me deixou guiar; mesmo sem habilitação me dava este mimo. Fui devagar, Irmã Fidelma encostou-se ao banco do carona e deixou, quase sem querer, que eu visse suas pernas, bem dadas e polpudas ao alcance de minhas mãos. Estava difícil resistir. Então inesperadamente, ao chegarmos

num descampado ela pediu que parasse. Insistiu até que compreendi que era verdade. Parei num descampado onde camuflei o carro - talvez ela me quisesse - porém me mantive quieto.

A Irmã se posicionou no assento, de maneira que pudesse estar segura e encostou-se a meu peito, sem mais delongas. Não reagi, deixei que ela suspirasse e me acariciasse. Suas mãos correram meu peito, meu rosto, nada mais. Então perguntou:

_ Você é louco por aquela menina, né? Não aguardou minha resposta. Não falava comigo, mas com ela mesma; com nossos amores impossíveis; o mesmo tormento, dores pra sempre, tempos de amar e perder que a noite toda poderia escutar, como testemunha - apenas ela, sorrateira e nada mais.

Quantas vezes quis aquele corpo quente assim pertinho, solitário e carente. Quanta luta pra agora não saber o que fazer. Ao me perguntar sobre meu amor, Irmã Fildema me apontou o caminho, o extremo que nos separava e nos unia ao mesmo tempo – a solidão.

_ Veja, querido. Todos nos temos nossas falhas, todos. As pessoas precisam conviver com elas. Vejo tantos homens naquele cabaré que são infelizes, gente que não tem uma boa mulher em casa ou nunca tenha encontrado um outro prazer que não fosse aquele de todo dia; ou pessoas como sua mãe, por exemplo, com todo aquele cuidado com vocês e seu pai e mesmo assim errou feio....

Percebi quando mordeu os lábios, arrependida, como se falasse demais. Saí do mundo sinuoso em que estava e questionei o que ela quis dizer.

_ Foi modo de falar... nada demais.

_ A senhora foi tão contundente, não falaria à toa, insisti.

A Irmã saiu da posição em que estava e me olhou com candura.

_ Não, não quero te falar sobre isso. Pra quê?

_ O que foi que ela fez de tão grave? Estava alterado, o álcool estaria fazendo algum efeito em mim que mudei de estado

imediatamente, tornando-me ameaçador e sem perceber apertei o braço dela.

_ Espere! Solte meu braço! Está me machucando. Soltei embaraçado, não havia percebido que a machucava.

_ Perdão Irmã, disse-lhe cordato sem tirar o olho de cima dela exigindo esclarecimentos.

Ela encostou-se à porta do carona, ajeitou o vestido e voltou a ser a Freira: o Senhor descia sobre aquele corpo asseverando uma verdade que seria dura.

_ Foi um boato que ocorreu ainda quando você era criança de que ela teria tido um caso com o dono das terras onde seu pai trabalhava, um tal de Ricieri.

_ Disso eu sabia, respondi imediatamente.

Soube por minha tia deste caso de Mamãe com o proprietário das terras onde meu pai era agregado. Não sei a dimensão exata do que ocorreu, mas depois que Papai descobriu nos mudamos imediatamente para Linha Rosário.

_ Hum! Menos mal, disse-me aliviada. Então, por que me censuram tanto, voltou a divagar, se uma senhora respeitada como ela ter tido amante e abortado....

Interrompi bruscamente. Provavelmente concluiria que nem por isso Mamãe deixava de ter seu valor. Mas eu não sabia nada do aborto.

_ Que aborto, perguntei transtornado.

_ Tu não sabia? Tornou a fechar o rosto; aquele novo fato retroagia tudo. Uma traição era suportável, tanto tempo, mas um aborto: disso eu não sabia.

_ Não.

_ Bom, segundo dizem, sua mãe engravidou do tal.... bom, dele, e abortou o filho.

Soquei o carro. Não sei nem por que direito. Aquela revolta não cabia naquele instante; quem era eu pra me revoltar. A imagem de minha mãe, Santa, pura e moralista, caiu por terra. Agora eu via um monstro, uma deformação humana.

_ Como ela pode fazer isso!

_ Ei, calma! O que você está fazendo? Diante de minha reação ela tomou minha mão e seguiu. As pessoas fazem coisas que se arrependem depois. Deixa Deus cuidar dos castigos e vinganças. Ela terá que responder pra Nosso Senhor por tudo.

Não me conciliei. Apenas me acalmei quando ela ordenou que eu retomasse a estrada. Acatei imediatamente. Foi a última vez que tive a Irmã tão próximo e por causa de uma bravata a perdi.

Chegamos ao Seminário e demos com Irmã Henriqueta colhendo rosas, e gentilmente nos estendeu uma para cada.

_ Ora vejo que o dia foi proveitoso, disse-nos sorrindo.

_ Foi, Irmã, respondeu Irmã Fidelma. Reconciliações, olhou pra mim, evangelização, descobertas e sempre a lida com o pecado, sorriu sorvendo um gole chá.

_ Eu não teria esse pique todo, Irmã. É tão bom ser jovem, e me abraçou ternamente.

_ É pena que nessa idade nos cacheamos de pecados que duram a vida toda, refletiu para si Irmã Fidelma.

_ Nem tantos que não possamos alcançar o perdão do Senhor Deus, consolou Irmã Henriqueta.

Enquanto as duas parlamentavam pedi para me retirar e fui ao meu quarto. O dia tinha sido cheio de emoções nada fáceis.

De como a policia entrou no caso

Em uma cidade pequena não existem segredos que durem por muito tempo. Dessas coisas que não se entendem, um segredo bem guardado aparece como um raio. Em dias grandes de pouco o que fazer, fica-se olhando os movimentos e ouvindo os barulhos que somente ouvidos treinados desde infância detectam. E se um fato surge num canto sem demora pula para todos os outros, torna-se público, dando direito aos moradores professar sobre tal e tomar as dores de Cristo para resolver.

Havia se passado seis meses desde a última conferência imposta pelas beatas lideradas por Odila, a Santa. Na segunda-feira fomos surpreendidos por uma procissão de gente exigindo audiência com o Padre.

Diante do tumultuo, Leonardo aceitou que apenas algumas mulheres entrassem, dentre as quais estavam Odila, a líder, seguida de outras tão insanas quanto, que reconheci de relance. Junto adentrou Alair, filha de um Senhor chamado Zélio Slaviero, tio de Maninha. Tinha na época vinte e quatro anos, plena de feiura e maldade. Arrepiei-me ao vê-la passar; de tão esquálida que era mal se percebia, mas tinha o cheiro do enxofre colhido do pátio do Demônio e impregnado em seu corpo horrendo. Nunca tinha sido vista com homem algum; sempre sozinha nos bailes e nas festas, azeda com todos que tentassem se aproximar; quadrada, pequena e infeliz, profundamente infeliz. Sua maneira séria me assustava e a cada ano que passava ficava ainda mais sombria, magra como se fosse dependente de alguma droga poderosa: alimentava-se de ódio, apenas ele que a movimentava.

Alair é o tipo particular de pessoas que inunda este mundo com sua presença temerosa. São inúteis para a beleza, somam a feiura, a desfaçatez de esconder-se por trás da religião para berrar sua miséria e dela tornarem-se justas. Olhando para Alair se via o principio puro: a mulher casta, direita, trabalhadora e crente de ferir os joelhos – a retidão. Ao menor pecado desfere vários capítulos que tornam o pecador mais pecador, insano, vil, o filho da escuridão. E não há consolo nem perdão, apenas os castigos de Deus. “Sejam retos como eu” berrava nas aulas de catecismo, tantas que mais queria tomar e fazer; bem como nas leitura dominicais, que mal aguentava-se em tanto fervor. Estes seres são danosos, cruéis e mais comuns do que imaginamos: fanáticos.

_ Precisamos agir, Padre, berrou Odila. Inda mais agora que até morte aconteceu por lá.

_ Morte!

_ É, do antigo dono, o filho do Tonhão, contestou ante a surpresa do Reverendo.

_ Ora minha filha, que bobagens, tentou desconversar o Padre cada vez mais encurralado.

_ Bobagens! É? Relinchou Odila em toda sua força fônica, pois então como o Senhor explica sua ida até a Delegacia nestes dias?

_ Um Padre precisa vez por outra resolver...

_ Nada! O Senhor esteve tratando do caso da morte do Marciano, e não permitiu qualquer ressalva, seguiu seu ataque com tanto esforço que tive dúvidas se não estava dominada por alguma entidade. Sei por que o Edvaldo, auxiliar do Delegado ouviu sua conversa com o Delegado. Sim, a esposa dele tá aí fora pra confirmar que o gaúcho daquele lugar maldito contou pro Codo aqui, e apontou pra mim.

Alair mirou em mim, causando-me calafrios, um meio sorriso condescendente com minha atitude, a de delator indireto do crime. Mas Odila seguiu:

_ E a Mariqueta contou pra Jussara, que levou pra Edvane e ela contou pra Volnete, minha filha, que me disse – a rede.

Então era disso que tratavam. Sem mesmo nos falar o Padre tinha passado para a polícia minha história, com reservas evidentemente. Porém a rede detectou um cisco de suspeita e tudo veio à tona.

_ Então Padre, agora tem morte. Prostituição e morte.

_ Que exagero Senhoras. Relatei apenas uma suspeita que o Delegado ficou de investigar, nada além...

_ Não importa Padre. Se o Senhor não quer agir a polícia vai. Estivemos na Delegacia e o Delegado vai botar tudo na cadeia. E nós o que faremos Padre?

Nós significava toda a Igreja. Se o mundo agia, os Santos tinham que estar à frente, ou será que Deus sempre usaria o homem pecador para solucionar o pecado, como ao criador de galinhas que usa a raposa para guardar o galinheiro? Se não restarem galinhas vivas, restara o erro.

_ Bem, esperemos as provas, antes de agir, conseguiu responder Padre Leonardo, encostado em sua cadeira quase se força.

A postura do Padre desagradou a todas. Odila simplesmente não acreditava que estava servindo ao um molenga como Leonardo. Soltou ar pelos lábios, cansado ar e engoliu com todas as palavras que não pode dizer, por estar diante do representante Dele.

E neste silêncio tenebroso somente uma alma pura poderia intervir.

_ Deixa, tia. O que esperar de um lugar onde tem Irmã bebendo com as putas e Seminarista deitando toda semana por lá. Espera-se coisa que preste, hem?

Era ela, a terrível. Saiu de seu casulo e tomou dois passos apenas pra mostrar toda sua fronte severa, carregada de bons

princípios. Ela podia gritar, podia arguir, dar a mão sem medo : era casta acima de tudo.

_ O que é isso Dona Tita, gritou o Padre inconformado.

_ Meu nome é Alair. Tita é minha irmã, corrigiu a moça. Pergunta a Irmã Fidelma e ao seu Seminarista preferido onde estiveram na sexta-feira. Pergunte, Senhor e vão te dizer.

Todos da sala se voltaram pra mim, crivando-me olhos duros; juntando a todas, os argumentos do mundo e o total desconhecimento do Padre quanto o ocorrido. Leonardo tornou-se questionador - onde teriam ido? Questionou Irmã Fidelma que manteve-se sempre a altura da acusação, não expressando qualquer medo, surpreendendo-nos. Não ralhou ou defendeu-se. Estávamos os dois ante o acusador dedo do bem, da santidade guardada para àquelas horas simples de requeridas.

Nisto Padre Leonardo recobrou consciência de sua autoridade e levantou-se aos berros.

_ Senhoras, eu tomarei as providencias que me cabem, nada além. Se a polícia está no caso nada temos a fazer. Nosso dever é orar por todos para que paguem que deve, e absolva-se quem nada deve. E agora podem sair....

Não aceitou mais qualquer argumento; não se voltou para os berros de Odila, que permaneceu intransigente, e aos tentáculos das demais que chegaram a agarrar o braço do religioso. Correu para a biblioteca e trancou-se, relegando-me ao abandono.

Irmã Henriqueta interviu com firmeza e exigiu silêncio e respeito; aquele que ia se esconder era um Padre, afinal de contas. O representante de Deus na terra e todas deviam o máximo de respeito. A cada iniciativa Irmã Henriqueta erguia a voz e ordenava silêncio. As beatas não podiam questioná-la, então se calaram resolutas. Nisso Irmã Fidelma, que não tinha este respeito, abriu a porta da de saída e ordenou que todas deixassem o Seminário.

Neste intervalo de dúvidas consegui abandonar a batalha e seguir ao meu quarto onde me tranquei apavorado – tinha sido por pouco.

As coisas tinham saindo do controle.

De como fui avisar Marlene noutro dia

Noutro dia saí cedo do Seminário sobressaltado. Precisava avisar Marlene que a polícia ia entrar no caso, sobre os novos acontecimentos e o pressentimento terrível que estava sentindo. Não tinha pregado o olho imaginando Marlene presa em algum canto do mundo incomunicável. Agora que ela voltaria pra mim – doce ilusão – a polícia ia se meter no caso, descobrir coisas; e aquelas terríveis mulheres inflamando a situação...

Antes que todos acordassem, tomei o ônibus para Riqueza e parei no Cabaré Rei. O silêncio era absoluto, apenas o barulho do rio cortava a manhã. Fui direto pra casa de Marlene, sem qualquer

barulho, temendo encontrar com Jaime. Bati na porta de leve, chamei várias vezes até que um homem enorme apareceu em minha frente, assustado, vestindo a camisa, totalmente grogue. Mal percebeu minha presença – mais uma visão terrível.

Eu não me acostumava. Mesmo empreendendo todos os esforços não conseguia ver Marlene com outro, principalmente com aqueles terríveis tipos que pareciam saídos de um chiqueiro de engorda.

_ Como você fica com um porco como esse, berrei sem medir a voz.

_ Oi bebê, veio cedo me ver... disse-me cobrindo seu corpo nu. Não devia estar aqui.

As motivações de minha chegada daquele jeito se olvidaram por instantes; meu nervosismo impediu a sequencia daquela missão urgente.

_ Bem, é que tenho uma coisa importante pra te falar... gaguejei.

_ Tão urgente que não podia esperar um pouco mais, até à tarde quando estivesse sozinha. Eu sou uma puta e putas têm companhias, geralmente até de manhã... terminou com suas punhaladas que estavam insuportáveis.

Transtornei-me, fiz menção de voltar dali mesmo, sem qualquer outra palavra: ela era terrível. Então num gesto patético perguntei se ela nunca tinha gostado de mim, num suplicar de criança chorona, dando toda minha cara pra ela tripudiar.

_ Eu gosto de tantos. Gosto de muitos, mas tenho que gostar de estar aqui. Não se confunda, nem se machuque à toa, garoto. Levantou-se e foi ao banheiro vestindo apenas uma minúscula calcinha que restara da noite com o porco.

_ Não faz isso comigo, Marlene, eu te amo, disse-lhe aos prantos.

Se algo está medíocre e cômico podemos aumentar ainda mais a tragédia, basta nos arrastar, atirar nossa vergonha no chão sujo do amor. Assim fiz: caí ao fundo do poço, humilhei-me. Marlene chutou-me como um cachorro; voltou-se de forma odiosa e falou muito acima de mim:

_ Sabe de uma coisa: os homens são todos iguais: ratos. Gente de esgoto! E saiu para o banheiro batendo a porta em minha cara.

Enquanto ela tomava banho me levantei, sem forças para mais humilhações. Refleti sobre tudo e tive imensa vontade de ir embora sem falar nada, ignorar, deixa-la a mercê da Justiça e das beatas ou quem quer que fosse. Que se danasse; que se explodisse; que ficasse com sua putaria.

Um homem direito teria se levantado e partido. Eu não era direito nem torto, era apaixonado, apenas.

_ Ainda não foi embora, esnobou de mim dando-me a última cusparada de toda a humilhação que reservava pra mim todos os dias.

Retomei todas as forças e falei sem parar, a deixando a par de tudo o que estava acontecendo: as investigações da policia e o aperto das mulheres, a desconfiança de que outras pessoas da comunidade se envolveriam, enfim, quase sem fôlego pedi que ela saísse antes que algo pior acontecesse. Em meu intimo eu imaginei estar fazendo algo de extremamente importante pra ela. No entanto ela se manteve intacta; ainda com a toalha enrolada e começou a gritar:

_ Culpa sua, seu Padreco. Tu que levantou essa desconfiança, tu que trouxe quem não devia. Até a Freira, aquela doida varrida trouxe pra cá. Além do mais estava aqui apenas nos espionando, fuçando, até conseguir tudo isso pra gente. Um acaguete, isso que tu é. E agora me joga essa conversa de amor.

Falou por todas do cabaré, tudo estava preso nas gargantas daquelas mulheres que tinham uma vida tranquila, até minha chegada, disso não podia discordar. Aquelas alterações foram

causadas indiretamente por mim, mesmo sem ter qualquer intenção levantei os cadáveres que cercavam o Rio Iracema e agora o cheiro exalava no ar: cheiro de morte.

_ Agora saia de minha frente antes que chame Jaime pra ter dar uma bela surra aqui mesmo.

Não permaneci. Saí cambaleando a toda corrida, não queria encontrar com o churrasqueiro ou com Maninha. Cheguei a estrada tremendo, as pernas começavam não responder, tinha a impressão que Jaime me perseguia com sua faca de carne, um passo e me esfolaria. Lutei terrivelmente pela minha vida, mas ninguém se deu ao luxo de uma barbaridade daquelas: quem me expulsou foi Marlene. Sua revolta e raiva de mim , o que eu tinha conseguido?

Cheguei em casa esbaforido, surpreendendo a todos que me imaginavam no Seminário.

_ Vai me dizer que tava na Zona de novo, brincou Papai comigo.

Sentei-me e pedi água – não tinha condições de ficar em pé. Após alguns minutos consegui respirar e olhar aos que estavam ao meu lado. Segurei-me pra não chorar: foi a despedida mais dramática de toda minha vida; nunca mais veria o Cabaré Rei imponente.

De como o Padre nos censurou

Voltei ao Seminário no mesmo dia, a noitinha. O Padre estava muito nervoso comigo, chamou-me para um reunião imediatamente e me censurou por ter ido ao cabaré com Irmã Fidelma. Disse todas as coisas possíveis para uma ocasião temível como aquela. Relatou nosso papel, até onde tínhamos ido e nossa contribuição. Não podíamos ter tudo na vida, algumas vezes precisávamos renunciar ao que nos parecia mais caro. Comentou da diferença de nossos mundos, do quanto aquilo tudo estava prejudicando minha vida particular, de que aquela mulher; disse com ênfase por saber de quem se tratava, jamais seria uma esposa, nunca iria viver com apenas um homem. Aprenda cedo sobre as mulheres, aconselhou-me. Disse-me que um homem precisa de uma boa mulher pra seguir sua vida, ter filhos, cuidar da casa... e aquela, ela, meu grande amor, não seria nada além de uma rameira. Recordo de como este termo machucou, rameira, apenas uma rameira. Difícil de admitir todas aquelas verdades em plena adolescência e dopado pelo amor impossível.

Tudo que me disse naquele dia não assimilei, discordei dentro de mim. Como esquecer aquela mulher, que tinha me dado todos os motivos para odiá-la, no entanto me prendia em sua teia de abusos e carinhos. Não, aquilo não era assim, não podia ser assim, haveria uma maneira de tirar ela daquele lugar e ama-la pra sempre, fazer dela uma mulher direita. Imaginei que no fundo toda prostituta pretendesse um lar, filhos, uma casa... segurança e honra. Com efeito, aquilo não era pra Marlene. Hoje aqui teclando estas recordações concluo que tudo o que o Padre me disse não passou da mais pura verdade. Aqueles conselhos não foram dele, mas de alguém superior que falava por ele, talvez, se isso seja verdadeiro, o meu anjo da guarda – que cretinice.

_ Chega um momento na vida que o sujeito precisa optar pelo lugar que quer no mundo. E estas decisões são para a vida toda.

Naquele instante entrou na sala Irmã Henriqueta, serena e tranquila, sem seu sorriso, que naquele momento não era oportuno, e concordou com as palavras do Reverendo, mesmo não falando nada, apenas acenando com a cabeça. Caído, sem estimulo,

consegui erguer olhos e responder a terrível pergunta: de que lado você esta, meu filho?

_ Estou do lado certo Padre, do lado certo.

Os dois religiosos respiraram com alivio: finalmente eu tinha recobrado a consciência.

Tomei rumo de meu quarto, meu eterno confessor. Naquela noite algo morreu dentro de mim, talvez o amor. Depois daquilo mantive relacionamentos com várias mulheres sensacionais, mas jamais consegui tanta intensidade, tanta paixão como com Marlene.

Bem, esta é a vida, uma constante tomada de decisões e as mais duras são as mais acertadas.

De como a polícia encontrou a ossada de Marciano

Na semana de Páscoa, não lembro direito qual foi aquele ano, a polícia tomou o cabaré e deteve todas as mulheres. Soube dos detalhes por Tadinho, que juntamente com dois policiais e mais cinco homens, dentre os quais ele, participara da operação.

O Delegado chegou cinco horas da manhã, acordou a todas, algumas ainda com clientes. As mulheres foram colocadas sentadas na casa principal, do jeito que estavam, todas assustadas.

_ Cada vitela de puta, Jura. Tudo em pelo e de perna aberta, confidenciou Tadinho, quase ao pé do ouvido de Papai preservando-se para que Mamãe não ouvisse.

Papai apenas sorriu; não gostava do jeito como nosso vizinho narrava o caso, muito menos eu.

_ E o Jaime, interrompi, curioso do paradeiro do churrasqueiro.

_ Sumiu, ninguém viu o danado, respondeu-me.

Então com as moças todas na casa principal, o Delegado disse que só sairia de lá com a ossada do Marciano. E aterrorizou-as, a maioria sem saber de nada, algumas desconfiadas, cumplices de um mundo pequeno, o da morte.

_ Quanto mais demorar pior fica, e dispensava tabefes na cabeça das pequenas que choravam, dispondo de toda sorte de recursos psicológicos para obter seu intento.

O Delegado era um homem justo, conhecedor do ardil das cidades pequenas, afeito a poucas ocorrências. Finalmente uma em que precisava trabalhar. Um assassinato em sua jurisdição, um caso além de brigas com vizinhos, roubo de animais pequenos e encrencas esportivas. Agora sim um caso que poderia lhe tirar daquele buraco de cidade. Ele tinha a maldade da polícia, que ali se via muito superior, afinal estava diante de putas e assassinas; agravantes que o autorizava não medir esforços e consequências. Precisava de resultados e os teria.

_ Quem é a dona daqui, perguntou ante o silêncio geral.

Maninha levantou-se, deu um passo a frente e contestou aquela atitude bizarra; argumentou que tinha direitos, que estava indignada, tudo. Irritou o Delegado que deu-lhe um tabefe jogando-a por sobre os homens que faziam circulo em torno das moças. Diante da brutalidade do policial, todas começaram a chorar; o medo tomou conta: objetivo era esse mesmo, apavorar.

Então se aproximou de Maninha que se recompunha e disse:

_ Escuta aqui sua puta: seu pai é um homem de bem, sorte tua. E o único direito que tu vai ter aqui é falar onde tá o corpo do Marciano, senão arranco todas suas unhas, e deu outro tapa, mais forte que o anterior, fazendo-a sangrar.

Enquanto o Delegado interrogava os policiais bolinavam as meninas; chutes leves, puxadas de cabelo, dedo nos olhos... toda

sorte de pequenas dores, despejando seus desejos mais escrotos naquelas mulheres indefesas.

Algumas meninas protestavam contra Maninha. Jandira tomou a frente da demais e falou:

_ Se tu sabe fala. A gente não tem nada com isso. Não queremos apanhar nem ir pra cadeia. Fala logo sua cadela...

No vácuo de Jandira as demais iniciaram um sem número de xingamentos. A covardia se estampa com o medo, e no medo sugere a fuga, o desdém e a tomada do rumo seguro. O que fora amigo ontem, hoje entrega; promessas de fidelidade caem ao primeiro arroxo. O instinto de sobrevivência é mais agudo; sempre queremos viver, morrer jamais. É o que se pode conseguir, é o que se quer, é o que se precisa: estar do lado que ganha, não do bem, mas do vencedor.

_ Melhor abrir o bico, sugeriu o Delegado complacente. Daqui a pouco suas amigas pulam pra cima de ti.

Maninha aquietou-se ainda mais, baixou a cabeça como se aquilo fosse escondê-la. De um segundo a grande amiga se tornava carne para os cães. Vendo que não obtinha resultado, pois a mulher era dura, o Delegado exigiu que todas abrissem as pernas ao máximo, e a muita pancada conseguiu expor as vergonhas, se bem que sempre foram expostas, para aqueles homens ávidos. E a raiva delas aumentava; cada qual tinha lá suas reservas e eram mulheres enfim. Naquela humilhação extrema, atiravam as pedras primeiras na mulher responsável, atribuindo indevidamente uma culpa que não existia.

E em seguida o Delegado orientou que se não houvesse uma resposta imediata seus homens iriam violentar todas ali; saborear aquela conquista.

_ É capaz delas gostarem doutor, disse algum idiota, que Tadinho não disse quem era, mas supus que fosse ele.

O Delegado sabia que não era assim. Cada uma tinha sua honra, que fosse enlameada pelos anos de trabalho, mas tinha qualquer coisa guardada no fundo de suas almas que não se permitia abusar daquela maneira; o estupro tiraria o restante do pouco que lhes restava de virtudes. Gostar? Somente um idiota poderia imaginar tal.

Vencida Maninha concordou em levar a polícia ao local. Pediu que liberasse as moças, primeiro.

_ Nada, apenas podem fechar as pernas. Quando voltarmos com tudo esclarecido eu solto todo mundo.

E assim puderam se recompor; cada qual tomou seu canto de cabeça baixa. Se não ocorreu a humilhação toda, pelo menos meia humilhação se fez naquela manhã. Uma comitiva seguiu para beira do rio.

_ Fiquei eu e um PM cuidando da mulherada, gabou-se Tadinho. Daí brincamos um pouco com as moças, nada muito sério, pois o delegado não quis. O PM deu umas enfiadas de dedo naquela Jandira e eu apalpei o peito da filha do Pholman.

_ A Marlene, perguntei assustado, imaginando o que aquele canalha teria feito com ela.

_ É, aquela gostosa. Como pode uma mulher daquelas virar puta, confessou sem imaginar o quanto eu queria quebrar-lhe o pescoço.

Nunca mais fui com a cara de Tadinho. Ao vê-lo desviava, procurava um canto onde não estivesse. Não consiguia imaginar ele mexendo com ela, fazendo-a sofrer, com aquelas mãos grandes e podres. Mantenho minha postura até hoje.

Encontraram a ossada na Beira do Rio sob uma taipa de pedras. Maninha confessou tudo: Marciano discutira certa noite com Jaime sobre um determinado pagamento que não havia feito. O pequeno era dado a não pagar direito e tentou ludibriar o gaúcho, logo ele, homem fadado aos grandes enfrentamentos disse que não

se deixaria lograr por um negrinho daqueles. E o negócio ficou feio. Marciano tentou se armar, mas antes disso o churrasqueiro lhe feriu de morte. Em seguida agarrou o corpo e o enterrou. Em principio Maninha pensou em denunciá-lo, no entanto viu o caminho livre e o inconveniente tinha sido afastado. Ademais quem sabia daquilo era apenas ela. Então calou e se beneficiou com a tragédia.

Maninha foi levada presa e condenada por cumplicidade. O cabaré permaneceu, com Marlene no comando, que declarou que tudo continuaria como era antes, até a dona sair da cadeia. De repente bateu o remorso e as meninas se prontificaram em manter a casa, proporcionando uma vida melhor pra cafetina enquanto presa.

Se de tudo que é trágico sobram lições, para as beatas sobrou o gosto amargo da derrota. Não concluíram o intento de fechar a casa, apenas encontraram o crime e uma responsável. Mas a luxuria continuaria, da mesma maneira, pois o Delgado não tinha intenção de mais. E o Padre perdia assim a única chance de não enterrar de vez contra o cabaré.

Depois de todo o falatório, a poeira baixou e o movimento prosseguiu: a ferida sempre cicatriza, embora deixe marcas.

Mas uma mulher não esqueceu: Alair.

Do sermão do Padre na Linha Rosário

Na véspera de Páscoa o Padre fez questão de celebrar a missa na comunidade de Linha Rosário - foi a desforra. Chegamos meia hora antes, como de costume. Os religiosos cumprimentaram a todos, sem exceção, enquanto fui preparar a liturgia.

Não sabia o que estava preparado e mantive minha postura, como sempre, ante aqueles olhares estranhos. A Igreja estava apinhada de gente, todos na expectativa do sermão do Padre. Após os cumprimentos gerais, todos foram chamados, com o pretexto de que outras comunidades precisavam ser atendidas. O sino tocou e cada qual tomou seu assento.

Os Slavieros não compareceram, nem os Pholmans, ademais todos estavam lá com Odila e Alair postas diante do altar tão vidradas que nem um terremoto as moveria dali.

Na verdade o Padre queria acabar com o mal estar causado pela sua demora em tomar partido, que o desgastara demais. Precisava reverter, retomar seus fieis, sua gente, seu rebanho. Aquele povo medíocre era o que liderava – cada qual com sua potencialidade, faz aquilo que Deus permite e se lhe era permitido ser o conselheiro espiritual daquilo, que pelo menos estivessem do seu lado. Baixar a poeira, tomar as rédeas e fazer com que a vidinha de seus paroquianos voltasse ao normal, nada mais. Dar aos seus ocupações, além de ficar cuidando sua vida pessoal; afastar tantos olhos que o indemnizavam.

No Evangelho o Padre expôs uma passagem curta de Josué 6. “Não desprezem nenhuma parte desta Lei para que ainda não se misturem com estes povos que ainda vivem estre vocês.”

Tomou fôlego e ante ao silencio absoluto que fazia na capela, iniciou seu sermão:

_ Meus caros. Sempre começava com “meus caros”, cruzava as mãos sobre o púlpito e olhava firme para sua plateia. Somos conhecedores da Lei, afinal fomos batizados e crismados. Estivemos em um catecismo que nos orientou. Nossos pais nos orientaram, então conhecemos a Lei. E a Lei pede em seu primeiro mandamento amar ao Senhor Nosso Deus. Amar aqui, meus filhos, consiste em muitas coisas, dentre as quais obediência e temor a Deus. Sim, Deus nos quer obedientes e nesta obediência consiste em não reclamar de seus designíos, que nem sempre são da maneira como queremos. Deus age, nós aceitamos. E olhou direto pra Dona Odila, dando a ela aquele primeiro tapa. Aqui, nesta Igreja temos pessoas que infelizmente não compreendem ainda como age o Senhor. Exigem pressa, força, maldade até. Mas o Senhor age a sua maneira. E quando o Senhor escolhe seus representantes, como este Padre aqui, sabe que tem um ungido, homem que irá agir em conformidade com a Lei. Então respeitar um Padre é temer a Deus, acima de tudo respeitar o primeiro mandamento.

Tomou fôlego e seguiu, estava ganhando, bastava arrematar.

_ Quando surgiram os pedidos justos, sim, justos, para que interferíssemos naquele lugar... Não falou, deu a entender que falar pecaria. Bem, lá naquela casa, imediatamente tomamos a decisão de agir. Agir sim, dentro daquilo que Ele, e apontou para o teto, nos orientava. Em nossas orações pedi orientação divina e ela veio. Há, mas aqui ninguém entendeu. A maioria que estava por dentro berrou, xingou, alardeou, deu com a maledicência e flertou com o Diabo! E nisso gritou, berrou. A palavra Diabo ecoou pela Igreja, arrancando sinas da cruz de muitas senhoras e assustando crianças. Sim, quem berra com Deus, flerta com Ele. Então não conhece a Lei e sendo assim partilha o mal.

Recompôs-se e após mais um olhar por toda a Igreja retomou no mesmo tom.

_ Agora falarei do Sacrifício. Sim, meus caros, quem conhece a Lei conhece o sacrifício. Quem segue a Lei sacrifica-se. Quem mais se sacrificou do que Nosso Senhor Jesus Cristo? Quem? Ele, o homem mais puro que pisou nesta terra bendita, esteve entre ladrões e prostitutas. Quem era Maria Madalena, meus caros, senão uma prostituta? Lembram disso? Ele andou com todos. E me pergunto: quem somos nós pra refugarmos andar ao lado dos pecadores? Qual é a grandeza que nos cabe para andarmos jogando pureza que não nos cabe. Somos melhores que Nosso Salvador? Não, meus caros. Não somos dignos nem de amarrar as sandálias Dele. Nem de lavar seus pés. No entanto agimos como se assim fossemos. E quando a oportunidade de ao menos pormos a Lei em ação, corremos para o lado contrário. O Padre estava particularmente inspirado, nesta última frase olhou pra Papai que se mantinha arrojado em seu banco. Sim, falava eu do sacrifício. Diante de tal gravidade eu, sob orientação Dele, enviei um seminarista para aquele lugar. A Igreja toda se voltou pra mim. Quase caí sentado. Este bravo servidor do Senhor tomou a tarefa e foi, mesmo achocalhado pelas pessoas “santas”, e sinalizou entre aspas com as mãos; seguiu. Mesmo contrariando a própria família, foi em frente. Pois ele não estava servindo outro que não Deus. Enquanto estávamos aguardando o resultado, tantas, tantas vezes abriram a boca pra falar de nós. Sim. E olhou pra Odila e Alair. Falaram, mas falaram muito, meus caros, se saber que agíamos da maneira obediente que Ele nos mandou. E lá estava nosso enviado trabalhando sob palavras duras, mas cumprindo com a determinação Dele.

A Igreja agora virava os olhos para as beatas. Me contive; foi muita alegria ver aquelas mulheres engolindo caladas suas malevolências.

_ E assim, na sequencia de nosso planejamento, enviamos outra desvelada cumpridora de tudo que o Senhor manda. Uma filha escolhida e talhada para o sacrifício. Imaginem o quanto é duro para uma mulher abdicar de uma família, se um marido, de uma vida comum para servir a Jesus. É para poucas. E quando orientada a ir ao lugar, levar o Evangelho e buscar naquelas pessoas que lá

estavam alguma salvação, não hesitou. Não levou em conta o que falariam; o que diriam aquelas sem coragem. Foi. E sabe o que disseram? Que partilhávamos daquilo. Nós escolhidos de Deus partilhando com o Diabo! Novamente ecoou pela Igreja. Malditas línguas afiadas pelo Demônio! Mas quem tem Deus não se abaixa, não teme. Irmã Fidelma e Clodoaldo não temeram; cumpriram suas missões e vejam o resultado: dois assassinos desmascarados. Este é o trabalho do Senhor.

Se o Padre tivesse parado seu sermão neste momento talvez o pior não tivesse ocorrido. No entanto ele quis finalizar, dar a palmatória e engrandecer diante daqueles que já nos idolatravam.

_ Porém não acabou. Ainda restam ervas daninhas lá. E fiquem certos, meus caros, que a Igreja continuará sua luta, da maneira do Senhor. Precisamos arrancar a erva e queimá-la para que não renasça. O inço carece de enxada e fogo. Fogo! Mas fogo do espirito de Deus, que queima definitivamente o mal. Amém!

Quando o Padre disse fogo, os olhos de Alair brilharam. Sorriu - quase riu - fato estranho, mas se apossou de uma alegria tola, um ar espontâneo de vida que nunca tinha visto nela. A virgem estava feliz, tinha encontrado a maneira para se purificar.

No final da missa o clima era amistoso. Tínhamos ganhado o jogo pela habilidade verbal do Padre. As pessoas só precisam de uma boa história para amar, nada além. Sabemos que nada do que o Padre relatou ocorreu, tudo fora obra do acaso - então Deus - sem qualquer noção de que acabaria daquela maneira. Em toda a história as guerras são contadas pelos vitoriosos, com o verniz da espada gloriosa. Aos alheios cabe bem um conto e assim se fez.

Recebi reiterados convites para almoços e jantares; Irmã Fidelma foi elogiada; Irmã Henriqueta, conhecedora da verdade, calou-se, afinal ela sabia que seu Deus agia de forma estranha.

Tudo foi bem, até a noite de Páscoa.

De como colocaram fogo no Cabaré Rei

Após a missa pedi autorização ao Padre para ficar com minha família e passar a noite de Páscoa. Nestas comemorações Mamãe preparava comidas a base de porco, com ornamentos da comida italiana e o bom vinho que Papai preparava todo ano. Não tinha ânimo para festa alguma, porém minha família tinha sido tão compreensiva comigo que relutei em seguir na maratona de missas que tínhamos naqueles dias festivos.

Jantamos com tranquilidade; Mamãe estava alegre, Papai brincalhão, enquanto eu taciturno. Terminei e me retirei para o sótão onde tínhamos o quarto coletivo que dividia com meus irmãos e fui a janela, de onde podia ver o movimento no Cabaré Rei. Tudo parecia estar normal por lá; veículos entravam e saiam a todo instante, gente bebia e cantava, nenhum vestígio da tragédia. A dor passa rápido onde a alegria está, mesmo estas alegria compradas a preço de ouro e de amores baratos. Imaginei o que ela estaria fazendo naquele instante. Talvez com alguém, por certo que sim, ou sozinha no quarto relembrando de algum tempo de infância quando esperava pelo Coelho com um presente, uma bonequinha qualquer para encher seu dia e torna-la a mãezinha querida, ornamentando aquele pequeno ser com vestidos de renda e apresenta-la noutro dia para todos os passantes como “minha filha”. Sim, e recebia

elogios por suas mãozinhas perfeitas e tão lisinhas, rápidas nas trocas de roupas - que bela mãe seria aquela menina. Aí, ela seria uma boa mãe sim. Podia vê-la barriguda, andando devagar, cuidando do menino em seu útero; um belo mancebo branquinho igual a ela, chorando pela casa, crescendo e correndo atrás do pai e do avô quando saíssem pra caçar lebres. Logo viriam as primeiras letrinhas, as travessuras todas e atrás uma menininha, deixando sua mulher gorda, mal humorada para logo tornar a ser a linda esposa.

Aqueles pensares me arrancaram sorrisos, alucinações que me levaram para o sono em sonhos onde as estrelas se aproximaram de meu quarto, proporcionando calor e luz, luz intensa que cegaram meus olhos, e alguns gritos distantes...

_ O cabaré tá pegando fogo, berrou Papai.

Saltei da cama e fui à janela. Havia um clarão enorme pelos lados do cabaré. Gritos e muito fogo. Vesti o que tinha a mão e parti atrás de meu pai que corria a frente. Cheguei na entrada onde um grupo enorme de gente se atravancava pra ver as chamas. Cada qual mais espantado com a agressividade do fogo. Alguns tentaram com água, porém não conseguiram êxito. Havia sido utilizada gasolina e as chamas tomaram rapidamente as casas de madeira. Os poucos baldes com água não resolviam nada, colocando em risco a vida daqueles bravos homens. A solidariedade foi instantânea; mesmo com o local difamado, muitos se esforçavam para reverte a situação, sem sucesso.

Tomei a frente em busca de Marlene; onde ela estaria? Olhei para todos os lados não a vi. No meio da subida que compunha a estrada estava Jandira sendo socorrida por dois homens que não reconheci naquele momento. Chorava muito, berrava que tinham incendiado todas as casas, alguém colocara gasolina e tudo foi depressa sem que ninguém pudesse fazer nada.

_ Trancaram a casa grande e tem um monte de gente dentro. Havia mulheres morrendo queimadas.

Entrei em pânico; Marlene podia estar lá. Não precisou perguntar. Ao me ver Jandira confirmou minhas suspeitas.

_ Trancaram a casa grande, Marlene estava dentro. Acho que morreu queimada, mal conseguiu concluir e tornou a chorar.

Alguma emoção são tão intensas que não existe palavras para defini-las: são escabrosas, duras e doloridas. Sentei-me sem coragem, apenas olhando para a casa central em chamas.

De repente um corpo em chamas saiu de dentro da casa gritando por socorro. Levantei-me e desci na direção daquelas labaredas ambulantes. Com um pedaço da camisa tentei apagar, mas a cada batida que eu dava se desprendia um pedaço de carne, agravando a situação dela. Os cabelos estavam praticamente todos queimados, apenas os grandes olhos verdes entoavam naquela claridade – era ela. Marlene, caiu em meus braços. Com algum esforço consegui apagar totalmente as chamas, mas ela se desmanchava em casa toque, cada movimento; estava cozida, com queimaduras por todo o corpo, praticamente um tição. Viveu apenas pra o suficiente pra num ultimo sorriso me brindar:

_ Você veio bebê! Virou a cabeça pra o lado e morreu sorrindo.

Agarrei-a com força, num abraço que arrancou ainda mais carnes, misturando ao meu peito, cada vez mais deteriorado. Nada tinha dela, apenas seus olhos lindos que nunca morreram.

Alguns dos que estava à beira da estrada desceram; meu pai seguiu e veio a mim. Soltei o corpo de Marlene com cuidado e um lençol surgiu para cobri-la. Voltei alguns passos e me sentei. Houve silencio. A dor cobriu a todos; a morte sempre une laços, converge opiniões e purifica espíritos. Mostra nossa pequenez e mazelas que mantemos anos a fio, até que lembrar-nos que nossa hora chegará de uma maneira ou de outra. Sorte daqueles que queimam a carne purificando a alma.

Se Marlene pecou em vida, num único lance purificou-se. Isso é dado aos anjos, subir ao céu e estar limpo, sem máculas, sem marcas da vida – ela virou Santa naquela noite.

Enquanto as chamas consumiam o que restava do cabaré, voltei-me para a ponte onde algumas mulheres assistiam ao

incêndio. Dentre elas, a maioria beatas de dona Odila, estava Alair encandecendo tal as chamas tamanha alegria. Sem conter-se gritou a todos pulmões “Fogo!. Fogo do espirito santo!” Em seguida sorriu pra mim, vencedora, sarcástica, num único momento de alegria que completava aquela sua vidinha medíocre.

Todas as forças do mundo se apossaram de mim. Só a vi em minha frente. Mirei o tamanho da ponte e a facilidade com que a jogaria pra baixo. Acabaria com a vida daquela assassina miserável.

Quando dei dois passos Papai me conteve de forma veemente. Diante de minha insistência deu-me um tapa nos rosto e aos empurrões ordenou que fossemos pra casa.

_ Chega! Vamos pra casa, aqui não tem mais nada pra tu, e foi me levando a pular a cerca de arrame farpado ao redor do potreiro do Armelindo de Freitas, atalho para nossa casa, evitando a estrada e o encontro meu com Alair.

Aos trancos cheguei em casa desesperado. Não tinha nada pra mim naquele lugar. Papai tinha razão.

Não soube se houve investigação, ou algum esforço para descobrir o criminoso. O bem da verdade aquele incêndio cumpriu o dever de eliminar o incomodo daquelas boas famílias rosarienses. Um mal necessário, uma chaga eliminada e um fim trágico, para as moças. A única a morrer foi Marlene, enterrada dias depois no cemitério de Linha Rosário, onde um dia ela, com seus grandes olhos verdes de gata, perguntou se eu a achava bonita.

Não consegui ir ao enterro.

Do que restou do Cabaré Rei

Passei a noite sem dormir e quando o sol me pegou eu fedia. Mamãe, ao me ver naquele estado, me levou pro banheiro e me ajudou com o banho. A carne queimada tinha impregnado em minhas roupas, e levou muito tempo para que conseguisse tirar todos os pedaços, mas o cheiro não queria sair. Carne maldita! Mamãe esfregava com força, estava arrancando de mim não somente a sujeira, mas as lembranças, o resto de minha perdição, o resto de meu amor que teimava em ficar.

Do cabaré restou apenas o grande letreiro que não foi consumido, manteve-se imponente, acendendo nossas lembranças. O restante virou cinzas. Triste, desolador.

E o tempo passou, ajustou as coisas, como sempre faz: dando a cada um seu merecimento, cicatrizando as feridas e apagando as dores. Dei pra viver triste, sem ânimo pra mais nada e seguindo o conselho de Irmã Henriqueta me empenhei ainda mais no trabalho, nas leituras e penitências. E com o tempo meu coração amenizou, consegui dormir algumas noites em paz, sereno em orações e pedidos.

Tudo parecia serenar quando recebi a notícia de que Alair iria se casar. Um senhor de quarenta e nove anos tinha se encantado com ela e os tramites foram rápidos. Ela tinha pressa, precisava prender alguém naquele coração maldoso. Me incomodei com aquilo – uma bruxa como ela não tinha direito a felicidade. Não presenciei o casamento, mesmo tendo recebido convite: Papai e Mamãe foram e narraram a alegria dela, o vestido, as flores e tudo mais. Eu não aguentei tanta felicidade, tinha ódio daquela criatura; temia se a encontrasse. Não conseguia esquecer.

E chegou a outra Páscoa, quando se espalhou que uma alma penada andava pelo Cabaré Rei. Fora vista por várias pessoas, vestia branco da cabeça aos pés e seus olhos, verdes, brilhavam de cegar. Foi muito comentado, tanto que chegou ao Seminário, com defesas ferrenhas pelo sim e não. Irmã Fidelma acreditava em almas penadas e dava aulas bíblicas onde confirmava que os espíritos existem. Irmã Henriqueta não descartava a possibilidade, no entanto dava que se precisava tomar cuidado com as crendices e

alucinações. Acompanhei a tudo com redobrada atenção. Suspeitava de quem fosse Marlene passeando pela ponte, sem descanso, sozinha....

_ Mas aparece somente na noite de Páscoa, disse Tadinho, o sabe-tudo da Linha Rosário, na mesma noite que ocorreu o incêndio.

Fui ao Cabaré no dia de Páscoa, mas não vi nada. “ Ela aparece somente na véspera, um dia antes do incêndio”, repetia em minha cabeça. Chamei muito e não apareceu ninguém. Resolvi voltar, antes que alguém me visse e me tomasse por louco.

Ao chegar no Seminário Irmã Fidelma comentava que Alair estava grávida, teria o filho em seis meses. Como? Como poderia uma pessoa daquelas ter um filho? Nasceria um monstro por certo.

De como foi a vida depois

Fiquei no Seminário até final daquele ano. Precisava decidir se seguiria vida eclesiástica ou a vida comum. Após os incidentes no Cabaré Irmã Henriqueta consolou-me, deu todos os conselhos e mostrou a grandeza de me tornar Padre, seguir sendo um homem de Deus. No entanto meu coração ainda estava carregado de ódio, sem condições de seguir servindo a Deus com aquele sentimento.

_ Querido, se foi ela mesmo o Senhor a castigará. Não se preocupe. Não carregue este peso na sua alma, vai te atrapalhar. Siga sua vida em paz.

Na semana seguinte Alair teve seu filho, uma linda menina, olhos grandes e azuis – não entendi Deus naquele dia. Esperava uma criança defeituosa, no entanto soube dos atributos incríveis daquele bebê com dor e remorso. Que monstruosidade querer mal a

um inocente, atingir a mãe pela filha: um crápula. Me envergonho de ter querido aquilo e principalmente de duvidar de Deus e seus princípios.

Numa tarde quando eu passava pela Praça Imigrantes vi Alair com seu bebê, radiante e carregada de elogios – a pequena era linda. Quanta indignação; a alegria nela e a tristeza em mim... Larguei o Seminário, era véspera de Páscoa.

Mas Deus não dorme.

Eu estava com Mamãe em casa repensando o que fazer e lembrei-me da data: véspera de Páscoa, dia em que Marlene apareceria. Sem muitas explicações parti para o Cabaré. A cada dia que passava ficava mais sombrio, senti medo e desejo de vê-la. Sentei-me na banca sob duas canafistolas e aguardei. Enquanto o tempo passava o frio aumentava, e a idiotice daquilo tudo – como eu acreditava naquilo, minha vontade de vê-la era tanta que não media consequências do ridículo que estava passando.

Prestes a desistir o vento aumentou, a brisa tornou-se gelada e a noite caiu forte, escondendo totalmente a lua. Gelei por completo da cabeça aos pés. Pensei em correr imediatamente. Queria tanto vê-la, mas agora que a sentia estava tremendo, apavorado - seria verdade, seria ela?

Tive a sensação de que tinha alguém em minhas costas, cada vez mais próximo. Em pé temi virar o rosto, de tudo, mas a ideia de um fantasma me espreitando não me agradava.

_ Veio me ver bebê, disse a meia voz, suave com uma lira. De repente o medo desapareceu, calmamente virei e dei com ela, de branco, os mesmos olhos grandes e verdes, sorriso angelical e jovem. Ela não tinha nada de machucado, seu corpo estava intacto, poderia senti-la, tocá-la – estava viva.

Chorei sem parar. Não contive a emoção daquele reencontro, derramei todas as lagrimas guardadas em dois anos, que sucederam tantas mudanças e tão poucas esperanças. Disse-lhe algo, ela respondeu, nem lembro mais o que foi, creio que tenha

sido “ você está viva”, respondeu que não, estava morta, e apenas errava sem paz pelo Iracema, com sua recordações. E segui com meus pedidos, todos jogados um após o outro, sem noção de que falava tão rápido que não me fazia entender direito, era um emaranhado de conjecturas do que poderíamos ter sido, feito, os riscos que não precisávamos ter corrido... a vida que eu sonhei com ela.

_ Não podemos voltar no tempo, bebê. Agora eu tô aqui e tu ali. Precisa seguir tua vida. EU sou uma morta, lembra? E nada vai mudar...

Me desesperei, fiquei de joelhos, implorei por ela comigo, pedi que voltasse pra mim que não conseguia viver sem ela e outras lamurias tolas.

Não me disse nada, apenas passou sua mão pelo meu rosto: me apavorei, estava gelada. Não tinha calor nenhuma, nenhuma vida – macabro. Caí sentado e me dei conta de quanto eu estava atônito, dominado por aquela noite. Em seguida ela sorriu e entrou no Rio Iracema, sem qualquer outra palavra.

A noite me pegou sentado, assustado. O tempo tinha passado depressa. Recordei que deixara Mamãe sozinha e deveria estar preocupada; voltei correndo pra casa tremendo de frio e a chuva caiu impiedosamente, obrigando-nos a vestirmos roupas compridas. Nunca revelei aquele encontro.

O ano passou e a filha de Alair crescia, como meu ódio por ela.

Em meados da outra Páscoa conheci Maristela. Era amiga de meu irmão Rivaldo, esteve a procura dele, não encontrando deixou recado para que ele a procurasse, “ e você também, se quiser” disse-me. Em poucos dias estávamos namorando.

_ Você deve casar com ela, é uma boa moça, aconselhou-me Marlene na véspera de Páscoa seguinte, quando fui vê-la. Agora fiquei a distância, sem tocá-la, tive medo dela, senti calafrios quando ela se aproximou. Ela percebeu e sorriu. Bebê, tu tá lindo, assim assustadinho.

Noivei, mas não me casei, não estava pronto e não tinha o amor necessário para levar Maristela ao altar.

Enquanto isso o mundo girava e certa tarde a filha de Alair, então com quase três anos caiu dentro de um tacho com melado quente. Teve queimaduras de terceiro grau por todo o corpo – Deus trabalhava. Soube pela Irmã Henriqueta, quando fui ao Seminário; a menina estava no Hospital toda enfaixada e Alair internada com depressão. Recebi a notícia como um baque. Finalmente tinha acontecido, eu não pude conter a culpa. Sempre desejei mal aquela pequena e agora que ocorreu me sentia o último dos homens. Deus, como puder querer aquilo?

Irmã Henriqueta percebeu meu desconsolo e interviu:

_ Não se culpe. Você não fez nada. Nenhum fio de cabelo caí por terra sem que ele queira. Você não tem culpa do que ocorreu com aquela criança.

A criança ficou viva por mais um ano, internada no hospital; mal podia ser tocada. Alair era todo cuidados e foram extremos sacrifícios para todos a família.

_ Coitadinha dela, bebê. Não devia ter pensado assim, tão mal. Vai visitar ela e leve flores, rosas brancas que iriei com as rosas levar paz aquelas almas sofridas, disse-me Marlene na Páscoa do quarto ano.

Falou comigo sem qualquer rancor, palavras sinceras, mãos estendidas para reconciliação.

Pedi a Irmã Fidelma pra me acompanhar, não tive coragem pra encarar sozinho. No hospital fui recebido com surpresa por Alair. Tive muita pena dela e da criança principalmente. Mesmo em carne viva a pequena virava os olhinhos nos procurando. Irmã Fidelma orou e chorou, puder ver seus olhos marejados e uma lágrima me escapou também. Dei as flores pra Alair, que não soube o que fazer com elas, recebeu num sorriso triste, agradeceu e pôs do lado do berço. Não falei, se falasse iria chorar; apenas permaneci um tempo pequeno e saí depressa profundamente envergonhado.

Na manhã seguinte a menina morreu: chorei sozinho em meu quarto, sem dar minhas lágrimas a vista de ninguém. Finalmente tivemos paz.

No quinto ano de Páscoa me casei. Maristela estava cada vez mais linda. Não a amei como merecia, mas foi uma boa mulher pra mim, a melhor escolha pra minha vida conturbada. Trabalhei algum tempo na Cooperativa e no sexto ano fui convidado a ir para o Mato Grosso cuidar de uma indústria de carrocerias que meu tio implantou na cidade de Nova Mutum. Receberia cinco vezes mais. Mamãe foi contra, Papai indiferente e Maristela topou. Fomos.

Com os anos as lembranças enfraqueceram. Vez por outra me tomava de nostalgia, mas a dedicação de Maristela e uma filha que veio de reboque tomaram meus dias, além do trabalho extenuante. Assim me ajeitei e sofri menos.

Padre Leonardo e Irmã Fidelma deixaram a vida religiosa e casaram-se. Soube que moravam em Xanxerê e tiveram muitos filhos. Irmã Henriqueta permaneceu como Professora e acabou Diretora do Colégio Dom Pedro II. Outros Padres vieram e ela serviu como boa Freira que foi. Nunca mais os vi; cada qual tomou seu canto e todas as vezes que fui pra Caibi, que foram poucas, não encontrei Irmã Henriqueta. Destino.

De como encontrei Jaime o churrasqueiro

Anos depois toda nossa família saiu de Caibi para o Mato Grosso; compramos terras e nos dedicamos a agricultura – Caibi e suas dores ficaram pra trás, embora nunca tenha me deixado em paz.

Num dia eu e Papai decidimos ver umas terras que estavam à venda num município novo no Norte. Parei o carro numa funilaria a beira da estrada para pedir informações. Um sujeito grande estava batendo uma barra de ferro, fazia muito barulho, obrigando-me a gritar:

_ Ei amigo, uma informação, por favor.

De dentro do galpão apareceu Jaime. Estava do mesmo jeito; o tempo não passou pra ele, continuava vestindo bombachas, lenço e seu chapéu de couro. Ao me reconhecer ficou branco e indeciso. Aguardou minha reação, fiquei pasmo, mas não fiz menção de que tivesse reparado nele e segui.

_ Estamos indo pra Nova Ubiratam, qual estrada pegamos?

_ Mas bá!. Pegue depois da curva a esquerda e vai dar nela.

Parti sem deixar nenhum vestígio que o tinha reconhecido. Pelo retrovisor o vi tornar ao galpão rapidamente.

_ Era ele, não era, disse-me Papai.

_ Sim, era, mas vamos esquecer, não quero mais recordar aquilo.

_ Claro, filho, deixa esse homem pra lá.

Quando retornamos o galpão estava fechado; não olhei pra lugar algum, creio que ele tenha sumido no mundo; pequeno mundo dos reencontros.

Final: tudo tem um fim um dia, até a ilusão

E a vida seguiu como Marlene tinha previsto. Com o tempo me apeguei à família e a esqueci. Vez por outra na Páscoa recordava dela, não mais com sofreguidão, mas uma pequena saudade, dor fina que teimava em se manter.

E a cada três ano deixava o Mato Grosso pra visitar familiares no Sul. Num desses anos, acho que dezoito anos depois, deixei Maristela na casa de meu sogro e fui ver o Cabaré; nem sei por que deu aquela saudade: um descuido que me dei ao luxo.

Tudo estava mudado; a Prefeitura tinha transformado o local em área de lazer com chalupas sofisticadas e represado o rio criando piscinas naturais, proporcionando uma estação de descanso lotada de gente. No entanto o velho arco permanecia intacto. Mantinha-se com única lembrança de outrora, resquício do tempo que nunca mais voltaria - a modernidade tinha tomado conta, matado o passado como sempre faz. Mas o arco permaneceu, ninguém teve coragem de arranca-lo, inexplicavelmente.

Sentei-me uma mesa e uma senhora veio me atender.

_ Pois não?

Olhei aquela figura de cima abaixo, a conhecia de algum lugar. Ela também me encarou e disse-me que eu não era estranho.

_ Quem a senhora, indaguei.

_ Sou Jandira Lopes, e o Senhor?

Levantei-me a abracei. A boa Jandira agora era garçonete naquele lugar. Ficou tão feliz em me ver que sentou-se a mesa esquecida de meu pedido; quis saber de tudo a meu respeito. Relatei brevemente minha vida atual. Quanto a ela tinha casado com Angelo Mucelim, irmã do Tadinho e trabalhava na estação. Tinha dois filhos e morava na cidade na casa de sua mãe. Era uma senhora.

Quanto a Maninha tinha sido solta cinco anos depois e nunca mais soubera dela. As demais moças se mandaram pra outras freguesias

e o tal Jaime estava sumido. Não mencionei que o tinha visto. Demais, as coisa continuavam calmas; a vidinha sossegada e a paz reinava por aqueles recantos.

Enquanto conversávamos um grupo de meninas brincavam perto da nossa mesa, dentre elas uma loira me chamou atenção. Saiu do grupo e veio em nossa direção. Era de uma beleza escultural, olhos verdes e grandes, jeito matreiro e desinibido, seios firmes e pernas grandes para seus treze anos.

_ Jandira, queremos mais uma.

_ Tá, respondeu Jandira, pedindo licença pra buscar uma cerveja pra Marlene.

Fixei o olhar na moça, as semelhanças eram enormes, a Marlene atual era mais forte, mais mulherão, mas com a mesma meiguice e os olhos verdes, sob sobrancelhas grandes de rainha. Ela percebeu minha indecisão e deve ter confundido com uma paquera. Tomou a iniciativa.

_ O senhor não é daqui, moço?

_ Sou sim. Morei muito tempo naquela casa azul lá, e apontei a antiga casa de meus pais.

_ Mas nunca te vi.

_ É faz algum tempo que estou no Mato Grosso, respondi com gentileza.

_ É perto de São Paulo?

_ Não, nem tanto assim.

_ Eu queria tanto ser atriz e morar em São Paulo, e rodopiou sobre os calcanhares.

_ Seria uma bela atriz, disse-lhe encantado com a leveza da moça.

Ela me encarrou e nisso vi Marlene reencarnada com a sua voz aveludada:

_ Você me acha bonita?

Como aquela pergunta ainda mexia comigo. Que face tem o Diabo pra refazer nossas dores eternas. Sim, ela era bonita, mas meus devaneios foram cortados por Jandira, como fizera em outros tempos.

_ Sua cerveja, menina.

Ela tomou a garrafa devagar, sabedora do poder que exercia sobre mim e voltou pra sua turma.

_ Se quiser pode beber com a gente, senhor, convidou-me matreira.

Agradeci com vontade de segui-la, mas contive-me, afinal tem coisas que não se pode querer mais. Eu estava com quarenta anos e dominava melhor meus impulsos. Não teria mais fôlego para aquelas águas.

_ Quem é ela, perguntei a Jandira.

_ É a Marlene, filha daquela Alair. Doidinha e galinha que só.

Após a morte da pequena queimada Alair tivera aquela menina, a reprodução mais perfeita do que ela nunca quis.

É Deus realmente agiu com todo o zelo.

_ Aquela lá tá pagando o que fez com a gente, concluiu Jandira.

Depois de tantos anos o passado batia a minha porta com toda a força. Pensei que tivesse morrido com o incêndio, porém apenas estava ganhando tempo, preparando o futuro, plantando para colheita. E surgiu de toda a pujança, vivo, corredio e altaneiro. A vida cruel, os tempos não param e a dor permeia sempre.

Marlene se reconciliava com Alair; aquela criança representava o perdão, mas deixava sua marca, sua faceirice e desejos, para que a mãe, tão dita em virtudes, baixasse a cabeça e suportasse sua inimiga no corpo da filha. Uma menina morta e outra perdida. Sim, Deus não dormiu, cumpriu sua parte e de lambuja levou-me consigo.

E o dia se foi, a noite caiu, sem que eu desse conta. A visão daquela menina e alguma conversa de Jandira me pegaram sem rédeas. A medida que foi escurecendo os banhistas partiram pra suas casas: era véspera de Páscoa.

O tempo me alienou e sinceramente tinha me esquecido de vinte anos atrás, das cinco vezes que estive em companhia de minha eterna amada. Aquelas emoções mexeram demais com o meu espirito e os ossos enterrados ganharam vida, formaram um corpo e desse corpo as quenturas de um homem cansado. Como a desejei, “se quiser pode beber com a gente”. Quanto de arrependimento um homem pode suportar? Muito, tantos que leva uma existência com eles, enterrando-os consigo. Eu me arrependi. Não sei se a queria ou a quis por me levar a um mundo onde eu criei e nunca matei. Mas a desejei ardentemente por muito tempo.

De repente a noite gelou, as estrelas se apagaram, a brisa do rio subiu: silêncio absoluto! Alguns trabalhadores guardavam as mesas e cadeiras do balneário, mas estavam distantes, noutro lugar, eu sozinho, ao passo que alguém estava em minhas costas. “Que dia á hoje?” “Véspera de Páscoa”. Deus! Não é possível, esqueci.

Virei-me devagar e dei com os grandes olhos verdes: era ela. Sorriu e disse-me do mesmo jeito de sempre, levando-me de volta a vinte anos atrás:

_ Oh! Bebê, você voltou?

Naquele momento eu renasci.

Table of Contents

CabarÃ© Rei
Midpoint